

Poesias

de António Dinis da Cruz e Silva

TOMO II

Canto, quae solitus, si quando armenta uocabat,
Amphion Dircaeus in Actaeo Aracyntho

Virgil., Éclog. 2. v. 23 e 24

Molle atque facetum
Virgilio annuerunt gaudentes rure Camoenae

Horat., Satyr. Lib. 1. Satyr. 10 V. 44 e 45

DISSERTAÇÃO

*Sobre o estilo das Éclogas, para se recitar na Arcádia a 30 de Setembro de 1757.
Por Elpino Nonacriense*

Silvis deducti caueant, me iudice, Fauni,
Ne uelut innati triuiis, ac pene forenses,
Aut nimium teneris iuuenentur uersibus unquam;
Aut immunda crepent, ignominiosaque dicta.

Horat., in Poet. Vers. 244. et seq.

Havendo de discorrer hoje na vossa presença, Sábios Pastores do Ménalo ¹, por obrigação do emprego, a que me elevou a fortuna (nunca tão cega como nesta ocasião) sobre uma das partes da tão agradável como difícil Arte da Poesia, me parece que nenhuma podia escolher para objecto das minhas reflexões, nem mais proporcionada à agradável solidão deste monte, que tantas vezes se tem deleitado em repetir os vossos Cantos, nem mais conforme ao nosso rústico exercício, que aquela parte, a que chamam Poesia Pastoril, e que com tanta felicidade entre estes Pinheiros se exercita com inveja das Musas da Sicília.

O estilo, que se deve usar neste género de Poesia, tem sido matéria de largas disputas entre os Eruditos, e presentemente o será do meu Discurso: e suposto que estou cabalmente capacitado que este empenho excede muito as minhas forças, e que o tem sido dos maiores homens, que enobrecem a República das Letras, e que em vez do Cajado sempre sustentaram na mão a Pena; contudo confiado na benignidade, com que costumais a ouvir, e desculpar os meus erros, princípio a discorrer. O ardor da disputa me obrigará talvez a deixar aquela humildade de frases, com que a nossa singeleza se costuma explicar, e valer-me de alguns termos pouco usados entre a ditosa simplicidade de nossas Cabanas; e assim vos peço que na presente ocasião me não considereis como Elpino, um rústico guardador do Ménalo, mas como um homem, que contra o seu próprio conhecimento, e o que lhe dita a modéstia, se vê obrigado a discorrer sobre coisas mais elevadas, que estão muito distantes das suas ideias.

Enfadados os homens de viver na solidão dos bosques, e entre a aspereza das serras, começaram a tinir-se entre si, e a formar Povoações, onde com a comunicação fizessem mais suaves as suas fadigas. Os amadores da Poesia querem que à sua admirável eficácia se atribua uma tão proveitosa mudança; porém o certo é que entre as coisas mais estimáveis, que da simplicidade, e inocência da sua primeira vida trouxeram os homens para as Cidades, foi uma esta Soberana Arte. Tinha ela tido por berço a amenidade dos Prados; e entre o doce murmúrio das cristalinas Fontes, o sussurrar do brando vento, e o cantar das harmoniosas Aves tinha dado os primeiros passos; mas depois que entrou nos Povoados, começou a ter tão grande aumento, e tanta reputação,

¹ Esta primeira Dissertação sobre o estilo da Écloga, que Elpino recitou na Arcádia no ano de 1757, foi tirada de uma extensa carta, que ele havia escrito no ano antecedente a Teotónio Gomes de Carvalho sobre a mesma matéria. Acharam-se estes dois Escritos espalhados entre vários Apontamentos originaes do Autor, a tempo que a impressão deste volume estava quase concluída; por isso se imprimiu separadamente a Dissertação, a qual vai neste lugar, porque forma a primeira parte da Dissertação seguinte, que se achou na antiga Colecção original das Obras de Dinis, a que chamamos Colecção primeira.

que os primeiros homens daqueles venturosos Séculos a começaram a cultivar. Ao mesmo passo quê neles se iam extinguindo as relíquias duma criação bárbara, e agreste, se ia a Poesia reduzindo à sua maior perfeição. Ultimamente os Filósofos, e Sacerdotes a abraçaram; e deixando a humildade de seus primeiros objectos, começaram a tratar nela as matérias mais elevadas: os mistérios mais sublimes da sua Teologia, e os mais ocultos segredos da Natureza foram o assunto de seus Versos. Então se começaram a ouvir cantar os louvores das virtudes, a repreensão dos vícios, e as acções, que os Heróis obravam, dignas da imortalidade.

Estabelecida por este modo a Poesia nas Cidades, começou esta, que não é mais que uma imitação da Natureza, a dividir-se em duas espécies: uma, que tinha por objecto o imitar a vida do Campo, a que por isso se deu o nome de Poesia Pastoril; e outra, que se reduzia a tratar as acções, usos, e costumes dos Cidadãos, a que para distinção podemos chamar Poesia Urbana. Teve, e mereceu tanta aceitação esta primeira espécie de Poesia, talvez por ser um retrato daqueles primeiros Séculos, a que por suas delícias, e inocência chamaram de Ouro, que os maiores homens de todas as Nações se empenharam em cultivá-la. Teócrito, Virgílio, Camões, Tasso, Garcilasso, e Fontenelle dela fizeram as suas delícias. Escreveram estes grandes homens neste género com tanta suavidade, e delicadeza, que a todos, os que atentamente os lêem, de tal sorte deleitam, transportam, e arrebatam, que não há nenhum, que de boa vontade não deseje sacrificar todas as suas fortunas, só por se ver entre o sossego, e delícias que a fantasia dos Poetas com tanta evidência lhe soube pintar. Quem bem reflectir sobre os Idílios de Teócrito, verá que este insigne Poeta, sem ofender a delicadeza com frases toscas, e grosseiras, nem faltar à simplicidade com a demasiada cultura, soube representar no grau mais eminente da perfeição o carácter, e costumes dos Pastores. Esta foi a razão, por que dos seus Idílios se chegou a dizer que foram ditados pelas Graças, Vénus, e Amor.

Este modo de compor, que bastava ter pela sua parte a autoridade de um tão grande Mestre, como Teócrito, para ser venerado, não agradou a muitos prezados de Críticos, que lendo que a Poesia era uma imitação da Natureza, assentaram firmemente que se não pode chamar perfeita uma Écloga, nem imita a Natureza, se nela se não encontram infinitos barbarismos, e grande número de acções, e frases toscas, e grosseiras, a que eles dão o nome de estilo rústico. Um homem, que em quase todo o Portugal é respeitado como Oráculo da Poesia, e a quem, se não pode negar uma excelente fantasia, e um agudo engenho, dez são as Éclogas desse estilo, que deu à luz; e não contente com isto, no Prólogo delas, sem mais fundamento, ou autoridade, que a que supõe em si, magistralmente decide que as Éclogas, que se apartarem deste estilo, não merecem este nome; e logo empunhando a Vara Censória, despe da dignidade de Poetas Pastoris não menos que a Ferreira, Bernardes, Brito, Caiado, Camões, e entre eles o Divino Pastor do Míncio, Virgílio, a quem Boileau, que com tanto rigor exercitou ainda no nosso Século o seu critério, que de muitos foi chamado Satírico, propõe como exemplar nesta espécie de Poesia. Tanto pode o engano num espírito vaidoso!

A combater esta opinião me movem o crédito de tão grandes homens, com tanta soberba injuriado, e o conceito, que sempre formei da natureza da Poesia Bucólica: e para que mais facilmente o possa conseguir, exporei brevemente qual é o carácter desta espécie de Poesia, não conforme somente às minhas ideias, mas às dos melhores Autores, que desta matéria têm tratado, e que com aplauso são lidos de todos.

Como a Poesia não é mais que uma imitação da Natureza, tendo a Poesia Bucólica por objecto a vida dos Camponeses, e Pescadores, evidentemente se segue que é uma viva imitação dos costumes, génios, e inclinações desta espécie de gente, que tem por fim divertir os homens, pintando o sossego, alegria, e inocência dos que vivem distantes da confusão, e enganos, que reinam nas Povoações maiores. Estes Poemas, a que os

Latinos chamavam Éclogas, ou Églogas, como pretendem outros Críticos, devem ser ordenados com toda a graça possível, que por isso os Gregos lhes deram o nome de Idílios, que vale o mesmo que uma pintura no género suave, e gracioso.

Uma Écloga, Senhores, é um quadro, onde com as mais vivas cores se devem debuxar os longes da Idade de Ouro, e as relíquias daquela antiga inocência, que nas Selvas, aonde teve a origem, ainda se conservam. Os Campos quase sempre hão-de ser os mais férteis, os ares os mais puros, os rios os mais serenos, as aves as mais harmoniosas, e ainda os mesmos montes hão-de brotar copiosas flores. O sossego, a paz, a liberdade, a abundância, os inocentes divertimentos, e uma suave brandura, que melhor se sabe sentir, do que explicar, finalmente tudo o que estiver respirando as felicidades daquele desejado Século, faz um admirável efeito num Poema destes.

Nos Pastores deve reinar a singeleza, a inocência, uma simples alegria, e ainda a mesma delicadeza, contanto que não seja buscada, ou, como os Franceses dizem, *recherchée*. Os seus discursos se hão-de encerrar dentro dos limites do Campo: poderão ser delicados, mas não excederão a esfera de um homem sem mais instrução, que a que lhe pode permitir a guarda do rebanho, e a tradição dos seus Maiores. Que maior inverosimilidade, que carregar o Discurso de um homem rústico, e às vezes falando de repente, de reflexões, que apenas com uma grande meditação formaram seus Autores? Há coisa mais imprópria, que ver um Pastor rodeado de Livros, repetindo Sentenças de Séneca, e falando nos maiores empregos de uma Monarquia? Certamente que quando leio estas, e outras semelhantes coisas, de que abundam as já mencionadas Eclogas, conheço o grande fundamento, com que o Crítico Romano escreveu:

Si dicentis erunt fortunis absona dicta,
Romani tollent equites, peditesque cachinnum

(*Hor., in Poet. v. 112. et seq.*)

E ainda assim presume seu Autor, que misturando estas matérias com quatro vozes bárbaras, vis, e indignas de entrarem numa composição, seria v. g. *escaimoso, ranhoso, etc.*, tem chegado neste género ao cume do Parnaso e deixado a uma grande distância atrás de si Virgílio, Bernardo, Ferreira, e outros homens desta qualidade.

Mas aonde me elevo, que parece que intento apartar-me do caminho principiado, e abusar da vossa paciência? Eu vos peço perdão, Senhores; eu me reporto, e torno aos meus Pastores. Neles, como ia dizendo, e nas suas práticas há-de estar brilhando a Natureza; e tudo o que mostrar affectação, doutrina, e estudo, como também o que souber a grossaria, e dureza, e numa palavra o que não for suave, e ofender um gosto delicado, deve ser desterrado dos seus Discursos. A pintura de um ameno Prado, das Festas dos Pastores, a sinceridade de seus doces, e inocentes amores, o fervor de suas contendidas, a desordem de suas amorosas queixas, e a miúda descrição de uma taça como a de Teócrito, e a de Virgílio, ou das portas do Templo da Deusa Palas de Sannazaro, são excelentes pinturas para ornar um Idílio. Talvez se vê um Poeta obrigado a tratar assuntos mais elevados; mas para isso lá está Sileno, se intenta cantar a origem do Mundo; ou Proteu, se quer descrever a Guerra dos Gigantes, e os trabalhos de Hércules; e se a morte de Júlio César, ou de D. António de Noronha é o assunto de seus Versos, não falta um Pastor Dáfnis, ou Tionio, com que aquelas personagens se encubram.

Não se pode encarecer o grande cuidado, e diligência, que requerem semelhantes matérias para serem tratadas numa Écloga com a devida decência, e sem se faltar ao carácter, e propriedade desta composição. Devem ser cobertas duma fina alegoria, que como o véu, com que Camões cobriu o delicado corpo da formosa Vénus, não há-de

esconder aos olhos dos que o contemplarem o objecto, que com ela se encobre.

Se eu falara num Congresso de homens nem tão eruditos, nem dotados de uma crítica tão sólida, e penetrante, como os que estou contemplando, eu me contentara de combater o Estilo rústico só com as reflexões, que, seguindo as luzes, que nesta matéria nos deixaram o meu estimadíssimo Muratori, Boileau, Fontenelle, e o Autor dos Princípios da Literatura, sobre a natureza, e carácter da Poesia Bucólica, acabo de fazer, pois delas claramente se segue que o seu estilo há-de ser fácil, natural, puro, suave, singelo, e delicado, e por conseguinte, oposto em tudo ao chamado rústico. Mas, Senhores, a vossa alta compreensão, o vosso escrupuloso e justo critério está pedindo argumentos mais claros, e evidentes; ela me obriga a que, pondo de parte o receio de parecer prolixo, pretenda mostrar que este estilo chamado rústico é um monstro, uma quimera forjada na ideia de uns homens faltos de gosto, e delicadeza, contrário às Leis da Poética, e Oratória, e que deve ser abominado por todas as pessoas assistidas da boa razão.

Todos os Mestres da Poética, e Oratória não souberam até agora descobrir mais que três espécies de Estilo: a saber, simples, medíocre, e sublime: falo atendendo à qualidade do argumento, que se olharmos para a quantidade, isto é, para a maior, ou menor extensão do período, vulgar é a sua divisão em Asiático, Lacónico, Ático, e Ródio. Verdade é que Demétrio Falereo no seu Tratado *De Elocut.*, num. 36, o divide em quatro espécies, a que dá os nomes de magnífico, ornado, ténue, e grave; mas além de todos os Autores com Cícero no seu Livro *Orator ad Marcum Brutum* aprovarem a primeira divisão, todas as espécies, que aponta Demétrio, se reduzem às três acima assinadas. Nem há, nem pode haver, ou excogitar-se qualidade alguma de argumento, que nelas se não compreenda, porque se é ilustre, pertence ao sublime; se é humilde, ao simples; e se entre estes dois extremos, no medíocre tem o seu próprio lugar. A elas se reduzem também as outras quatro espécies de Estilo, de que acima fiz menção, pois pode um período estar v. g. no Estilo Asiático, e pertencer ao sublime; no Asiático enquanto à quantidade, no sublime enquanto à qualidade.

Isto suposto, seguem-se duas consequências igualmente verdadeiras: a primeira que as éclogas, ou sejam Pastoris, ou Piscatórias, pertencem ao Estilo simples; pois havendo de ser compostas numa destas três espécies, e tendo por objecto a descrição da vida, discursos, e acções dos Pastores, e Pescadores, a qual como pela sua humildade nem aspira à majestade das frases, figuras, e sentenças do sublime, nem à pureza, elegância, e ornato do medíocre; só a simplicidade do humilde lhe convém. A segunda é que se o Estilo rústico se não conformar com o simples, ao qual pela sua humildade só se pode chegar, não só deve ser desterrado da Poesia Pastoril, mas deve ser abominado como um monstro dos Estilos, e reputado mais como aborto duma fantasia estragada, que como fruto de um juízo bem regulado.

Ora que o Estilo rústico não só se não conforma com o simples, mas que lhe é totalmente oposto, isto veremos nós sem mais trabalho, que fazermos uma comparação de um, e outro, e examinar, ainda que brevemente, as suas propriedades.

O Estilo simples, conforme Heineccio no seu Tratado dos Fundamentos do Estilo mais culto, Part. 1. Cap. 2. § 44 consiste numa locução pura, e elegante; o rústico, pelo contrário, numa Oração bárbara, grosseira, e falta de alinhamento: no Estilo simples não há-de haver palavra, que não seja pura, no rústico há muitos barbarismos, solecismos, e outros vícios, não só opostos à elegância, mas ainda contra a boa Gramática: o simples, ainda que imita o uso de falar nas conversações de pessoas elegantes, foge das frases baixas, escuras, vis, e próprias do Povo ignorante, e ao mesmo tempo o rústico delas tece as suas galas: o simples com prudente moderação, conforme o Pai da Eloquência Romana no já citado Tratado *Orator ad Marcum Brutum*, não usa das riquezas da Retórica, para

ostentação, porém não deixa de valer-se delas, quando lhe são muito necessárias; o rústico não só as não busca, mas até as despreza; finalmente o Estilo simples (seja-me lícito usar desta comparação) é como uma mulher formosa, que, considerando que os dices, as jóias, os ornatos ocultam os primores da sua natural beleza, se contenta somente com uma honesta, e asseada compostura; pelo contrário, o Estilo rústico é como uma mulher enorme, que não só não cuida em encobrir os defeitos da natureza com os estudos da Arte, mas até da mesma enormidade, e desalinho faz jactância. Creio que estas considerações deixam inteiramente provado o que prometi; e eu me resolvera a citar os exemplos de um, e outro Estilo, se acaso presumira que à vossa erudita penetração ou se ocultam, ou não fora fácil observar em seus Autores as contrariedades, que assina este paralelo, e se a brevidade do tempo me não estivesse chamando com argumentos igualmente fortes contra semelhante Estilo.

A Poesia, ou tem por fim principal deleitar, como pretendem Platão, Eratóstenes, que floreceu no tempo de Arquimedes, e de Marcelo (homem de tão singular merecimento, que dele diz Estrabão que não só excedia na Gramática, e Poesia, mas até na Filosofia, e Matemáticas) o Autor dos Princípios da Literatura; e parece insinuar Pope nas Notas a Homero, e seguem outros Autores de igual nome, e veneração na República das Letras: ou se dirige a instruir-nos, e deleitar-nos, conforme ensina Horácio nos bastantemente vulgares Versos:

Aut prodesse volunt, aut delectare Poetae:
Aut simul et iucunda, et idonea dicere uitae.

cuja opinião é seguida de muitos homens grandes: ou conforme a doutrina do nunca assaz louvado Muratori, *Liv. I, Cap. I* e do Padre Francisco José Freire, *Liv. I, Cap. 4*. que dele a copiou, considerada por si só, se encaminha ao deleite; e considerada enquanto é Arte subordinada à Filosofia, Moral, e Política, toda se emprega na nossa utilidade.

Qualquer destes que seja o seu fim principal, cuja questão agora eu não pretendo examinar, é certo que ordenada no Estilo rústico nenhum deles poderá conseguir. Igualmente é manifesto que todos os meios, que não servem para o fim premeditado, se devem desprezar.

Ora que o Estilo rústico não concorra para o deleite, nem para instrução facilmente se prova: o deleite na Poesia provém de dois princípios, ou da matéria, ou do artifício: da matéria, quando o Poeta, contemplando atentamente os objectos, que pretende imitar, neles descobre qualidades, acções, e costumes, que ordinariamente não produz a Natureza, e que outro até agora não tinha descoberto; estas novidades não esperadas, que os Poetas acham num sujeito talvez bem vulgar, são quem nos deleita, e quem nos move, admirando-se o nosso entendimento de ver aquelas circunstâncias, que nunca imaginou pudesse admirar. Mas porque nem sempre se podem descobrir estas novas verdades, então para deleitar recorre o Poeta ao artifício, adornando os objectos com tanta graça, viveza, e diversidade de cores, que os façam parecer novos, e dar-lhes aquela beleza, que eles *per si* não têm. Esta doutrina é de Muratori em muitos lugares dos seus excelentes Livros da Perfeita Poesia, cujas palavras do Tomo 1. Cap. 6, Liv. 2 repetirei, porque se veja qual é a opinião deste Autor a respeito da Poesia Pastoral. *Nós queremos (diz ele falando de um Poeta) que ele aperfeiçoe a Natureza, e fale como melhor poderiam, ou deveriam as Gentes; e isto refaz de duas maneiras: primeiramente finge ele as pessoas introduzidas a falar em Verso as mais perfeitas, que naturalmente no seu género possam dar-se; e então concebe, e escolhe todos os mais belos, e nobres pensamentos que verosimilmente possam vir ao pensamento daquelas pessoas supostas perfeitas. Secundariamente veste com cores Poéticas todos aqueles sentimentos, que ele*

imaginou convirem às tais personagens. Se se introduz um Pastor, (atenda-se que o primeiro, que nomeia, é um Pastor) um Soldado, etc., cada um destes deverá pelo Poeta supor-se excelente, e perfeito no seu género, e de óptimo engenho, para bem exprimir a sua paixão proporcionadamente segundo o seu grau. Depois daquelas imagens mais belas, mais novas, que sairiam da boca daquelas pessoas com frase não muito ornada, como todos os dias acontece nas conversações familiares, poderão pelo Poeta enfeitar-se, e ornar-se com frases gentis, e com o devido ornamento Poético.

Até aqui o dito Autor; agora apliquemos esta doutrina para os Autores do Estilo rústico, e principalmente para o seu novo patrono; examinemos se nas suas Obras se encontram estes dois princípios do deleite Poético. Eu, Senhores, nele não encontro mais que acções muito vulgares, vis, grosseiras, e indignas de entrarem num Poema, cujo fim é excitar em nós um vivo prazer com a imagem de uma inocência, e simplicidade delicada, e algumas sentenças, e moralidades tão triviais, que não há compositor algum de Novelas, por mais insípido, e infeliz, que delas não tenha usado. Isto é por parte da matéria; que por parte do artifício todo ele consiste numa afectada incultura, e grossaria de dicção, que por nenhum princípio pode agradar aos homens, que uma vez chegaram a tomar o gosto à pureza da sua Língua. E porque não pareça que sentenciamos à revelia, citaremos alguns lugares destas novas Éclogas.

Um Pastor chamado Nuno, que na Écloga VIII vem acordar a outro seu amigo, vendo que este se enfada de ele o chamar, lhe diz:

Com mui pouco te quebrantas;
E se o houvesse presumidos
Não te vinha erguer das mantas:
Mas estarás abundo,
Que inda agora te levantas.
Está como te aprouver,
Como gostas, como queiras;
E já que te fiz erguer,
Se hás-de vir ver as Sementeiras,
E o que quero saber.

Ao que o tal Pastor responde:

Hei-de ir, porque hei-de dar rega,
E deitar à gelva o Macho,
Que lhe dei ontem uma esfrega,
E ver os homens do sacho;
E hei-de pôr outros na sega.

Ao que Nuno replica:

Par Deus que quem tanto havia
De fazer, estar de borco
Na cama até alto dia
A ressonar como um porco,
Foi boa calaçaria.

Toda a prática, que há entre estes dois Pastores desde o princípio da Écloga até esta passagem, está cheia daquela doçura, suavidade, e delicadeza, que é própria de uma Écloga é um pequeno quadro, onde com todo o primor se vêem fielmente imitadas as pinturas de Teócrito, Mosco, Bion, Virgílio, Sannazaro, e Bernardes mas aonde brilha mais a delicadeza, e bom gosto do Autor, é nos lugares apontados. Contemplem, Senhores, a graciosidade daquele *estás aburrido*, o polido daquele termo *Par Deus*,

aquela agradável imagem *estar de borco*, a elegância daquela comparação a *ressonar como um porco*, e verão que tudo são (como se costuma dizer) pinceladas de Mestre. Tudo isto é excelente, e maravilhoso, ao menos não se pode duvidar que matéria e artifício têm uma notável proporção. Mas sobretudo aonde o Autor, conforme o meu parecer, sobressai, e mostra toda a força do seu vivo engenho, é do

E deitar à gelva o Macho,
Que lhe dei ontem uma esfrega.

Sem dúvida que quando o Poeta escrevia com tanta delicadeza, tinha diante dos olhos estas palavras de um douto, e moderno Crítico de França. *Do que se passa no Campo nem tudo é digno de entrar numa Écloga. Dele não se deve tirar mais que o que de sua natureza é próprio de nos agradar ou interessar; e por consequência é necessário excluir as grossarias, as coisas duras, e tudo o que for miudeza, que não faz mais que uma imagem ociosa, e muda, e numa palavra o que não move, nem lisonjeia.*

Nesta mesma Écloga há uma passagem digna de toda a atenção. O próprio Nuno conversando com seu amigo Antão, diz:

Cá vejo a Senhora Benta,
Far-lhe-emos uma visita,
Que de formosa rebenta.

E Antão lhe responde:

Ela será mui bonita,
Mas a mim não me contenta.

Ao que Nuno replica;

Oh como estás escaimoso!
Se te ouvira agora Bento.

Ao que o bom do Antão toma a replicar:

Este, Nuno, é um ranhoso;
Nunca terás pensamento,
Que não seja languinhoso?

Este lugar, sim, que se pode chamar (seja-me lícito usar de uma frase estrangeira) o chefe de obra do Estilo rústico. E será possível que haja homens, que se deleitem com estas grossarias? Mas que muito! ainda existem no Mundo muitos parciais de Calígula, e Adriano; na mesma França, na mesma Corte de Paris, aquele centro do bom gosto em todas as Artes, e Ciências, (apesar da inveja dos seus émulo), e nos nossos tempos, havia pessoas de tão mau gosto e discernimento, que antepunham à Divina Ilíada, e excelente Eneida a *Pucelle* de Chapelain, e o *Moise sauvé* de Saint-Amand.

Mas deixadas estas considerações, passemos agora a ver como o Estilo rústico é um meio pouco proporcionado para a nossa instrução, e utilidade.

Depois que a natureza se corrompeu pela desobediência de nossos primeiros Pais, ficaram os homens em pena do pecado tão sujeitos a enganar, que amando todos a verdade, procurando-a, e tendo-a muitas vezes diante dos olhos, ou a não vêem, ou se lhes representa tão pouco agradável, que lhe voltam as costas. A multidão de vícios, e aparentes delícias, em que andam engolfados, lhes faz parecer menos belo o severo

hábito, de que ela se reveste; por isso é preciso orná-la de imagens agradáveis, e jóias preciosas, para lhe perdermos o honor; de outra sorte será impossível que nos mova, nos arrebate, e nos instrua.

Ora isto é o que não faz o Estilo rústico, como acima vimos; antes pelo contrário a faz mais disforme com a grossaria, e baixeza das suas frases. Quantos homens de bom gosto (não falo dos que pretendem este nome sem outro merecimento, que o de criticarem sem reflexão as Obras, que saem ao Público), e que conheçam o verdadeiro carácter da Poesia Pastoril, e ainda dos que param na superfície das coisas, e não profundam as matérias, haverá, que lendo numa Écloga composta neste Estilo, tantas expressões baixas, tantas vozes, umas totalmente bárbaras, outras na desinência, e formatura, e outras tão antigas, que já o uso,

Quem penes arbitrium est, et ius, et norma loquendi,

há muitos tempos tinha sepultadas no esquecimento, tantos solecismos, cacofonias, e escuridão, que prossigam em lê-las? Creio que nenhum. Tende mão, poderão responder os seus apaixonados, que entre todos esses vícios do Estilo se ocultam as melhores máximas da Política, e da Ética. Quero supor que assim é; mas de que serve tanta preciosidade, se oferecida fora de tempo, e de lugar, se faz menos apetecida? Eu, quando entro a ler uma Écloga, o que pretendo é divertir-me com a simplicidade dos seus Pastores, contemplar um bom retrato da antiga, e sã inocência, ver a descrição de uma risonha fonte, a alegria, e frescura de um ameno prado, o sossego, e descanso dos seus habitantes, e outras muitas imagens igualmente deleitáveis que me enchem de prazer; se eu quisera preceitos da Moral, e Política, ou lera a Ética de Aristóteles, os Livros *De Officiis* de Cícero, ou as Aventuras de Telémaco, e ainda os Apólogos do nosso D. Francisco Manuel, nos quais Autores se encontra maravilhosamente tratada toda esta matéria, e ornada com os primores da Retórica, e com as graças de uma locução pura, e elegante. Verdade é que se numa Écloga se pode unir o útil com o deleitoso, não pode deixar de causar um admirável efeito, mas a faltar alguma destas partes, seja a primeira.

Deixo outras muitas razões, com que podia combater os sequazes do Estilo rústico, não só por evitar a difusão, mas porque noutra lugar espero expor mais largamente alguma, e passo a provar que semelhante Estilo não se deve admitir nas Éclogas com o exemplo dos melhores Autores, que nelas o não seguiram.

Teócrito ² é o mais antigo Poeta Bucólico, que existe, e apesar de alguns Críticos, o Príncipe da Poesia Pastoril; nas frescas ribeiras do Anapo, e entre os floridos bosques de Elora deu exercício aos doces acentos da sua fruta: seguiram-se depois Mosco ³, natural de Sicília, e Bion de Esmirna, Cidade de Jónia ⁴. Nas Obras destes três Poetas se encerram as maiores delícias das Musas Pastoris.

Passando da Grécia ao antigo Lácio, também são três os Poetas, que os Latinos nos deixaram neste género: o Divino Virgílio, glória do Míncio, e honra de Mântua, Tito Calfúmio, e Aurélio Olímpio Nemesiano.

Desde o terceiro Século (principalmente depois do Decreto, que o Imperador Filipe publicou, para reprimir a audácia dos Poetas) começaram em Itália a ir

² Teócrito foi natural da Sicília; floreceu pelos anos da criação do Mundo 3800, 253 anos antes do Nascimento de Cristo, conforme o cálculo de Musânciao.

³ O Idílio do roubo de Europa passa pela melhor Obra deste Autor.

⁴ O Sepulcro de Adónis, de Bion, é muito excelente, e uma das suas Obras mais ternas, suaves, e patéticas, que nos deixou a Antiguidade.

emudecendo as Musas, e ainda que de quando em quando se ouviam as suas vozes, era já com tão pequeno alento, que na sua debilidade davam evidentes sinais da última ruína. E com efeito no Século quinto, em que os bárbaros invadiram as relíquias, que da antiga Grandeza na Itália ainda conservava o Império Romano, apenas se percebeu a sua harmonia, até que de todo se calaram no Século oitavo, em que a Poesia com as mais Artes, e Ciências passou para as Nações Orientais ⁵, e domínio dos Árabes ⁶, os quais, ainda que hoje nos pareçam bárbaros, tiveram por muitos Séculos o império das Ciências.

Finalmente depois de passados cinco Séculos de profundo silêncio, tomou a Itália a admirar na língua vulgar umas mal distintas luzes da Poesia, que as sombras da barbaridade, e ignorância daquela idade não deixavam claramente brilhar. Os Sicilianos, ou Provençais ⁷ foram os primeiros, que entraram a cultivar este estudo, dos quais no seguinte Século se estendeu a toda a Itália, e principalmente pelos anos de 1120: nele floreceu Arnaldo Daniel, Guittone de Arezzo, aos quais se seguiram Guido Guinizelli, Franceschin Degli Albizzi, Dante, e no Século catorze Francisco Barberino, e Francisco Petrarca, um dos que trabalhou com toda a eficácia em polir, e limar a Língua Toscana.

Restaurada por este modo a Poesia na Europa, começou a ouvir-se a Música Pastoral. Um dos primeiros, que com felicidade exercitou este género de Poesia, foi Sannazaro: no mesmo Século se distinguiram nestas composições na Língua Latina o nosso Henrique Caiado, émulo de Virgílio, que enriqueceu o Vaticano com a preciosidade dos seus Versos; e na Italiana Serafino Aquilano. Atrás destes vieram Torquato Tasso ⁸, Beccari, João Baptista Marino, Bonarelli, Baptista Guarini, Peliciari, e outros muitos, que deixo de nomear, por não fazer um Catálogo.

Quase nos mesmos tempos brilhava em Castela o delicado engenho do suavíssimo Garcilasso, (não sei se conta este Reino entre a grande multidão de Poetas, de que se jacta, três, ou quatro, que se cheguem ao gosto, e delicadeza deste homem) glória, e honra da Poesia Castelhana; e em Portugal Bernardim Ribeiro, Baltasar Estaço, Cristovão Falcão, o imortal Camões, Príncipe dos Poetas de Espanha, lustre singular da

⁵ Entre os Persas floreceu no Século treze Susano, assim chamado por ser natural da Cidade de Susa, o qual foi Poeta de distinto merecimento, como se pode conhecer pelo princípio desta Écloga feita à morte duma Princesa, que morreu na flor da idade.

Dum rosae in hortis e calycibus prodeunt,

Haec rosa momento marcescit, iam que pulvere tegitur.

Et dum arborum surculi vernalium nubium sugunt aquas.

Hic narcissus aquae defectu arescit in medio horti irrigui.

⁶ Huetius in *Dissertat. de fict. Historiis*, e Genebrardo citado por Musâncio na tábuca 35 da sétima Idade.

⁷ Grande disputa há entre os Italianos, e Franceses sobre quais foram os primeiros que usaram da Poesia vulgar: se dermos crédito a Petrarca, ao Muratori, e a Musâncio, os Sicilianos foram os primeiros a usar deste género de Poesia. Petrarca na *Epist.* que serve de Prefação às *Letr. Fam.* se explica por estes termos: *Pars Mulcendis vulgi auribus intentâ, suis et ipsa legibus utebatur, quod genus apud Siculos (ut fama est) non multis ante saeculis renatum, brevi per omnem Italiam, ac longius manavit, apud Graecorum olim ac Latinorum vetustissimos celebratum, siquidem et Romanos vulgares rythmico tantum carmine uti solitos accepimus.* O Muratori fundado nesta opinião, diz no Cap. 3 do Liv. 1 da *Perf. Poes.*: *Piuttosto la Provenza dall'Italia, che l'Italia dalla Provenza, ha da riconoscere l'uzo della vulgar Poesia*, Musâncio, na Tab. 11, também segue a mesma opinião. Os Franceses pelo contrário seguem que os Provençais dela foram os inventores. (Mons. Fauchet no Tratado da Origem da Poesia Francesa, Liv. 1, Cap. 8). E com efeito João Mário de Crescimbeni na *História da Poesia Toscana* confessa que ela deve muito aos Provençais.

⁸ Mons. de Fontenelle, no seu *Discurso sobre a Écloga*, dá o prémio da Poesia Pastoral a Tasso na sua Aminta; mas não sei se justamente se queixa Sannazaro desta Sentença.

sua Pátria, e merecedor de melhor fortuna. Foram seus contemporâneos Diogo Bernardes, Jorge de Monte-Maior, António Ferreira, e outros. a quem se seguiram Bernardo de Brito, Francisco Rodrigues Lobo, D. Francisco Manuel de Melo; e nos nossos tempos Francisco de Pina e Melo.

Passando das Espanhas à França, o primeiro Poeta Bucólico, que esta nos oferece, é Ronsard, depois do qual apareceu Honorato de Bueil, Marquês de Racan, Mons. de Segrais, Mons de Fontenelle, e Madame Deshoulières. Ora deste grande número de Poetas, que acabo de referir, só Ronsard em França, Lobo, D. Francisco Manuel, e Pina e Melo em Portugal, seguiram o Estilo rústico nas suas Éclogas.⁹

Dêmos agora um passo mais adiante; examinemos quem foram estes quatro homens, que antes quiseram caminhar por uma vereda áspera, inculta, e desabrida, do que seguir os outros por uma estrada espaçosa, adornada de belas flores, e coberta de frescas, e viçosas alamedas.

Seja o primeiro, que apareça, Ronsard; e como é Francês, sejam os seus mesmos Franceses os que o examinem, que lhe entenderão melhor a Língua. Mons. de Boileau, homem inflexível, amigo de fazer justiça, e de dar o seu a seu dono; e o Autor dos Princípios da Literatura, igualmente recto, ainda que mais inclinado à piedade, sejam Juizes, e ouçamos o que sentenciam. Boileau diz dele estas formais palavras. (*Art. Poet.*, 2. 21)

On droit que Ronsard sur ses pipeaux rustiques
Vient encor fredonner ses Idylles gothiques,
Et changer, sans respect de l'oreille et du son,
Lycidas en Pierrot, et Philis en Toinon.

O mesmo diz o Autor dos Princípios, ainda que em diverso estilo: *Nous ne parlerons point des Eglogues que Ronsard nous a données. Reglant tout, il brouilla tout, dans ce genre, aussi bien que dans le langage François. Il foit parler ses Bergers, comme on pane ou village.*

Este é, Senhores, o conceito, que os melhores Críticos de França formam de Ronsard; vejamos agora qual é o carácter dos nossos Portugueses. D. Francisco Manuel não há dúvida que foi um homem distinto, não só pela nobreza do sangue, mas também pelo seu engenho, de que são evidente testemunho tantas, e tantas Obras, que correm com aplauso entre os Eruditos; porém em matérias de Poesia o seu voto não me parece o melhor. Este é um dos Autores, que pelo seu mau gosto em matérias de Eloquência, foram chamados Seiscentistas: assistiu muita parte de tempo em Castela, e mesmo dentro de Madrid, onde dominava a corrupção protegida de Lope de Vega, Luís de Gôngora, Francisco de Quevedo, Conde de Vila Mediana, Juan Peres de Montalvan, e outros quase infinitos, que com as suas agudezas transformaram a natural beleza da Eloquência, e chegaram com o seu contágio a inficcionar o nosso Portugal. Francisco de Pina e Meio conheceis vós melhor do que eu. Resta só Francisco Rodrigues Lobo; este homem, que em muita parte se soube preservar da peste dos equívocos, agudezas, *galimátias, brilhantes falsos, Aliteraões, Antíteses, Acrósticos, etc.* que já no seu tempo tinha lançado o seu veneno na Espanha, teve uma fortuna desigual nas suas composições, pois o seu *Condestável* por consentimento comum dos inteligentes é um Poema de bem infeliz merecimento. Nas suas Poesias Pastoris, isto é, na *Primavera, Peregrino, e Desenganado*, se fez acredor de uma muito distinta estimação; mas por

⁹ Também podia entrar neste número Francisco de Sá e Miranda: mas como em todas as suas Obras usa do mesmo estilo, entendo que usou dele nas Éclogas, não com estudo affectado, mas sim como vício da Língua Portuguesa naquele tempo ainda bastante inculta, que ele não quis limar, como fez Camões, e outros.

isso mesmo infiro eu que as suas Éclogas não merecem aquele conceito, que delas fazem alguns homens.

Temos visto quem foram estes quatro homens, e qual é o seu merecimento: e sendo certo que ou eles, ou os outros deixaram de acertar no Estilo Bucólico, pois como acima vimos, são contraditórios o simples, e o rústico; pergunto agora: quem havemos nós de dizer que errou? Um tão grande número de homens insignes, onde entram Teócrito, Virgílio, e alguns modernos dotados de um excelente critério, v. g. o Fontenelle, ou Ronsard, Lobo, D. Francisco Manuel, e Pina? Pergunto mais: quem teria melhor gosto, Ronsard ou Teócrito, Mosco e Bion? Lobo, ou Segrais, Racan, e Deshoulières? D. Francisco Manuel e Pina, ou Garcilasso, Sannazaro, e Camões? Quem teria melhor critério, Ronsard, ou Fontenelle? Lobo ou Caiado? D. Francisco Manuel e Pina, ou Tasso, e Bernardes?

A resposta destas perguntas deixo eu à vossa consideração; e por confirmação de tudo quanto tenho dito contra o Estilo rústico, citarei cinco grandes Críticos, e Mestres na Poética. O primeiro é Horácio na sua Arte Poética, o qual, ainda que expressamente o não refuta, claramente o deixa assim entender. Este grande homem, querendo dar-nos as regras para a Sátira Dramática¹⁰, depois de nos ensinar de que modo se deve portar o Herói, que nela representar, entra a mostrar-nos o carácter dos Sátiros, o qual (diz ele nos Versos, que no princípio deste discurso citei) não deve ser como o dos homens nascidos nas Cidades, e versados no foro; mas também não há-de ser tão humilde, que profiram palavras imundas, e grosseiras. Ora se ele condenou a grossaria, e rusticidade nos Sátiros, reputados pelos Étnicos quase como feras, com mais razão a havia de condenar nos Pastores, que estavam em maior grau de perfeição a respeito dos Faunos.

Os outros Autores, que expressamente o reprovam, são Mons. de Fontenelle no seu Discurso sobre a Écloga, o autor do *Curso das Belas Letras* no I Tom., Part. 2, Art. 2, Mons. Despréaux na sua Arte Poética, Canto II e o sábio Muratori nos seus Livros da Perfeita Poesia. A estes se pode juntar um nosso Português, este é o erudito Manuel de Faria no Tom. II dos seus Comentos às Rimas de Camões.

Estes são, discretos Pastores, os principais fundamentos, que me movem a condenar o Estilo rústico os quais sujeito em tudo ao vosso juízo. Bem sei que para uma completa Dissertação falta dar solução aos argumentos contrários; mas os limites, que a nossa Arcádia tem prescrito a semelhantes Discursos, me obrigam a deixar a sua resposta para a seguinte Conferência.

¹⁰ A Sátira Dramática, como Horácio nos ensina, era um Poema, onde igualmente entravam os Heróis, e os Sátiros. Se nos seus princípios foi assim, há grande dúvida; o que sabemos de certo é que já no tempo de Eurípedes tinha este carácter, o que julgamos por uma, que ele nos deixou, único exemplar, que temos deste género na Antiguidade. A acção dela é a liberdade de Ulisses das mãos do Ciclope; nela falam Ulisses, o Ciclope, um Sileno, e um coro de Sátiros.

DISSERTAÇÃO

Que sobre o estilo do Écloga recitou aos 29 de Outubro de 1757 no Monte Ménalo Elpino Nonacriense.

PARTE II

Tenho a honra, Ilustres, e Sábios Senhores, de continuar na vossa presença as reflexões, que na Conferência passada comecei a formar contra o Estilo rústico. Nela prometi eu a esta erudita Assembleia de as prosseguir na presente Sessão, respondendo aos argumentos, que talvez obrigaram a muitos homens eruditos a abraçarem nas suas composições aquela espécie de Estilo: em satisfação pois desta promessa, com vossa faculdade principio.

O primeiro fundamento, em que se estribam os sequazes do Estilo rústico, consiste em que sendo a Poesia uma sábia, e perfeita imitação da Natureza ¹¹, é evidente que quem mais fielmente a copiar, pintando com toda a evidência, e pondo-nos quase diante dos olhos os objectos, que imita, representando-nos com toda a propriedade os discursos, acções, e costumes das pessoas, que introduz nas suas composições, logrará completamente o seu desígnio, e se fará digno do sagrado nome de Poeta. Ora sendo a Poesia Pastoril uma pintura, um retrato da vida do Campo, das acções, costumes, e discursos dos seus habitantes, e costumando estes a explicar-se pelos termos mais rústicos, vozes, e frases as mais humildes, e bárbaras, e a obrar as acções mais grosseiras, e toscas, se segue que o Poeta, que nas suas Éclogas retratar estes costumes, como por exemplo:

Se cansares pelo atalho,
Antes de entrar na chacota,
Para empurrar uma gota
Cá levo broa e alho:

e usar daquelas expressões totalmente incultas, v. g.

Já ele nos lobrigou,
Pois um apupo nos deu.

Aleix. E presumo que acenou.
Gons. E verdade....
Aleix. Ora és sandeu
Pois não lhe tornas um eu;

terá no Parnaso um lugar muito superior a Teócrito, e outros espíritos de igual gosto, e esfera.

Este argumento à primeira vista representa-se com tanta eficácia, que creio que ele obrigou ao Autor das Reflexões sobre a Écloga ¹², que acompanham as Obras de Mr. de Segrais, a dividir os Pastores em duas classes, e a querer que os Poetas nos seus Idílios

¹¹ Aristóteles *in princip. Poet.* Alexandre Donato, e outros muitos, entre os quais se distinguem Luzan, definindo-se: *Imitação da Natureza no universal, ou particular, feita em Versos para utilidade, e deleite dos homens.*

¹² *Reflexion*, 5.

introduzam, e imitem, não os Pastores de uma baixa, e vil condição, mas os que nos felizes Séculos, em que ainda o vício não tinha tão grande império no coração dos homens, passaram das Cabanas para os Tronos, ou talvez com a mesma mão com que empunhavam o Ceptro, sustentaram o Cajado. Desta reflexão, que para me agradar sumamente tem por si a preocupação de eu ter usado dela, antes de a ler em Segrays, ou outro algum Autor, me não pretendo agora valer: pois creio que o argumento contrário só tem força no conceito dos que ignoram o verdadeiro sentido, em que se devem tomar as palavras *imitação da Natureza*.

E certo que deve o Poeta, se pretende justamente este nome, imitar a Natureza; mas esta imitação não há-de ser tão rigorosa, que não tenha mais liberdade, que a de copiar servilmente os objectos, como ela os produziu¹³: antes pelo contrário está obrigado a orná-los com todas as graças, e perfeições possíveis, e expô-los aos nossos olhos, não como a Natureza os produziu, mas como deveria produzi-los, se os quisesse criar no grau mais sublime da perfeição. Deve pois o Poeta (com o exemplo de Zêuxis⁴, que, querendo retratar a Helena, não elegeu para protótipo do seu retrato uma só formosura) discorrer por todos os objectos, que a Natureza lhe oferece naquela espécie do que pretende debuxar, e de todos eles escolher, o que lhe parecer mais digno; e, unindo-o na fantasia, formar de todas estas ideias particulares uma ideia universal, a qual lhe sirva de modelo na sua pintura. Nesta doutrina está o fundamento de Aristóteles afirmar na sua *Poet.*, *Cap. 9*, que a Poesia é coisa melhor, e mais filosófica que a História, porque trata mais das coisas universais, isto é, representa as coisas conformes às ideias universais, e poder, que a Natureza tem para as criar; o que não sucede à História, que está obrigada a narrar as coisas como a natureza as produziu, e aconteceram.

Assentando pois em que a Poesia, ainda que seja uma imitação da Natureza, é uma imitação sábia, brilhante, e não servil, se desvanece toda a força deste primeiro argumento, porque, ainda que os Poetas nas suas *Éclogas* introduzam uns homens rústicos, os devem fingir os mais perfeitos no seu género¹⁴, e fugir nas suas práticas a tudo o que for grossaria, vileza, e não satisfazer um gosto puro, e delicado; em uma palavra, todo o seu cuidado deve ser imitar só o que na simplicidade daquela vida nos pode deleitar, como são a inocência, o sossego, a liberdade e os deliciosos lugares. em que se passa.

Desvanecido este primeiro argumento, saem os contrários a campo com outro, no seu conceito não menos forte, e dizem que tendo a Poesia por objecto principal o instruir-nos, e sendo necessário que as *Éclogas* se encaminhem ao mesmo fim, toda a diligência do seu Autor há-de ser encobrir o grande número de sentenças. e doutrina, de que se devem ornar, com frases toscas, e bárbaras, porque se não falte ao carácter destas composições. «Todos os períodos das *Éclogas* se devem encher de moralidades, sentenças, e doutrina, encobrendo-se esta proveitosa riqueza com as peles da montanha. Devem ser como os Silenos de Alcibiades, que ocultavam grandes tesouros debaixo de umas figuras rudes, e singelas», diz um destes Autores no Prólogo da sua *Bucólica*. A autoridade, com que ele escreve esta decisão, eu a não sei: o certo é que em nenhum dos Autores mais famosos neste género, tanto práticos, como especulativos, vejo observar, ou ditar este preceito. Porém, talvez que este Escritor suponha em si todas as circunstân-

¹³ Il faut conclure, que si les arts sont imitateurs de la Nature, ce doit être une imitation sage, et éclairée, qui ne la copie pas servilement, mais qui choisissant les objets et les traits, les presente avec toute la perfection dont ils sont susceptibles. *Cours de Bell. Letr. Tom. I, Part. I, Art. I, Sect. I, Art. 1, 2, 3.*

¹⁴ Prima finge egli le persone, introdotta a ragionare in versi, le più perfette, che naturalmente nel genere loro possano darsi, etc. *Murat. della Perf. Tom. I, Lib. 2, Cap. 6.*

cias precisas para ditar Leis no Parnaso com ofensa do mesmo Apolo.

Mas deixando estas considerações, e tomando ao nosso ponto, facilmente se respondia ao argumento proposto, negando que a Poesia tenha por objecto a nossa instrução, para o que me não faltariam patronos; porém, para proceder com boa fé, não irei contra a mesma doutrina, que abraço. Eu mesmo, conformando-me com o Padre Rapin, sigo que uma *Écloga* se há-de dirigir não só ao nosso deleite, mas à nossa utilidade; e não posso sofrer que haja quem se atreva a afirmar que estas composições só podem divertir-nos; mas que, para nos instruírem, seja necessário que cada período deva estar cheio de moralidades, e sentenças, isso não consentirei eu facilmente. Para um *Idílio*, ou uma *Écloga* nos inspirar o amor das virtudes, e o horror dos vícios, basta que nela se pintem com toda a viveza uns frescos, e sombrios bosques, uns floridos prados, uns cristalinos regatos, o doce murmurar das águas, o sussurrar do vento por entre os ramos da floresta, e das abelhas em volta dos cortiços, e no meio de todas estas inocentes delícias a dois Pastores, que deitados debaixo de copadas faias, cheios de singeleza com uma tranquilidade de ânimo inalterável, sem saberem o que é ambição, engano, soberba, e outros vícios, que reinam entre a confusão das Cidades, contendem inocentemente com suas cantigas sobre o pequeno prémio de uma rústica taça. A vista destas pinturas, que representam simplesmente a Natureza, e qual foi naqueles venturosos Séculos, que por sua inocência mereceram ser chamados de Ouro, os homens, que têm uma natural inclinação para o bem, se enchem de um ardente desejo de ver-se entre os suavíssimos prazeres, que o Poeta industriosamente lhes finge na vida do campo; e entram numa espécie de furor contra os vícios, e perturbações, de que se vêem cercados. Quem haverá que, tendo na primeira *Elegia* do insigne Camões aquela admirável *Apóstrofe*, que faz à vida dos Camponeses a excelente *Ode*¹⁵, em que o Príncipe dos Líricos latinos louva a mesma vida; ou a descrição, que Virgílio faz do feliz estado daquele Velho¹⁶, que com a sua pobreza igualava os tesouros dos maiores Príncipes, se não veja dominar de um aborrecimento da enganosa pompa, e esplendor das riquezas, da soberba, do ódio, da inveja, etc.; se não veja atrair do amor da inocência, da singeleza. e liberdade, que reina distante das Cortes? Ouçamos a um grande Prelado da França, e um dos homens, que mais ilustram a República das Letras, e veremos que nas suas *Reflexões*¹⁷ sobre a Retórica, e Poética confessa que, lendo a Virgílio neste lugar, se sentia inflamar num ardente desejo de ser companheiro de tão feliz Velho.

Ora, não sendo necessário para tirarmos utilidade da lição de uma *Écloga*, que esta se carregue de sentenças, e moralidades, fica sendo supérflua a prevenção de as cobrir de frases toscas, e bárbaras, para lograr o carácter simples, e humilde, pois com uma locução pura, e só com representar os inocentes costumes dos Pastores, se consegue o não faltar ao decoro, e à nossa instrução. E quem haverá, Sábios Senhores, que possa louvar a um Autor, que introduzindo numa *Écloga* a dois rústicos falando com mais moralidades, e sentenças, que um Séneca, que um Catão, presuma que as suas Obras podem servir de modelo neste género?

Já eu disse que os Poetas tinham obrigação de aperfeiçoar a Natureza. porém esta obrigação, esta liberdade se coarcta pelos limites da verosimilhança¹⁸. E que coisa mais

¹⁵ *Epodon Libro, Epod. 2.*

¹⁶ *Georg. Lib. 4, Vers. 125, et seq.*

¹⁷ *Fénelon Reflex. 10, § 9.*

¹⁸ *Ficta uoluptatis causa sint próxima ueris, Nec quodcumque uolet, poscat sibi fabula credi. Hor. In Poet. V. 338.*

imprópria, menos verosímil se pode imaginar que ouvir discorrer um Pastor (contra o que nos ensina Horácio ¹⁹ e a própria Natureza) com a mesma delicadeza, e penetração, que um Sábio, quando as ideias de ambos necessariamente hão-de ser muito diferentes? Não é isto querer unir num sujeito duas contradições, e juntar em pacífica concórdia as Serpentes com as Aves, os Tigres com os Cordeiros?²⁰

Quem haverá, que lendo numa Écloga destas

Às acções, que na memória
Se têm fundado somente,
Não se deve alguma glória,
Porque foi o seu agente
Não a virtude, a vanglória.

A acção para ter saúde,
Não há-de ter incentivo,
Que o seu propósito mude:
Há-de obrar sem mais motivo,
Que ser acção de virtude.

Este é o fim, este o proémio,
Com que a bondade se inflama,
Porque as obras deste grémio
Não atendem para a fama,
Que em si mesmas têm o prémio:

imagine que está ouvindo um Pastor, e não um Filósofo? E porque se não presuma que contra este Autor me move alguma paixão particular, ou que invejoso da sua glória (a qual eu lhe confesso bem merecida) lha pretendo escurecer, apontarei outro lugar do nosso Camões na Écloga segunda, que peca no mesmo género de inverosimilhança. Introduz ele nesta Écloga ao Pastor Almeno, queixando-se de Belisa por este modo:

Ó Ninfa delicada!
Honra da Natureza,
Como pode isto ser,
Que de tão peregrino parecer
Pudesse proceder tanta crueza!
Não vem de nenhum jeito
De causa Divinal contrário efeito.

Pois como pena tanta
E contra a causa dela?
Fora é de natural minha tristeza:
Mas a mim que me espanta,
Não basta, ó Ninfa bela,
Que podes perverter a Natureza?
Não é a gentileza
De teu gesto celeste
Fora do Natural?
Não pode a Natureza fazer tal!
Tu mesma, bela Ninfa, te fizeste;
Porém porque tomaste
Tão dura condição, se te formaste?

¹⁹ *In Arte v. 114 et seq., v. 156 et seq., v. 317 et seq.*

²⁰ *Pictoribus atque Poetis, etc. até tigribus agni. Horat. ibid. v.9 et seq.*

Ainda que a esta continuada sucessão de reflexões não faltasse o verosímil interno, isto é, fossem intrinsecamente verdadeiras, (circunstância, que todas como imagem do entendimento, conforme a divisão do sábio Muratori ²¹, devem ter, para serem admitidas nas composições) o que a alguma lhe falta, como se pode observar naquele Verso:

Tu mesmo, bela Ninfa, te fizeste;

o qual, segundo entendo, inclui uma notável contradição, pois supõe ao mesmo tempo Belisa produzida, e não produzida; produzida, porque, se ela não existira, não poderia formar-se; não produzida, porque, se o fora, não se fizera. Ainda, digo, que enquanto a esta parte estas reflexões não fossem viciosas, sempre eram inverosímeis em um Pastor, os quais, ainda que se devem fingir dotados de engenho, e de discurso natural, não é verosímil que este seja tão profundo, e penetrante, que esteja por largo espaço a fazer reflexões, e a fundar umas sobre as outras, como na passagem citada faz Almeno. O que supostos me admira que um dos maiores homens em Belas Letras, que ornaram no presente Século a Portugal, e que se tem feito célebre pelas suas traduções, louve em uma sua Obra este lugar, e o proponha para exemplo das imagens de reflexão bem reguladas.

Mas desculpáveis foram as reflexões destes lugares, se elas se formassem sobre objectos, nos quais costumam os Pastores a discorrer, e é natural que discorram; porém aquele reflectir, que os efeitos devem ser semelhantes às suas causas, e que por conseguinte não podia ser senão por prodígio a sua pena, que era contra a causa dela; aquele reflectir, que as acções, para serem louváveis, se não devem obrar com o interesse da glória (prescindindo agora se é verdadeira, ou não esta proposição), mas só por serem virtuosas, mais convêm a um homem instruído, que a um rústico camponês.

Quando OS Pastores se vêm obrigados a discorrer sobre objectos, que não correspondem às suas ideias, sempre o fazem com uma espécie de temor. e encolhimento, que no meio do discurso está dando a conhecer a sua simplicidade. Um belo exemplo do que afirmo temos na Écloga primeira de Virgílio, onde Tíro, havendo de explicar a Melibeu a grande, de Roma, donde vinha, o faz por uns termos, que claramente mostram o grande embaraço, e assombro, em que opõe um objecto tão distante da sua imaginação. «Ah! Melibeu! (diz Tíro) esta Cidade a que chamamos Roma, julgava eu que era semelhante àquela, onde costumamos a levar os nossos cordeiros porém esta excede tanto às outras, quanto os ciprestes aos lentos vimes.» Agora rogo-vos, Senhores, que contempleis a natural graça, e simplicidade deste lugar, e que o compareis com este de um homem, que se atreve a censurar a Virgílio: e facilmente vereis o como nos engana o amor próprio.

Chama um Rei ao pensamento
Nas horas do seu descanso,
E em vez de tomar alento
Nos colchões do leito manso,
Põe-se em contínuo tormento;

Consumindo a fantasia,
Para achar tesouros novos,
Sem cansar a Monarquia,
E para manter os Povos
Sem guerra, sem rebeldia;

²¹ Dell. Perf. Pões. Tom. I, Lib. 2, Cap. 3.

Para munir as fronteiras,
Mandar Vis-Reis aos Estados,
E nas Nações estrangeiras
Saber pelos Enviados
As prevenções mais ligeiras.

Eu creio que a toda esta erudita Assembleia há-de causar uma grande admiração o ouvir a um Pastor falando nos maiores Empregos de uma Monarquia. Mas talvez que, para a prevenir, nos represente o Autor destas Éclogas aos seus Pastores cheios de notícias, que têm tirado dos livros. Numa parte diz um Pastor:

Já num Livrinho encontrei
Que quando o Magno vencia
O Mundo, e lhe dava Lei,
Que houve um Sábio, que dizia
Que era mais rico que o Rei.

E em outra parte outro:

Pastor, dos Livros o trato
Dos outros nos diferença, etc.

Mas este modo de fazer os Pastores eruditos, em quanto a mim é o mais repugnante à natureza da Poesia Bucólica; e um Poeta, que, em vez de debuxar OS seus Pastores rodeados de Ovelhas, os finge cercados de Livros, é como o Pintor, que, querendo deleitar com a novidade, pinta um Delfim entre as flores, e um Javali entre as ondas.²²

Notável é a inconsequência, com que estes Autores procedem! Crêem que para uma Écloga ser perfeita, nela hão-de falar os Pastores bárbara, e toscamente mas não reparam em que os seus pensamentos sejam os mais sublimes, e delicados. Todas as vezes que eles se explicam, como talvez se não expliquem presentemente os mesmos rústicos, não importa que discorram com mais acerto, e erudição, que alguns homens, que toda a sua vida empregam na lição das Ciências, como se tosse mais dificultoso falar puramente, que discorrer solidamente, e ser erudito.

Igualmente me parece digno de reflexão que, julgando os sequazes do Estilo rústico a lição dos Livros capaz de fazer os seus Pastores os mais judiciosos, e eruditos, só a não tenham por suficiente para lhes poder limar a frase.

Estas são as razões, que me ocorrem em resposta dos argumentos, que por parte do Estilo rústico se podem formar: o que me faz crer incontrastável a sua força, é o ver que na prática são aprovadas por todos os Sábios Pastores da nossa Arcádia, pois de tantas composições, que nela se tem recitado neste género de Poesia, ainda até agora se não ouviu uma naquela espécie de estilo.

Quando eu principiei estas reflexões, presumia que, em satisfazendo às dúvidas acima ponderadas, podia deixar seguramente a pena. Hoje porém vejo o contrário. Alguns reparos, que parece se não dirigem a mais que a condenar a aprovação, que a nossa Arcádia dá a estas composições, me obrigam a que, enquanto os nossos Estatutos mo permitem, trabalhe por desvanecer a sua eficácia.

Funda-se o primeiro reparo em que das Éclogas se não tira alguma utilidade. Mas o contrário mostrei eu já neste Discurso, pois vimos que elas nos podem inspirar o amor

²² Qui uariare cupit rem prodigialiter unam: Delphinum syluis appingit, fluctibus aprum. *Hor. in Poet. v. 29 et 30.*

das virtudes, e horror dos vícios, que é a maior utilidade, que nos pode dar a Poesia. Esta doutrina é autorizada pelo Padre Rapin, pelo Autor das Reflexões sobre a Écloga, e por Mr. Fénelon.

O segundo reparo consiste em que, sendo o objecto das Éclogas a paixão amorosa, se deve fugir como menos decente, e em seu lugar introduzir as Odes, e Elegias, como ensaio para uma Tragédia. Eu sou o primeiro, que louvarei infinito que quem se acha com espírito para seguir os arrebatados voos de Píndaro, o empregue na sublime composição de uma Ode; ainda que sei, que elas não excluem os assuntos amorosos; (Horácio tem muitas deste género, Anacreonte todas, e nele são os fragmentos de Safo) como também não ignoro que numa Écloga debaixo do véu Pastoril se podem escrever matérias muito elevadas. Teócrito tem muitos Idílios, em que se não ouve uma só palavra de amor; Virgílio algumas Éclogas; e o Padre Rapin nelas trata alguns Mistérios da nossa Religião. Nem há muitos tempos que numa louvou um dos nossos Árcades um dos maiores Ministros, que viu Portugal, e admira a Europa.

Um dos mais louváveis empenhos dos modernos Críticos é o pretenderem desterrar até da Poesia Lírica os assuntos amorosos. Muratori na sua estimadíssima Obra da *Perfeita Poesia, Tom II*, trabalha com toda a eficácia por conseguir este intento, representando-nos os inconvenientes, que deste abuso se seguem: mas o amor, que eles detestam, é um amor desordenado, um amor lascivo, não um amor como o pinta Platão, um amor inocente, qual se finge o dos Pastores, o que excelentemente explica o já louvado Muratori.

Com esta restrição são dignos dos maiores elogios os sábios esforços de alguns dos nossos Árcades. O que suposto, eu sumamente me glorio que as pinturas, as imagens, que desta paixão fazem nas suas Obras os nossos Pastores, não sejam como as de Anacreonte, e de Ovídio. Injustamente se aflige quem pretende desterrar das nossas Poesias o amor ²³: que não imitemos a Anacreonte, Autor, ainda que sumamente suave, e delicado, que protesta que ele não sabe cantar mais que amores: e que em todas as suas Obras não pretende mais que inspirar-nos o amor da lascívia, e embriaguez. O mesmo digo de Ovídio, a quem as suas composições obscenas desterraram para Tomes, Cidade do Ponto. Acrescendo a respeito deste Autor ser ele o primeiro, que começou a corromper a elegante, e áurea simplicidade do Século de Augusto.

O outro reparo, que sobre esta matéria se faz, tem por fundamento que nas composições amorosas se não pode dizer coisa alguma, que não tenha sido dita muitas vezes. Suponhamos que assim é: o modo, o artifício, com que o Poeta expõe os seus pensamentos, é uma fonte tão copiosa, e tão agradável do deleite Poético, como a mesma novidade.

Muitos tempos havia que Horácio tinha dito que a morte igualmente pisava os Palácios dos Reis e as Casas dos pobres; mas o modo por que Malherbe o tomou a repetir dizendo: o pobre na sua cabana não está isento às suas Leis, nem as Guardas, que defendem a entrada do Louvre, seguram os nossos Príncipes, fez com que parecesse novo este pensamento. Se o receio de não poder encontrar novidades, para adornar os nossos conceitos, nos houvesse de embaraçar, todos os Poetas largariam as penas e se entregariam a uma escura ociosidade. Até nos mesmos argumentos, sem embargo dos novos casos, que continuamente sucedem, parece que se encontra a mesma esterilidade. Sobre o Édipo se têm composto muitas Tragédias; sobre Mérope muitas mais; além de Eurípedes, e Énio, bastantes Autores Ingleses. Franceses, e Italianos trabalharam sobre o mesmo argumento. Na de Maifei se lêem muitos pensamentos da do Conde Torelli, e

²³ Parece faltarem aqui palavras no Original do Autor, segundo o qual se imprimiu esta dissertação. (Nota do editor de 1807).

na de Voltaire muitos da de Maifei. O mesmo se pode dizer a respeito da Epopeia; não menos de dois Poemas Heróicos conta a nossa Língua sobre a fundação de Lisboa. Em Virgílio há passagens inteiras de Homero: em Milton o mesmo; no nosso Camões se acham traduzidos muitos lugares de Virgílio; e no Tasso bastantes de ambos, o que prova que não só na Poesia Erótica pode haver ou plagiários, ou imitadores.

O terceiro reparo é que as Éclogas não podem excitar em nós as paixões. Eu creio que, quem tal imagina, entende que no coração humano não pode haver mais afectos, que o terror, e a compaixão. Bastará ler somente o Epitáfio de Adónis, composto por Bion, para se saber o quanto é capaz de mover os afectos uma Écloga. Verdade é que esta composição não é própria para mover as paixões violentas; mas além de isto ser mais uma virtude, que um vício, pois se a Tragédia as move, é só para purgar-nos delas, como nos ensina o mesmo Aristóteles nestas palavras: *Per misericordiam, et metum inducens talium. Perturbationum purgationem*: segue-se que pela mesma razão deve ficar igualmente inútil a Comédia tão proporcionada à instrução dos homens; porém o certo é que a Écloga é capaz de excitar em nós a piedade, o amor da virtude, o honor da ambição, desprezo da soberba, do ódio, da inveja, do apetite, e de outros muitos vícios.

Opõe-se mais contra as Éclogas que com o seu uso não poderá lograr a Arcádia o fim, para que foi instituída, que é a restauração do bom gosto em Portugal. A esta dúvida bastará responder que à Arcádia Romana deve a Itália o grande esplendor da sua Poesia, o que confessam todos os Sábios daquela Nação. e entre eles aquele grande homem, que ainda em sua vida mereceu uma Estátua na resposta às Observações Críticas, que sobre a sua Mérope faz Lazarini. E todos nós sabemos que uma das Leis daquela célebre Assembleia é que nas suas Obras em Verso se use sempre do Estilo Pastoril, e nas em Prosa quanto a natureza da composição o permitir. Daqui não se infira que eu deixo de aprovar, e louvar muito o uso de outras composições na nossa Arcádia.

O último reparo se estabelece em que a Poesia Bucólica é mais do carácter da Nação Italiana, que do da Francesa, e que por consequência nós a não devemos abraçar. Se a Poesia Pastoril não agrada a alguns Franceses, será àqueles, cujos costumes, corrompidos pelo luxo, e vaidade do presente Século, lhes representem menos agradável o simples retrato da bela Natureza: será àqueles, a quem não pode satisfazer a pintura de Nausica na *Odisseia* de Homero, e a de Aquiles, e seu amigo Pátroclo, guisando com as próprias mãos as Viandas, para oferecerem aos Embaixadores de Agamémnon; mas não aos grandes espíritos, que se contentam dos prazeres, onde não entram o crime, e a ruína; aos que olham com desprezo para a pompa, soberba, e vaidade das Cortes. Um destes é o célebre Fénelon, que confessa que mais o namorava a pobre Ítaca de Ulisses, que uma Corte brilhante pelas suas odiosas magnificências. Além de que não é este género de Poesia tão alheia do gosto Francês, que muitos Autores daquela Nação se não applicassem a ela, depois que Honorato de Ursé compôs a sua tão estimada *Astreia*.

Suponhamos porém que os Franceses não gostam destas composições: por isso não havemos nós de gostar delas? Eu não sei que dependência haja entre o nosso gosto, e o seu, que seja consequência forçosa aborrecermos nós, o que eles não amam. O contrário, o quanto é do carácter da nossa Nação esta Poesia, provam evidentemente todos os nossos Poetas do bom Século de Quinhentos, daquele Século, em que ainda o péssimo gosto dos Castelhanos não tinha derramado o seu veneno em Portugal. Francisco de Sá de Miranda, Francisco de Sá de Meneses, Conde de Matosinhos, Bernardim Ribeiro, Baltasar Estação, Bernardes, Ferreira, Camões, Fernão Álvares do Oriente, Cristóvão Falcão, e outros muitos, todos amaram, todos compuseram Éclogas. Mas que muito, se até o mais sábio, o mais opulento Monarca, que viu o Mundo, se exercitou nestas composições.

Do que tenho dito em defesa da Poesia Pastoril, vos não pareça, digníssimos

Árcades, que o meu intento é persuadir-vos o frequente uso destas composições. Não, Senhores, eu não sou tão vaidoso, que me imagine capaz de aconselhar um tão distinto Corpo. Creio, e creio bem, que a nossa Arcádia sabe muito bem o que deve executar, e que necessita mais de exemplos, que de arbítrios.

Disse

SONETOS

Os sonetos seguintes foram ainda escolhidos entre os que ficaram de fora das três centúrias, impressas no Tom. I. e foram tirados das diversas Colecções.

O 1, 2, 3, vêm nos Apontamentos Originais do Autor. O 4 é da terceira Colecção. O 5 vem em todas as Colecções. Finalmente o 6 é tirado do Original de Coimbra.

I

Que longas esperanças vais traçando,
Se a breve e veloz vida o não consente,
Oh pensamento meu! goza a presente,
De futuras fortunas não curando.

Se o voraz Tempo vem aproximando
De meus anos o fim rapidamente;
Porque, louco, me dize, e imprudente,
Sobre o ar altas torres vais formando?

A mole imensa, a máquina infinita,
Que traças sobre débil fundamento,
A deixá-la a Razão hoje te incita.

Pois inda que benigno o firmamento
De vida largos anos me permita,
Será só para mágoas e tormentos.

II

A José Basílio da Gama, Autor do Poema intitulado Quitubia.

Errado o vulgo cegamente cria,
Que a sã virtude, esse dom sagrado
A raras almas raramente dado,
E que ao templo da Fama os mortais guia,

Entre as ásperas brenhas se não via,
Onde até o seu nome era ignorado;
E que da Africa o campo dilatado
Só cruéis feras, só monstros produzia.

Mas tua Lira, que triunfante prostra
O Tempo, e negra Inveja, e que altamente
A difícil do Pindo estrada mostra;

Hoje do bom Quitubia à cega gente
A fé pintando e o grão valor, demonstra

Que também tem heróis Africa ardente.

III

Vendo Amor seu império soberano
Vencido da inconstância e da ventura,
E em seu altar render com chama impura
Contínuas oblações ao torpe Engano:

Intentou restaurar-se deste dano,
Buscando um novo asilo à desventura;
Onde ocultando as iras na ternura,
Das almas outra vez fosse tirano.

Entre muitos, que viu, ternos e belos,
Os olhos escolheu de Cíntia bela,
Sublime ocasião de meus desvelos.

E saiu-lhe tão bem esta cautela;
Que quem é tão feliz que chega a vê-los,
Em render-lhe mil cultos se desvela.

IV

À morte do Senhor D. José, Príncipe do Brasil

Lançou enfim por terra astro inimigo
O novo ramo, ramo florecente,
A cuja sombra a Lusitana gente
Na tormenta esperava certo abrigo.

Caiu por terra, e ela que o perigo,
Que a queda lhe ameaça, vê patente,
A penetrante dor, que na alma sente,
Em pranto exala sobre o grão jazigo.

Ah! que torvo Cometa sanguinoso,
Solta a cauda espantosa, em ti fitado
Tem, oh Lísia, o aspecto furioso!

E quanto melhor fora, ó Céu sagrado,
Não nos ter dado o Príncipe piedoso,
Se o havias de levar apenas dado!

V

De Glauco li eu já que mastigando

Certa planta hoje oculta à mortal gente,
De humano pescador subitamente
Em Deus do mar se fora transformando.

Tu também do Parnaso, meu F...
Apenas metes no restolho o dente,
De sórdido pajola impertinente
Te foste em trovador logo tornando.

Hoje pois que com riso Apolo grava
Teu nome em seu canhenho, em feliz hora
Desse mesmo restolho te orne a frente.

E se até aqui em rifão andava,
Tais beijos tais alfaces, desde agora
Tal Poeta tal c'roa diga a gente.

VI

Quando, oh Céus, deixará o sentimento
De fazer-me perpétua companhia?
Ou quando chegará o feliz dia,
Em que c'o a vida acabe o meu tormento.

Ou brilhe o roxo Sol no firmamento,
Ou de sombras o cubra a noite fria,
A pálida e voraz melancolia
Jamais de mim se aparta um só momento.

Morte, em que te deténs, que a foice dura
Não vibras contra mim, no golpe irado
A alma triste cortando a ligadura?

Levanta já o braço descarnado:
Mas (oh dor sem igual, oh desventura!)
Até a morte foge a um desgraçado.

IDÍLIOS

I

Na Colecção original mais antiga, e também menos correcta, das Poesias de Dinis, que se consultou, a qual existe hoje em Coimbra, e daqui em diante chamaremos a Primeira, é este Idílio mais extenso, e tem por título Elpino Nonacriense aos Pastores da Arcádia, na primeira Conferência, que foi aos 19 de Julho de 1757. Conservado depois sem alteração na Colecção Segunda [que é aquela, que o Autor ofereceu à Excelentíssima Condessa de Vimieiro, da qual extraiu em outro tempo uma cópia muito fiel, e exacta o Excelentíssimo, e Reverendíssimo Sr. Bispo actual de Portalegre, que benevolmente no-la comunicou] tornou a aparecer mais abreviado, e correcto, pelo modo, por que vai impresso na Terceira e última Colecção, escrita toda da própria letra do Autor e remetida do Rio de Janeiro depois da sua morte, a qual conseguimos por diligência, e eficácia do Sr. Brigadeiro Matias José Dias Azedo.

Pastores, que habitais as frescas margens,
Que banha o claro Tejo, e nos seus campos
Vigilantes guardais vossos rebanhos,
Se das frutas pastoris a antiga glória
Quereis ver renovada, e do famoso
Pastor do claro Anapo, e do do Míncio
Igualeda a suavíssima doçura;
A ribeira deixai, vinde comigo
Do Ménalo às fraldas, onde as Musas
Tomam a florecer. Ali cantando
Vereis ao brando Tirse os seus amores,
Tirse²⁴ que arrasta, e move após seu canto
Os antigos Pinheiros do alto Monte.
Ali vereis também entre as Ovelhas
Almeno²⁵ que os Pastores não despreza,
(Que Apolo foi também Pastor de Admeto.)
E que gozo tereis, quando escutardes
De Coridão²⁶ a Lira, aquela Lira,
Com a qual costumava o louro Apoio
Nas Ribeiras do Anfrizo entre o seu gado
Os Montes atrair! O mesmo Apolo
Benigno lha entregou, a formosura
Ouvindo-o descantar da sua Márcia.
Ali também de Alcino²⁷ o doce canto,
De Fido²⁸, de Silvano²⁹ e de Siveno³⁰

²⁴ O Doutor Teotónio Gomes de Carvalho. (Nota do Autor).

²⁵ O Doutor Manuel Nicolau Esteves Negrão. (Nota do Autor).

²⁶ Pedro António Garção. (Nota do Autor).

²⁷ Domingos dos Reis Quita. (Nota do Autor).

²⁸ José Gonçalves. (Nota do Autor).

²⁹ José Dias Pereira. (Nota do Autor).

Suspensos ouvireis canto suave,
E que igual nunca ouviu o Ismaro Trácio.
Tão brandos, tão sonoros são seus Versos,
Que as Náiades formosas para ouvi-los
Com as verdes cabeças fora de água
Suspensas vejo estar. Oh três, e quatro
Vezeis felizes sábios guardadores!
A cujas brandas vozes concederam
As Musas tal encanto: o vosso gado
De fina, e branca lã em todo o tempo
Sempre coberto esteja; vossos tarros
De saboroso leite sempre abundem;
E as árvores agrestes vos derramem
Mel mais doce, que o doce mel do Himeto;
Pois por vós vemos hoje renovada
A antiga Idade de Ouro, o antigo preço
Das Frutas Pastoris. E vós, ó Lusos,
Que inflamar-vos sentis no amor da glória,
E quereis pelas Musas ser famosos,
Os meus passos segui, que neste dia
(Oh dia mais feliz, mais venturoso
De quantos tem o Ménalo contado!
Sempre o Sol com seus raios te ilumine:)
Os Pastores seus jogos principiam.
Ó Árcades! notai em branca pedra
Dia tão fausto, e seja por famoso
Às vossas festas sempre consagrado:
E porque dele eterna se conserve
Entre nossos vindouros a memória,
O seu nome cortai nos duros troncos
Das árvores anosas, e cantado
Em vossos Versos para sempre seja.
Mas que brilhante luz enche os meus olhos!
Que doces ecos ferem meus ouvidos!
Ah! Já vejo os Pastores, já escuto
O suavíssimo canto: ali Almeno,
Aqui Siveno está, ali Alcino,
Tirse, Condão, e Nemerós.
Mas o louro mancebo, que cercado
De tantas Ninfas, anda diligente
Pelo monte colhendo as lindas flores,
Que será? Ah! perdoa, ó Sacro Apoio!
Tu mesmo és, que das Musas assistido,
Com as Divinas mãos andas tecendo
Capelas de boninas, e de louros,
Para a frente c'roar dos meus Pastores.
E que novo portento me arrebatou!
Que admirável, que súbita mudança!

³⁰³⁰ Silvestre Gonçalves. (Nota do Autor).

Em brancos Cisnes voam convertidos
Os ditosos Pastores, de harmonia
Enchendo a Terra toda com seu canto.
Onde, Sábios Pastores, dizei, onde
Sem Elpino voais, o vosso Elpino?
Esperai, esperai, que eu já vos sigo:
Já de cândidas plumas guarnecido
Meu corpo vejo; já da humilde Terra
Batendo as leves asas, me remonto;
E por vos alcançar rapidamente,
Sacudo as crespas plumas; mas de balde,
Que são muito sublimes vossos voos.
De longe os seguirei, já que não posso
A tão imensa altura transportar-me
E seguindo seu rasto luminoso,
Não só na Arcádia, mas em toda a Terra
Farei de Elpino o nome celebrado.

II

Este Idílio, e o seguinte acham-se, unicamente na primeira Colecção.

Numa manhã serena de Janeiro
Sentado em sua choça estava Dáfnis
O vivo fogo, que estalando ardia
Nos secos troncos, nela derramava
Um suave calor; enquanto o Inverno
O restolho, que a cobre, c'uma grossa
Cama de neve sepultado tinha.
Satisfeito o Pastor, por uma estreita
Janela os olhos lança sobre os campos;
E observando o contorno despojado
Pelos ventos cruéis, assim dizia:

DÁFNIS

Quantas graças inda entre os teus rigores
Contigo tens, ó desabrido Inverno!
Que ledo resplendor o Sol espalha
Por entre as subtis névoas sobre os montes,
Que alvejam com o crespo caramelo!
Oh como resplandece a branca neve!
Que magníficos quadros representam
Aqui os negros troncos, e os torcidos
E desfolhados braços destas árvores
Nesses campos, que cegam, espalhadas!
Lá essa parda choça, que de neve
O tecto tem coberto! noutra parte
As balsas espinhosas, que matizam
Com sua cor escura a uniforme,
E brilhante brancura da planície!
O verde grão, que grela pelos sulcos,
A neve greta com as tenras pontas
Que agradável matiz está formando
A verde cor, que brota, com a alvura
Da densa neve, que o terreno cobre!
Que brilhante espectáculo apresentam
Os vizinhos arbustos espinhosos!
Lá o orvalho em pérolas tomado,
Nos desfolhados ramos, nas vergôntes
Que leves move o vento, está brilhando.
Desertas sim estão estas campanhas;
Os rebanhos pacíficos repousam,
Em os quentes apriscos encerrados.
Apenas se descobrem as pisadas
Do manso Boi, que do vizinho bosque
Vagaroso conduz para a cabana

Os grossos troncos, que o Pastor cortara.
Deixado têm as Aves as Florestas;
E só voar se vêem o solitário
Melharuco, que pelo frio canta,
o pequeno Picanço, que no campo
Ora aqui, ora ali salta amiúde,
E o Pardal atrevido, que das choças
Vem junto às portas a comer o trigo,
Que está por essas lavras semeado.
Lá no Vale esse rústico aposento,
Donde sai ondeando o negro fumo
Do meio dessas árvores, morada
Da minha Fílis é. Oh minha Fílis!
Agora pode ser que tu sentada
Junto do teu fogão, o belo rosto
Encostado na mão, em mim contemples,
E a tomada da alegre Primavera
Como eu desejes. Fílis, ah quanto és bela!
Mas não foi só a tua formosura
Quem o amor ateou, que na alma sinto:
Eu te amo desde o dia, que do cume
Dum rochedo caíram despenhadas
Ao gentil moço Aléxis duas Cabras.
Meu Pai, chorando, é pobre, ele dizia,
E eu perdi duas Cabras, das quais uma
Prenhe estava: ai de mim! à nossa Choça
A tomar não me atrevo. Tu seu pranto
Viste, e de compaixão também choraste;
Mas o pranto enxugando, duas Cabras
As melhores do teu pobre rebanho
Logo escolhes; e, aflito Pastor, dizes,
Aléxis, estas duas Cabras toma,
Das quais uma está prenhe: ele de gosto
Chorava, e tu também de gosto choras,
Pelo ter em seu mal remediado.
Oh Inverno! por mais cruel que sejas,
Não estará por isso a minha fruta
Pendurada na rústica Choupana,
E coberta de pó, nem menos temas
Cantigas cantarei à minha Fílis:
Tu as flores dos prados tens segado,
E das folhas as árvores despido;
Mas apesar de tudo uma capela
A Fílis tecerei, unindo nela
Com seus cachos azuis o verde eterno
Das lentas heras: este melharuco,
Que ontem caiu por dita em minhas redes,
Da minha Fílis cantará na Choça:
Hoje lho levarei com a capela.
Lá canta tu, amável avezinha,

E com teus doces quebros a diverte:
Eia te fala com doce riso,
E o comer te dará nas belas mãos.
Oh com que ânsia serás dela tratado,
Contemplando que és dádiva de Dáfnis!

III

Alguns Versos errados se encontram nesta Écloga, que se devem atribuir o descuido da pena do Autor, e à negligência, que teve de a corrigir e aperfeiçoar.

Écloga. Tirse, e Ornito, e Coro de Pastores, *composta em 1754.*

Já a saudosa Aurora vinha abrindo
As portas do Oriente ao novo dia,
De luz os desiguais montes cobrindo:

Enchiam-se as florestas de alegria.
Filomela entre os ramos se queixava
Com triste, e suavíssima harmonia:

Quando Tirse, Pastor, que apascentava
Nas ribeiras do Tejo manso gado,
Com o canto das aves despertava:

E das humildes peles levantado,
O malhado surrão ao cinto prende,
Dum canto toma o rústico cajado;

E correndo aos redos deles desprende
A faminta manada cuidadoso,
Que pelo vale côncavo se estende:

E enquanto pelo prado deleitoso³¹
Pasce a tenra ovelhinha a mole grama,
E o codesso c'o carvalho mais sabroso;

Omito, que na humilde, e tosca cama
Ainda entregue está ao sono brando³²,
Assim o desvelado Tirse chama.

TIRSE

Ah Omito! ah pastor! dize até quando
Hás-de dormindo estar? As várias flores
Já com seu pranto a Aurora vem regando.

Já conduzindo vão os Lavradores
Os tardos bois ao rústico exercício,
E deixam as malhadas os Pastores:

E tu sem te lembrar do teu ofício,

³¹ O autor tinha escrito: «E enquanto no húmido prado, e deleitoso».

³² O autor escrevia: «Inda entregue está ao sono brando».

Das Aves não te acorda o doce canto,
E apenas de que és vivo dás indício.

Por certo que me causa grande espanto
Ver que dormindo estás com tal sossego,
E que do gado teu te esqueças tanto.

Não ouves o feliz desassossego,
Com que alternam os leves passarinhos
Dos seus cantos o vário, e grato emprego?

Olha como saltando nos raminhos
Sonoramente a Aurora estão saudando,
Deixando o doce amparo dos seus ninhos,

Não atendes também como balando
O tenro cordeirinho, a ovelha mansa,
Nos redis pelo pasto estão bradando?

Pois como o génio teu inda descansa,
Que na humilde palhoça inda estendido,
Do teu gado te não move a lembrança?

Ah Pastor! certamente que duvido
Se és tu aquele antigo companheiro,
A que me trouxe a sorte sempre unido.

Tão mudado te vejo o ser primeiro,
Com que entre os do lugar te distinguias
Por sábio, e diligente pegureiro.

ORNITO

Amor, que é roubador das alegrias,
Em mim causou tão áspera mudança,
Nem tu já me verás como me vias.

Tão outro estou, que até nem confiança
Me acompanha de ser qual era dantes:
De alívio perdi já toda a esperança;

Que até um, que entre imagens inconstantes
Dormindo a vaga ideia me pintava,
Me roubaste, cruel, nestes instantes.

E porque saibas quanto Amor traçava
Para aumentar a minha desventura,
Te quero referir o que sonhava.

Sonhava que no meio da espessura

Do verde bosque a Pales consagrado,
Onde em borbulhões nasce a fonte pura,

Sobre um penedo o corpo reclinado,
Regando com meus olhos a floresta,
Do rigor me queixava do meu fado.

E enquanto o imoderado ardor da sesta,
Amparado das árvores sombrias,
Todo o Pastor passava em branda festa:

Eu, que o gosto perdi das alegrias,
Da fonte ao som, que alegre murmurava,
De Liceia cantava as tiranias:

E quando ao maior ponto a dor chegava,
Liceia aparecia, e de repente
Em gostos minhas penas transformava:

Pois do mal, que me aflige cruelmente,
Em o gesto mostrando-se piedosa,
Me roubava os sentidos docemente:

E porque ficasse a alma mais gostosa,
Do belo malvaíscio, e das boninas
Tecendo uma grinalda mui formosa,

Com as mãos, mais que a neve cristalinas,
Na minha humilde fronte a colocava
Com palavras de amor temas e finas.

Oh! como absorto o coração estava
Não direi, que não pode referir-se
A glória, que minha alma então provava.

Enfim queria Amor restituir-se
Dos gostos, que entre sonhos me emprestara,
Para de meus enganos depois rir-se.

E quando a maior glória me elevava,
Para fazer mais cruel o meu tormento,
Ordenou que aos teus ecos despertara.

Contempla qual será meu sentimento,
Vendo em tão curto espaço arruinados
Os castelos, que Amor fundou no vento!

E se entre a multidão dos desgraçados
Poderá por acaso algum achar-se,
Contra quem se conjurem tanto os Fados!

Ou se pode pesar acaso dar-se,
Como na duração dum só instante
O mais feliz, o mais triste encontrar-se!

TIRSE

Estilo é muito usado dum amante
Chamar a mais cruel à sua Estrela,
Quando se vê na mágoa delirante.

Dos seus delírios põe a culpa nela,
Sendo ele quem no próprio pensamento
O tormento fabrica, que o desvela.

Porém tu, se de todo o entendimento
Não tens como a vontade já perdido,
As palavras, que digo, escuta atento.

Primeiro se achará no perseguido
Montaraz Javali fero, e cerdoso
Piedade, e compaixão, do que em Cupido.

Primeiro deixará o rigoroso
Cerval faminto Lobo carniceiro
Dos Cervos perseguir no bosque umbroso,

Do que este cruel Deus cego, e frecheiro
Deixe de atormentar com seus rigores
O peito dum amante verdadeiro.

O Cáucaso não cria em seus horrores
Nem a floresta Hircana mais tirano
Monstro, do que este Deus todo furores.

Se cuidas que esse pranto do teu dano
O moverá, te enganas, pois intenta
Suas aras banhar em sangue humano.

Deixa pois de seguir quem te atormenta,
Se não queres perder a doce vida
As mãos dum cego Deus, duma alma isenta.

E pois a manhã clara nos convida,
Tratemos de levar por esse atalho
O gado àquela Serra mais erguida,
Enquanto dura na erva o fresco orvalho.

ORNITO

Vamos: mas dize, Tirse, não reparas
Como ora correm claras as serenas
Aguas do Tejo amenas? Não escutas
Como em doces disputas nos raminhos
Cantam os Passarinhos? Que saudosa
Música deleitosa dentre a rama
A Rola aqui derrama docemente!
Que alegre no Oriente raia a Aurora!
Oh como a bela Flora o campo esmalta
De flores! Como salta pelo prado
Alegre o manso gado, e entre as flores
Cantam os guardadores! Mais saudosa
Mais fresca, mais formosa manhã pura
Não viu esta espessura, ou seja quando
Febo nos vem buscando, ou de nós parte,
E sua luz reparte doutro Clima.
Esta relva por cima rociada
Parece prateada, o vento brando
As folhas encrespando alegre, e frio,
O som, que o claro rio vai fazendo,
O peito estando enchendo de prazeres.
Os lírios, malmequeres, e boninas,
As violas, cravinas, murtas, rosas
Parecem mais cheirosas neste dia.
Tão suave alegria neste prado,
Desde que com o gado nele assisto,
Meus olhos não têm visto; e de presente,
Se acaso me não mente a conjectura,
Uma grande ventura pronostica.
Tão clara, leda, e rica manhã bela!
Grande causa desvela a Natureza
A mostrar tal beleza, e luzimento
No prado, rio, vento, Céu, e flores.

TIRSE

Certo que só por causas sup'riores
No insensível se vê tanta alegria,
Que este efeito não é das inf'riores.

Se acaso bem me lembro, hoje é o dia,
Em que Nise, Pastora delicada,
Nascendo encheu o Mundo de alegria.

E esta selva por ela celebrada,
Para sinal do seu contentamento,
Mais alegre se mostra, e mais ornada.

ORNITO

Sem dúvida, Pastor, que este portento
O velho Alcimedonte me contava
Ao som do sem igual, doce instrumento.

«Virá, Omito amigo, ele cantava,
Um dia, em que há-de ver esta espessura
Prodígios, que a razão não esperava.

Correrá mais do que ora alegre, e pura
A corrente do rio sossegado,
Marchetando de flores a verdura.

O Tejo de espadanas coroadado,
Deixando do cristal as puras veias,
Das Tágides gentis acompanhado,

Buscando as preciosíssimas areias,
Nelas ao brando som das próprias águas
Alegre tecerá novas coreias.

Virá o Tégeo Pã, deixando as mágoas,
Das escabrosas grutas, em que habita,
E onde sente de amor ardentes fráguas:

E contente também de tanta dita,
Cantando ao som da fruta que inventara,
As florestas dará glória infinita.

Dirá como nas margens o deixara
Do Ládou a Nonacria desabrida,
A quem do que a si próprio mais amara;

E como em verde planta convertida
Ali ao som das enceradas canas
A canora invenção logo o convida.

E em cláusulas depois mais soberanas
As prendas cantará duma Pastora,
Cujas graças serão mais do que humanas.

Nascerá mais brilhante a bela Aurora,
E no prado pintado de mil cores
Lascivos brincarão Zéfiro, e Flora.

Nesse dia, cantava, os Lavradores
Não porão nos Bezerros curvo arado,
Mas os coroarão de várias flores:

Andará pelo monte sossegado,
Sem guarda dos solícitos rafeiros

Pascendo a tenra ervinha o manso gado:

E os esfaimados lobos carniceiros,
Deixando as cegas grutas, e fragosas,
Brincarão mansamente c'os cordeiros.

Hão-de secar-se as ervas venenosas,
E em vez de abrolhos duros, e de espinhos
A terra brotará lírios, e rosas.

Cantando voarão os passarinhos
Pelas margens, que o fresco Tejo banha,
Buscando o mole feno para os ninhos.

Discorrendo andarão pela montanha
Com as corças os cães em companhia
Com desusada paz, concórdia estranha.

As Órcades, que habitam na sombria
Seiva, aos Sátiros dando cruéis mágoas
Dum contínuo desdém na tirania:

As Náíades, que vivem entre as águas,
As Driades, que centro de esperanças,
Nos verdes olhos têm de amor as fráguas.

Pondo todas de parte as esquivanças,
C'os corníferos Faunos, c'os Silvanos
Confusas tecerão graciosas danças.

Este o dia será, em que nos anos
Crescendo em perfeições Nise divina ³³,
Do tempo vencerá os cruéis danos.

Oh! venturoso aquele, a que destina
O Grão Jove na inescrutável mente
O bem de ver a Ninfa peregrina!»

Estas coisas então suavemente
Me cantava o Pastor junto da fonte,
De que eu sempre zombei rústicamente.

TIRSE

Tudo, e mais do que o douto Alcimedonte
Te contou, neste tão ditoso dia
Sucedido verás no nosso monte.

³³ *Aumentando as perfeições*, foi descuido da pena do autor.

E se não é ficção da fantasia,
Entre o brando sussurro do arvoredo
Soando ao longe vem uma harmonia.

Deixa-te estar agora um pouco quedo,
Que quero ver se é certo o meu aviso,
Ou da confusa ideia algum enredo.

ORNITO

Não se engana, Pastor, o teu juízo,
Que por entre estes ramos na floresta
Um rancho de Pastores lá diviso.

Se a vista me não mente, em doce festa,
Direitos vêm ao Vale da Saudade.

TIRSE

Pois subamo-nos, meu Pastor, sobre esta
Faia, ouviremos mais a suavidade,
Que estão as suas vozes derramando
Deste campo na muda soledade.
Olha quão docemente vêm cantando!

CORO DE PASTORES

Divina Pastora,
Cujos olhos belos,
Dão ao Sol desvelos,
Dão inveja à Aurora:

Por teus resplendores
Em tão feliz dia,
Cheios de alegria
Andam os Pastores.

Os campos se esmaltam
Das mais belas cores,
E por entre as flores
Os cabritos saltam.

Ceres a lavoura
De frutos garante,
E o trigo, que cresce,
As espigas doura.

A grada seara
Os olhos deleita,
E fértil colheita

Ao cultor prepara.

Reverdece o prado,
E o monte, e a selva,
Abundante relva
Oferecem ao gado.

A Sagrada Pales
Aos votos atende,
E o gado defende
Por montes, e vales.

Andam os novilhos
Pastando no prado,
Sem o curvo arado,
Nem os duros trilhos:

Alegra-se o monte,
O bosque sombrio,
O sereno rio,
A risonha fonte.

As auras suaves,
As doces abelhas,
As mansas ovelhas,
As canoras aves.

E até os Serranos
De inculta montanha
Com folia estranha
Celebram teus anos.

ORNITO

Mais que os raios do Sol no frio Inverno,
E que as sombras no ardor do seco Estio,
Agradável me foi seu canto temo.

Venturosa Pastora, a cujo brio
Tanta beleza, e graça estão devendo
O campo, o gado, o vale, a serra, o rio.

TIRSE

Tão novo, e singular, tão estupendo
Me parece este caso, que pasmado
Não crê a vista o mesmo, que está vendo:

E se benigno o Céu tão empenhado
No nosso bem se mostra neste dia,

Deixando a seu sabor pascer o gado,

Busquemos da Pastora a companhia,
Pois é justo também hoje logremos
Parte deste prazer, desta alegria.

ORNITO

Dizes bem: por aqui melhor iremos,
Que é caminho mais perto para a Aldeia,
E nela a bela Nise encontraremos:
E talvez que também veja a Liceia.

IV

Écloga, Fido

Foi composta em 1755, e acha-se só na segunda Colecção

Já do Pastor de Anfrizo os resplendores
De Colcos o animal vinham dourando,
E o como de Amalteia, de mil flores
Os outeiros, e os vales adornando;
Na grata confusão de várias cores
Os corações, e os olhos deleitando,
Nos ânimos mais tristes produzia
Suaves incentivos de alegria.

Via-se o Rouxinol com doce canto
Queixar-se do Pastor, que astutamente
Os filhos lhe roubou tirano, enquanto
Do caro ninho seu andava ausente,
Vestia o Prado led o verde manto,
Que Hora matizou vistosamente;
E com doce murmúrio do alto monte
Se despenhava ao vale a fresca fonte.

Quando Fido, Pastor, que a desventura
Do Guadiana aos campos desterrara,
Ao tempo que já o Sol sua luz pura
Nas ondas do Oceano sepultara,
E a branca Lua a noite triste, e escura
Em serena tomava alegre, e clara,
De seus olhos com lágrimas em fio
A corrente aumentava ao fresco rio.

Sobre um duro penedo reclinado,
A esquerda mão na face, os olhos na água.
O surrão num Carvalho pendurado,
Do intrínseco pesar na triste frágua
Esteve por um pouco arrebatado;
Até que, entregue todo à dura mágoa,
Vencido da aflição o sofrimento,
Nestas vozes rompeu o brando vento.

FIDO

Fortuna, que em meu dano conjurada,
Nunca cessas, cruel, de atormentar-me,
Se sempre contra mim te vejo irada
Teu rigor satisfaze com matar-me.
Mas oh! que em meus pesares declarada

A vida não acabas de tirar-me;
Porque quer tua bárbara porfia
Que eu padeça mil mortes cada dia.

Se sem olhos te pintam, e inconstante,
Como, cega, me vês, para seguir-me?
E como, sendo vária, tão constante
A toda a hora te encontro em afligir-me?
Mas ai! que inda que és cega, e que és errante,
Como tens por empenho o perseguir-me,
Porque fosse maior tua fereza,
Mudaste para mim a natureza.

Oh! mal haja mil vezes o primeiro,
Que à tua Divindade ergueu Altares!
Mal haja, outra vez digo, o lisonjeiro,
Que para subornar os teus azares,
Em teu Altar matou tenro Cordeiro:
Pois para se eximir dos teus pesares
Com sacrílego voto, indigno culto
Por Númen adorou teu torpe Vulto.

Dos campos, onde corre sossegado
Por entre areias de ouro o claro Tejo,
E aonde vendo Cíntia, e o manso gado,
Ficava satisfeito o meu desejo;
Para estes me trouxeste desterrado,
Nos quais é horror tudo quanto vejo:
Que a saudosa tristeza de meus olhos
Me representa as flores como abrolhos.

Tudo quanto contemplo na espessura,
Que tece a confusão deste arvoredado,
Para meus olhos é uma pintura
Onde imagens só há de horror, e medo.
Nela nada descobre a conjectura,
De que meu mal não seja um arremedo:
Que um desgraçado a pena que o maltrata
Em tudo só tragédias lhe retrata.

Do verde Prado nas cheirosas flores,
Deste rio no brando movimento,
Nos inocentes jogos dos Pastores,
No doce sussurrar do fresco vento,
No exercício sagaz dos Caçadores,
Da fruta pastoril no acorde acento,
No sonoro cantar de Filomena,
Em tudo acho incentivo à minha pena.

Entre as flores a Adónis morto sinto,

O sangue de Ácis vejo na água pura,
Nos jogos a desgraça de Jacinto,
De Prócris me lembra a aura a desventura:
Considero a Actéon na caça extinto,
A fruta a morte de Argos me afigura;
E o rouxinol me pinta na memória
De Progne, e de Tireu a triste história.

Quantas vezes escuto na sombria
Selva cantar os doces passarinhos,
Que com tema, e docíssima harmonia
Requebrando-se estão pelos raminhos;
E depois os vejo ir em companhia
Buscando o doce amparo dos seus ninhos.
Onde com suavíssimo sossego
Logram de seu amor o grato emprego:

Tantas vezes da mágoa arrebatado
Sinto no coração ânsia tão forte,
Que de um cego furor precipitado
Me resolvo a buscar a própria morte:
E bem que o ímpeto cessa, o meu cuidado
Não cessa em invejar-lhe a feliz sorte:
Que até (porque maior a pena seja)
Dos irracionais tenho à sorte inveja.

Nasce o Sol, e começa o meu tormento;
Vão crescendo depois seus claros raios,
E também em meu triste pensamento
Cresce o pesar em fúnebres ensaios.
Começa a declinar seu luzimento,
E não sinto em meu mal alguns desmaios;
Sepulta-se no mar, acaba o dia,
E não se acaba em minha alma a agonia.

Qual a doce avezinha, que do Prado
Ao caro ninho seu toma contente
A buscar o consorte, que roubado
Encontra do Pastor tiranamente,
Vendo-se só, com voo acelerado
Core Montes, e Prados descontente,
E em tristes, e suavíssimos clamores
Vai contando o seu mal às próprias flores.

Assim eu do adorado Bem distante,
Contemplando-me só, e em terra estranha,
Na mágoa, que me aflige, delirante
Corro o duro monte, a áspera campanha:
Com suspiros, que exala o peito amante,
Os penhascos abrando da montanha;

Mas não abrando a dor, que em afligir-me
Que essa mesma montanha está mais firme.

Ando tão pensativo em minha mágoa,
Que até do próprio asseio já me esqueço:
Esta manhã me vi dentro desta água;
Tão outro estou, que a mim me não conheço.
Tanto em mim tem obrado a dura frágua
De meus males, que o mesmo não pareço.
Pois mudado o talhe, o ânimo perdido.
Nem as sombras conservo do que hei sido.

Desse tempo feliz, em que a esperança
Alentava de amor o doce efeito,
Só dura na memória hoje a lembrança,
E o incêndio de amor dentro do peito.
Do mais nem sequer tenho a semelhança:
Tudo trocado está, tudo desfeito:
Que brio, graça, gênio, e mais figura
Tudo me tem roubado a desventura.

De contínuo cuidar na tirania
Do Destino ando tão alienado,
Que talvez praticando em companhia
Dos mais Pastores fico arrebatado.
Quando saio ao romper do novo dia,
Levando para o monte o pobre gado,
Fico às vezes atrás tão suspendido,
Que sendo o guardado, sou o perdido.

Admiram-se os Pastores deste monte
Quando advertem em mim tanta estranheza:
E mil vezes o velho Alcimedonte,
Que das cousas conhece a natureza,
Com empenho me pede que lhe conte
A causa, que me obriga a tal tristeza;
Prometendo curar todos meus males
Com as ervas, que nascem nestes vales.

A bela Nise, glória deste rio,
Inveja das pastoras mais formosas,
Natércia, que no monte o senhorio
Entre as discretas tem, e entre as airosas,
Em divertir meu triste desvario
Com mil ânsias se mostram desejosas;
Mas a sua piedade em vão se cansa,
Que a minha alma nas penas só descansa.

O trato dos Pastores me aborrece,
Das Pastoras me enfada a companhia:

E até o próprio gado me entristece,
Que noutro tempo foi minha alegria.
Ainda bem o sol não aparece,
E já desejo ver findar-se o dia;
Chega a noite enlutada em seus horrores,
E desejo do Sol os resplendores.

Se alguma coisa a mágoa lisonjeia,
E só o feio horror da soledade:
Aqui o pensamento se recreia
Das imagens cruéis na imensidade;
Farta-se o coração, farta-se a ideia
De sentir sem estorvo a saudade:
Que aumenta aos infelizes a desgraça
Quem sentir seus pesares lhe embaraça.

Oh quantas vezes pela ardente sesta
Enquanto as belas Ninfas, e os Pastores
passando a calma estão em branda festa,
Ou contando uns aos outros seus amores;
Me meto no intrincado da floresta,
E do sombrio bosque nos horrores;
Apartando de tudo o pensamento,
Me ponho a contemplar no meu tormento.

Se alguma vez debaixo desta Faia
Me assento a divertir a triste ideia,
Ou vendo a perfeição, com que esta praia
De conchas, e coral toda se arreia,
Ou como o fresco rio aqui se espraia
Mostrando lá no fundo a branca areia,
Mais se aumenta o meu mal, pois a memória
Me traz do bem passado a larga história.

Todo o tempo feliz, em que, mimoso
Das glórias, que reparte o Deus menino,
Foi nos campos do Tejo venturoso
Nos mimos dum agrado peregrino,
O tesouro logrando mais precioso
De que me fez Amor possuidor dino;
Entre os confusos longes da ventura
Da lembrança nos quadros se figura.

Umás vezes me pinta a fantasia
Quando eu, e Cíntia lá no ardente estio
Levando ambos o gado em companhia
A banhar-se no Tejo, do sombrio
Bosque ela as tenras flores me ofrecia,
E eu o roxo coral do fresco rio,
Que entre a neve das mãos, com que o tocava,

Na cor mais incendiado se mostrava.

Outras vezes a ideia me figura
Quando entregue o rebanho à vigilância
Dos rafeiros, deixando a espessura,
Buscávamos alguma alegre estância
Junto ao Tejo; e sentados na verdura,
Gozando da fresca aura, e da fragrância
Das flores, com suavíssimo sossego
Lançávamos as redes no alto pego:

E quando o Sol nas ondas prateadas
Ia já os seus raios sepultando.
E caía das serras levantadas
A triste sombra; as redes levantando,
As achávamos todas carregadas
Dos ruivos camarões inda saltando;
E recolhendo o gado, e o marisco
Tomávamos contentes para o aprisco.

Quantas vezes na fresca Primavera
Saímos pelo prado a colher flores;
Quantas no turvo Outono a branda pêra,
E a doce uva também de várias cores,
Quantas ao denso mar a fugaz fera
Seguimos com os galgos voadores
Este prado, este vale, esta espessura
Na lembrança outras tantas me figura.

Uma tarde me lembra que enfadado
Da demora de Cíntia, que aguardava,
A sombra de uma Faia recostado
De Morfeu ao descanso me entregava:
E depois de algum tempo ter passado,
Acordando, cingida a fronte achava
De uma bela grinalda, cujas flores
Guardo como relíquia em meus ardores.

Levantei-me por ver se acaso via
Quem era ocasião desta ventura.
E os olhos aplicando onde se ouvia
Um confuso rumor pela espessura,
A minha Cíntia vi, que se escondia
No bosque com amante travessura:
Mas não podia a selva em seus verdes
Ocultar os seus belos resplendores.

Vi... Mas onde engolfado, ó pensamento,
Me levas, da razão perdido o norte!
Se basta do retiro o mal violento

A dar-me na saudade cruel morte,
Não busques à minha alma mais tormento,
Porque voas tão longe dessa sorte,
Se aqui mesmo descobre a fantasia
Os maiores motivos de agonia?

Quem me dissera quando no Mondego,
De Pastores, e Ninfas celebrado,
Fui do aplauso, e da inveja um tempo emprego,
Que inda me havia ver em tal estado
Sem glória, sem aplauso, sem sossego,
Da doce Pátria minha desterrado,
Vendo outro campo, rio, choça, gente,
Aflito, solitário, e descontente?

Quem julgaria, vendo-me no Tejo
Com meu gado ocupar toda a espessura,
Favorecendo Cíntia o meu desejo,
Dobrando-me as riquezas a Ventura,
Que a ver-me chegaria, qual me vejo
Perseguido do amor, e desventura,
Sem riquezas, sem gado, e sem Pastora,
Chorando, ou morra o Sol, ou nasça a Aurora?

Quem me diria que até a confiança,
Que costuma assistir aos desgraçados,
De que ainda da sorte na mudança
Poderão ter alívio os meus cuidados.
Me havia abandonar? Pois a esperança,
Que o rigor me permite de meus fados,
E tão confusa, e tem tanta incerteza,
Que antes faltará a vida, que a tristeza.

Mas oh! que, se suspenso o entendimento
Não andara nos mimos da ventura,
Vira, que em fortuna tendo aumento,
Logo começa a ser menos segura.
E mil vezes a gralha em rouco acento
Me predisse cruel a desventura,
De cujo triste agouro então zombava;
Mas conheço em meu mal, que me enganava.

Desta sorte o Pastor interrompia
O profundo silêncio da espessura,
Tão suspenso nas mágoas, que dizia
Que nem ao triste horror da sombra escura,
Nem aos temos balidos atendia
Do gado, que já farto de verdura
Balandando junto dele todo estava,
E pelo aprisco inquieto lhe bradava.

Quando já de algum dano receosos
Saíram da malhada a procurá-lo
Os outros companheiros cuidadosos;
E depois que chegaram a encontrá-lo,
De dar-lhe algum alívio desejosos
Com razões pretenderam consolá-lo:
Mas vendo que com elas mais se enleia,
O levaram por força para a Aldeia.

V

Écloga para celebrar a Festa do Santíssimo Natal, recitada no Ménalo aos 28 de Dezembro de 1757 por Elpino Nonacriense, e Almeno Sincero.³⁴

Impressa do modo, por que se lê na primeira, e segunda Colecção.

Já dos tenros arbustos penduradas,
Dão sinal as canoras avezinhas.
De que a brilhante luz da fresca Aurora
As matizadas nuvens vem dourando.
Do branco orvalho a relva borrifada,
A manada convida, que faminta
Na malhada balando não sossega.
E tu nas moles peles recostado,
Inda dormes, Almeno! os cabritinhos
Já tenho de boninas coroados,
E do ordenhado leite os grandes tarros
Todos cheios; e tu ao sono entregue,
Nem o som dos confusos instrumentos,
Liras, sanfonas, cítaras, e frautas,
Que em todos estes vales se derrama,
Te acorda; nem te priva do sossego
A lembrança dum dia tão festivo,
Que pelas Santas Leis da nossa Arcádia?
E todo aos nossos jogos consagrado?
Ah! desperta, Pastor, e enquanto enramo
De louros, e de murtas a Cabana,
Enquanto os trilhos, grades e os ancinhos
De alecrim, rosmaninho, e de giestas
Cobrindo vou, veloz nos secos troncos
Fogo acende, e queimando puro enxofre
O rebanho perfuma, porque fique
De maligno contágio todo isento;
E para que não possa a torpe inveja
C'os retorcidos olhos fasciná-lo,
Das viçosas capelas, que tecido
Do nardo agreste tenho, diligente
Lhe cinge as duras pontas, doce Almeno.

ALMENO

Com que motivo, Elpino, a despertar-me
De madrugada vens? ah! que não sabes
Que tinha bem razão de estar dormindo.
Quando ontem pelas horas costumadas

³⁴ O Senhor Manuel Nicolau Esteves Negrão, hoje Desembargador do Paço, e Chanceler-mor do Reino.

De recolher o gado te apartaste,
Fui ao curral, depois vim à Cabana,
E ainda bem não tinha aceso o fogo,
Quando ouvi de repente, Elpino, uivarem
Mui perto do curral famintos lobos:
Vê com que susto eu triste ficaria!
Não me fiei na guarda dos rafeiros,
E levei de vigia toda a noite:
De cansado ia agora adormecendo,
Quando bateste à porta da Cabana;
E inda que pouco estava para ouvir-te,
Dize o que queres; e porque tão cedo
Saíste da tua choça? Se algum caso
Estranho te não move a madrugares,
Não me perturbes mais o meu sossego.

ELPINO

Como! não sabes tu que nesta noite
(O noite mais feliz, e mais brilhante,
Que o dia mais alegre, e mais sereno,
Da fresca Primavera!) em um Presépio
Duma Sagrada Virgem, mais formosa
Que o prado por Abril de flores cheio,
O Messias nasceu, o Desejado
De todas as Nações, o Prometido
Dum sábio de Israel, a cuja boca
(Se crédito merece Metatésio,³⁵
Metatésio Pastor, que não ignora
Os mais altos mistérios, e das coisas
Conhece a natureza; que na fonte
Das murtas o contou, e o brando Alcino
Também connosco estava) a viva chama
Dum ardente carvão santificara:
E que Deus por mostrar que mais estima
Nossa humilde lisura, que a vaidosa
Pompa dos Cortesãos, quis que primeiro
Que os Reis do rico Oriente, a adorá-lo
Fossem lá de Belém os bons Pastores
(Ah felizes Pastores!) convocados.
Não te lembra também que os nossos sábios,
Que as Leis da bela Arcádia compuseram,
A tão grande favor agradecidos,
Mandaram que no Ménalo este dia
Fosse sempre aplaudido, e em doces jogos
Pelos nossos vindouros celebrados?
Ah! que um tão desusado esquecimento
Duvidar me tem feito se és Almeno,

³⁵ Alude a uma oração, que na Arcádia tinha repetido José Caetano de Mesquita.

Almeno em toda a Arcádia celebrado
Por sábio, e diligente pegureiro.

ALMENO

Eu bem sei que este é o dia celebrado
De toda a nossa Arcádia, por memória
Da feliz Noite, em que para remir-nos
Deus quis nascer Pastor entre Pastores,
Mas o cuidado de tomar os lobos
Me fazia jazer na verde rama:
Quanto mais que inda agora vem raiando
A branca Aurora, ainda o Sol não doura
O cume destes montes: mas, Elpino,
Tu tens razão, confesso-te a vitória;
Não madruguei quanto era necessário
Para esperar tal dia; de mim longe
O preguiçoso sono se desterre.
Ao Ménalo, Elpino, vamos, vamos:
Eu aparelho para o sacrifício
O Cordeiro mais tenro da manada.
Com a pouca luz, que dão os horizontes,
Parece-me que vejo já ao longe
Pela estrada do Ménalo ir andando
Um rancho de Pastores: quanta inveja
Me causa o ver que a celebrar tal Festa
Nós não apareçamos os primeiros!

ELPINO

Não te enganas, Almeno, que Montano,³⁶
De Tirse, e de Siveno acompanhado,
Já para o monte vai, e para o Canto
As suaves liras, liras afamadas,
Lhes ouço temperar; se não me engana
O mal distinto som, que entre o sussurro
Que formam estes choupos combatidos
Do vento, o eco espalha. Ah! toma o cajado,
O pelico, e o cordeiro; um só instante
O gosto de os ouvir não demoremos.

ALMENO

Alegre te obedeço, já estou pronto:
Este pelico todo recamado
De madressilva, lírios, e giestas,
Eu o fiz do mais fino, e branco velo
Do meu rebanho: ele é do cordeirinho,

³⁶ O Doutor José Rodrigues de Andrade. (Nota do Autor).

Que pariu a malhada, que me deste.
Este cajado de cheiroso mirto
Aquele é que eu ganhei, quando na luta
Venci o guardador de além do Douro,
E mo julgou Firreno: caminhemos,
Elpino, pois; e já que temos tempo,
Pelo caminho é bem que recordemos
O que ouvimos cantar aos nossos velhos
Sobre o Mistério, que hoje celebramos;
Começa tu com tua doce lira,
E c'o suave Canto sublimado,
Que ao meu rústico modo eu te respondo.

ELPINO

Pois, Pastor, tua voz agora afina,
Que eu o estudado canto já começo.

Ditoso dia, dia mais alegre
De quantos tem trazido a roxa Aurora,
Por ti tomou a paz aos nossos campos,
Por ti deixam os lobos as ovelhas.

ALMENO

Ditoso dia, em que nasceu da Virgem,
Para sossego do rebanho inquieto,
O mais sábio Pastor: a ele adorem
Todos os guardadores das manadas.

ELNNO

Os pássaros ao som, que estão formando
Do gelo desatados os ribeiros,
Enchem de melodia os puros ares,
Os tristes corações tomam contentes.

ALMENO

Os Céus manifestando os seus tesouros,
Mandam à seca terra o santo orvalho;
Já novas plantas brota, novas flores,
Novas fontes rebentam cristalinas.

ELPINO

As campinas de flores esmaltadas
Exalando suavíssimas fragrâncias,
Do bálsamo cheiroso, e puro Incenso,
Estão os Céus, e a Terra perfumando.

ALMENO

O crime, o engano se apartou do Mundo,
Já do Céu desce a cândida Inocência,
A Paz se estabelece, e da Justiça
No equilíbrio se igualam as balanças.

ELPINO

Da raiz de Jessé a fértil Vara
Em ti se viu brotar a flor mais bela;
E sobre ela desceu vibrando as asas
O Espírito de Deus, a Pomba amante.

ALMENO

Nasce das tempestades um abrigo,
Do calor uma sombra, dos enfermos
Salutífera planta, enfim remédio
Para toda a mortal necessidade.

ELPIINO

Em ti do humano véu todo coberto
Nascido amanheceu em uma lapa
O bom Pastor, Pastor tão diligente,
Que o sangue, e vida deu por seu rebanho.

ALMENO

Numa lapa metido! ah ingrato Mundo!
Assim recebes quem teu ser restaura!
Assim foi: pobrementemente numa lapa
Veio a nascer quem é Senhor de tudo.

ELPINO

O Líbano de Cedros coroadado,
Vendo o seu Criador entre os humanos,
Altivo levantou a verde frente.

ALMENO

Sobem do humilde Saron os aromas,
Purificam-se os ares: já, já desce,
Já chega à Terra o Deus Omnipotente.

ELPINO

Admirado o Pastor do inculto monte
Viu brotar de repente entre a geada
A pálida viola, o roxo lírio.

ALMENO

Alegrai-vos, deserto, e vós rochedos,
Debruçai-vos dos montes, suspendidas
Sejam do Alfeu as rápidas correntes.

ELPINO

Ondearam nos campos as searas,
Das douradas espigas carregadas,
Oferecendo sem tempo louro o trigo.

ALMENO

É chegado o Pastor, tomai o exemplo.
O vós, que vos prezais de guardadores,
Aprendeis a guardar dele os rebanhos.

ELPINO

Rebentaram as vinhas, e entre espinhos
Se viram pelas balsas pendurados
Os vários cachos roxos, e amarelos.

ALMENO

Este é o Maioral, que nos governa,
Atendei como cuida da manada,
Quanto lhe custa a guarda dos cordeiros.

ELPINO

Os lobos, e os cordeiros juntamente
Pascerão pelo vale, e o leão fero
Do pacífico boi em companhia.

ALMENO

De dia lhes oferece o melhor pasto,
De noite os livra dos famintos lobos,
Louvado seja o Mestre dos Pastores!

ELPINO

As plantas infelizes se secaram,
Perderam as serpentes o veneno.

ALMENO

Não aparecem já no santo monte,
Nem farão, se vierem, mal ao gado.

ELPINO

Tornou-se o frio Inverno em Primavera,
Riram-se os prados, riram-se as florestas.

ALMENO

Todos os dias nasce o Sol mais belo,
Nem já queimam os frutos as geadas.

ELPINO

De puro leite as tetas carregadas,
Procurarão os tarros as ovelhas.

ALMENO

As cabras penduradas nos penedos,
Em lugar de pastar, andam brincando.

ELPINO

A terra se alegrou, e o mar profundo;
Um novo Astro brilhou no Firmamento.

ALMENO

Seguro o lavrador semeia o trigo;
Que a chuva não destrói as sementeiras.

ELPINO

A ornar correu o buxo, a faia, o pinho
O lugar do Senhor santificado.

ALMENO

Gostosos vêm render-lhe vassalagem
Do Oriente o ouro, a mirra com o incenso.

ELPINO

O vento, que soprava enfurecido
Do frio Setentrião, em brandos sopros

Tomou os furacões, e respirava
Qual Zéfiro na fresca Primavera.

ALMENO

Nas praias se não ouve o mar bramindo,
Antes sem esperar que ou encha, ou vaze,
Se mete o Pescador na barca pobre,
E para as nassas vêm saltando os peixes.

ELPINO

As árvores agrestes de repente
Se viram florescer, e em larga cópia
Derramar por entre a áspera cortiça
O bálsamo cheiroso, o mel mais puro.

ALMENO

Pelo Inverno as ribeiras já não trazem
Nas turvas águas flutuante o gado;
Mansas correm, deixando ver no fundo
Seixinhos de mil cores, branca areia.

ELPINO

Os escalvados montes, os ciprestes,
Os pequenos arbustos, os rochedos
Com vozes de alegria publicaram:
Veio o Messias, Deus, Deus é chegado.

ALMENO

Deus é chegado, nos profundos vales
Respondeu o Eco, a cuja voz erguidos
Neles resplandeceu o Sol brilhante,
Quando dourava o cume dos outeiros.

ELPINO

O Jordão em si próprio não cabendo,
Em brilhantes escumas empolado,
De contente saiu dos seus limites.

ALMENO

O florido Carmelo novas flores
Mais cheirosas produz, e mais brilhantes,
E uma Capela faz, com que se adorna.

ELPINO

Lá nos profundos cárceres da Noite
Bramindo se encerrou o Dragão fero,
Inimigo mortal da humana gente.

ALMENO

A Morte com cadeias de diamante
Ligada fica já; os mudos cantam;
Despedaçam os coxos as muletas.

ELPINO

Presas com cem grilhões a feroz Guerra,
Da Ira, do Horror, da Morte rodeada,
Blasfemou contra a Paz enfurecida.

ALMENO

Em lugar dum guerreiro, que nos olhos
O vivo ardor cintila da crueldade,
Um guardador se encontra de cordeiros.

ELPINO

As brilhantes espadas de aço fino
Em retorcidas foices se curvaram.

ALMENO

As lanças sendo inúteis para a guerra,
Só servem para ferros dos arados.

ELPINO

Oh dia alegre! dia venturoso! Em meus
Cantos serás sempre louvado.

ALMENO

A ti cantarei sempre brandos versos,
Sendo presente a ouvir-me a Arcádia toda.

ELPINO

Nunca em ti sentirão os meus novilhos
Do comprido agulhão a fria ponta.

ALMENO

A minha humilde flauta te dedico,
Inspira-lhe em cada ano um novo Canto.

ELPINO

Nas puras aras do Menino Santo
De leite oferecerei dois grandes tarros,
E da cresta primeira os doces favos.

ALMENO

As cabras, as ovelhas, os cordeiros,
O vaqueiro, o cajado o surrão pobre
E do pastor, que adoro hoje nascido.

ELPINO

Mas, Almeno, na música elevados
Já no Ménalo estamos sem senti-lo;
E o temperar das liras dá indício,
Que os Pastores começam os seus Cantos.
Sentemo-nos aqui neste valado,
E suas doces vozes escutemos.

ALMENO

Dizes bem, meu Elpino, mui depressa
Ao Ménalo chegámos; que florido,
Que aprazível está! Olha as cabanas
Como estão enramadas! Os vaqueiros
Como bailam ao som das sanfoninas!
Para esta banda um rancho de Pastores
Me parece que canta: ai Elpino!
Ali Mirtilo³⁷ está, acolá Tirse,
Coridão, Melibeu³⁸, Siveno, Alcino,
Ouçamos os louvores deste dia
Ao som das suavíssimas avenas.

³⁷ D. Vicente de Sousa. (Nota do Autor).

³⁸ Caetano Inocêncio. (Nota do Autor).

VI

Idílio, Auliza

Interlocutores: Elpino, e Silvandro

Este Idílio, e os seguintes acham-se escritos pelo Autor na terceira Colecção, pela mesma ordem, por que agora vão impressos, preferindo-se quase sempre a sua lição, por ser a última, e mais correcta, que a das Colecções anteriores. Dizemos quase sempre, porque nas poucas vezes que succedeu encontrar-se algum verso errado, não houve escrúpulo de lhe substituir outro tirado de qualquer das primeiras Colecções. Os Idílios antecedentes, ainda que pareça terem sido desprezados pelo Poeta (exceptuando o primeiro, que se acha na terceira Colecção em diverso lugar,) não pareceram contudo indignos da impressão.

Enquanto porém ao idílio Vi este é substancialmente o mesmo, que a Écloga do mesmo nome Auliza, em que falam Ergasto, e Dametas, e principia: Junto das frescas margens do Mondego; a qual o Autor recitou na Arcádia aos 30 de Setembro de 1757, e transcreveu na primeira Colecção. Primeira, e segunda vez foi depois polida, e emendada nas outras ditas Colecções, onde a diferença, que há, é só de palavras; omitindo-se em ambas os lugares, que se imprimem em Nota.

Uma tarde de Abril fresca, e saudosa
Nas ribeiras do plácido Mondego
A sombra dos salgueiros dobradiços,
Silvandro, e Elpino se sentaram,
Enquanto as tenras ervas, que renascem,
Roíam mansamente os seus rebanhos.
Eram ambos do Tejo, ambos chegados
Aqueles férteis campos com seu gado,
Depois do triste miserando caso,
Que as Tágicas Aldeias destruía.
Umbrano, que também ali se achava,
Uma sonora cítara tangia
De cujo som Silvandro provocado,
Desta sorte dizia ao triste Elpino:

SILVANDRO

Agora que o calor do Sol se abrandá,
E a doce viração do fresco vento
Por entre os verdes ramos bafejando,
Com seus brandos sussurros acompanha
O surdo murmurar deste ribeiro;
Enquanto Umbrano toca a acorde lira,
Canta os sentidos versos, que escreveste
Na morte desastrada, e duro caso
Da Pastora gentil, que tanto amaste.

ELPINO

Como queres, Silvandro, que hoje cante
Esses saudosos versos, que cortados
Deixei nos duros troncos por lembrança;
Se ao renovar a fúnebre memória
Desse transe infeliz, um frio gelo
Pelas veias me corre, sobre os olhos
Uma nuvem confusa se me espalha,
Mudando o claro dia em noite escura?
A língua se me prende na garganta,
E até se me congela a voz no peito.

SILVANDRO

Deixa, amado Pastor, essas escusas:
E pois vês que entre as flores se reclina,
Da saborosa relva o gado farto;
Canta, que tudo ao canto te convida.
Olha como depressa se calaram
Os doces rouxinóis e até o vento
Já por entre a floresta não respira;
Vê como corre o rio sossegado,
Cuido que por ouvir tua harmonia
As cristalinas águas vai detendo:
Ouve do nosso Umbrano a doce lira,
E repara quão tema, quão suave
Ao saudoso canto te convida:
Canta agora, Pastor, assim teu gado
Nunca seja dos lobos ofendido.

ELPINO

Quem dá aos olhos meus lágrimas tristes!
Quem a meu coração tantos suspiros,
Que cheguem a igualar as ânsias minhas!
Morta é Auliza, a luz destes meus olhos,
Honra desta ribeira, e de seus campos:
Auliza gentil, única esperança
De minha amarga vida! Ai dura sorte!
Ai Estrelas cruéis, Morte tirana!
Porque antes contra mim vos não unistes?
Porque a cansada vida me deixastes?
Ai Elpino infeliz! a tua glória
Mais ligeira voou, que um sonho leve.
Oh Morte desastrada, acerba, e feia!
Como, dize tirana, nos roubaste
A mais formosa Ninfa destas selvas?
Choram a sua morte enternecidas
As indomáveis feras desses matos,
E até os mesmos montes insensíveis

Creio de tanto estrago se enternecem;
Pois nunca mais de relva se cobriram,
Nem de cheirosas flores se esmaltaram.
Do rio as mansas águas correm turvas,
E o Sol só dentre as nuvens aparece:
Indícios tudo dá de sentimento.
E tu, inexorável, sem piedade
Da beleza maior, que viu o Tejo,
Quando tal golpe menos receava,
Da breve vida o fio lhe cortaste,
Não corta o segador a nova espiga,
Sem que o trigo lhe veja sazonado,
Nem no fresco pomar cultor experto
Verdes colhe do ramo os doces pomos:
Tu só, cruel, à minha amada Auliza
Em tenra flor a vida lhe cortaste,
Agora me figura a fantasia,
Auliza, vida minha, que te vejo
Pálida a cor, de negro sangue tinto
O belo rosto, a luz serena, e clara
De teus olhos gentis amortecida,
A boca desbotada, e as louras tranças
Sem ordem, e confusas, derrubada
Na ensanguentada terra, qual no monte
Fica o cândido lírio, que pisado
De grosseiro Pastor foi com a planta.
Ó lembranças cruéis! ó imagens tristes!
Ó doces esperanças já perdidas!
Como, se eu vos perdi, sou inda vivo!
Quem me dissera, quando neste prado
Te via andar colhendo as lindas flores,
De Cíntia, e de Mirtale acompanhada,
Que já tão perto estava o duro instante,
No qual a cruel morte te levasse
De ante os olhos meus, meus tristes olhos!
Que prodígios não viu esta espessura
Nesse terrível dia, em que teus olhos
Em sempiterno sono se cerraram!
Depois do Sol nascer, nocturnas aves
Se viram o ar cruzar, enchendo os campos³⁹
De tristeza e de horror com seus acentos:
A formosa roseira, que nas hortas
De Nerina crescia tão viçosa,
E onde para o trançado costumavas
Nas serenas manhãs colher as rosas,
Das lágrimas da Aurora borrifadas,
Se secou de repente: na floresta
Em todo o triste dia o doce canto

³⁹ O Autor escreveu: «Se viram cruzar o ar, etc.»

Se não ouviu soar de uma só ave;
E só do solto vento entre os roncoss
Uivar de quando em quando se escutavam
Os carniceiros lobos: as ovelhas
Descontentes a relva não gostaram,
E os valentes rafeiros nos apriscos
Com incessantes lúgubres latidos
Encheram de terror os guardadores.⁴⁰
Ai sorte desastrada! ai caso triste!
Por ti continuamente estou chamando
A dura morte com copioso pranto,
Capaz de enternecer a dura morte,
Se nela se pudesse achar brandura.
Oh! se acaso pudessem do destino
As dádivas mudar a lei eterna!
Com que alegria. e gosto, cara Auliza,
Daria a minha choça, o meu rebanho,
E se inda fosse pouco. a mesma vida,
Só para que outra vez teus belos olhos
Tornassem a gozar do Sol as luzes.
Tu eras destes campos a alegria;
Se levavas ao rio as tuas adens,
As águas mais serenas se mostravam,
As margens mais floridas pareciam;
Ouvia-se soar por toda a parte

⁴⁰ Variante:

O Velho e branco Tejo enternecido
Deixou na fria lapa o verde leite,
E depondo a coroa de espadanas,
Rompendo com furor as subtis roupas,
Com o contínuo pranto de seus olhos
As águas aumentou da perene urna;
De sorte que crescendo a mansa veia,
Os semeados campos se inundaram,
E muitos dos apriscos se perderam,
As Tágides gentis desamparando
As telas de ouro fino que lavravam,
Os dourados cabelos, que sem ordem
Sobre os chorosos olhos lhe pendiam.
Obrigadas da dor, e sentimento,
Arrancaram furiosas sem piedade;
E com seus tristes prantos, e altos gritos
As mais altas montanhas abalaram.
Ai sorte, etc. (*Colecção 1*).

Teu nome nas cantigas dos Pastores.
Se ficavas na aldeia, no terreiro,
Na barra, luta, e baile se empregavam
Os Pastores mais destros, e mais sábios,
Que Pastora criou nossa ribeira,
Por mais bela que fosse, e mais gabada.
Que pudesse contigo comparar-se.⁴¹
Se saías a baile com destreza
Até os mesmos ventos suspendias:
Se acaso ao doce canto a voz soltavas,
Era tua cantiga mais suave
Que o brando murmurar dum claro rio,
Que de um bronco rochedo se despenha.
Não dá tanta beleza ao verde prado
Entre a viçosa murta a branca rosa,
A branca rosa o cristalino orvalho,
Que está o puro aljôfar imitando;
Nem a roxa papoula ao verde trigo,
Quanta davas, Pastora, à nossa Aldeia.⁴²
Todas estas ribeiras, bela Auliza,
A tua falta enternecidas choram,
E saudosos da tua companhia
O fresco rio, os álamos sombrios
Por ti continuamente estão bradando
Auliza o bosque, Auliza o monte chama.
Oh três vezes, e mais funesto dia,
Dia de confusão, dia de espanto!
Nunca por mais que o Sol aumente os giros
Te alegre de seus raios a luz pura,

⁴¹ Variante:

Quem teve dos serranos mais louvores?
Quem levou nos serões a primazia?
Se saías, etc. (*Colecção 2*).

⁴² Variante:

Depois que nos deixaste, inutilmente
Consome o lavrador o duro arado,
Que em vez da proveitosa, e loura espiga
Só de estéril aveia o campo abunda,
Só nascem pelo monte, e pelos vales
O áspero cardo, a rústica alcachofra.
Os largos campos, que abundantes davam
Aos nossos gados saboroso pasto,
Agora só se vêem todos cobertos
De agudos tojos. de intratável mato.
Todas estas ribeiras etc. (*Colecção 1*).

Antes de trevas, e de horror coberto,
Sempre aziago, sempre triste sejas:
Que eu te fico, que enquanto o nosso Tejo
Buscar às crespas ondas do Oceano,
Sejas ocasião de pranto, e de mágoa
A todos os Pastores de seus campos.
Ó Auliza infeliz! Ó minha Auliza!
Como nesta partida te esqueceste
Daquela tão suave, e pura chama,
Que em nossos corações há tanto ardia?
Como, Ninfa, deixaste em tantas penas
Ao teu Elpino? Elpino, que algum dia
Nunca da tua vista se apartava?
Mas oh! que o puro amor de que teus olhos
Tão inocentes mostras já me deram,
Ao triste coração está dizendo,
Que tu, se a lei suprema o consentira,
Desta vida sem mim não te apartaras.
Ai, amada Pastora! já meus olhos
Dos teus não hão-de ver a luz formosa.
Não hão-de ver! Oh Céus! e ainda vivo!
Inda respiro! e inda os tristes campos
Do turvo infeliz Tejo, onde outro tempo
Tantas vezes a vi, posso estar vendo!
Não, não, outras campinas, outro rio,
Outro gado, outras gentes, outra choça
Buscarei, e talvez que na distância,
Se a vida não perder, perca a memória.
Campos do Tejo, campos venturosos,
Enquanto a linda Auliza em vós vivia,
Adeus, adeus; sombrios arvoredos,
Outeiros graciosos, frescos vales,
Nunca mais ouvireis ao vosso Elpino
Nesta clara ribeira ao som da lira
Docemente cantar vossos louvores.
Adeus, ficai sem mim eternamente,
Que eu me ausento a morrer em terra estranha.
Mas a que parte os desgraçados passos
Aflito moverei, onde não veja
A triste imagem do fatal desastre?
O cervo, que ao lado leva a seta,
Por mais que a serra corra, ou corra a fonte,
Ou o dictamo encontre na floresta,
Nunca pode abrandar a dor, que sente.
Pastores, pegureiros destes campos,
E vós Ninfas gentis do claro Tejo,
Se algum dia de Auliza a companhia
Agradável vos foi, nesta campina
Debaixo de altos teixos, e ciprestes
Um túmulo lhe erguei, e dele em tomo

Plantai, Ninfas, plantai mimosas flores,
Amarantos, jacintos, e violas,
E na pedra, que o cubra, por memória
Gravai, Pastores, com a foice dura:
«Auliza, a mais formosa guardadora,
«Que o rico Tejo viu, e nos seus campos
«Um formoso rebanho apascentava,
«Antes de tempo morta, aqui se esconde.»
E tu, espírito puro, alma inocente,
Que, qual cândida pomba, ao Céu voaste,
Se nos felizes campos, onde assistes,
Deste campo a lembrança não perdeste.
Não a percas também do teu Elpino.
Até que da prisão, em que se encerra,
O espírito cansado livre voe
A gozar tua alegre companhia.

SILVANDRO

Com que graça, Pastor, com que ternura
O tristíssimo verso modulaste!
Com tanta suavidade se não queixa
De seu fiel parceiro a rola ausente.
Olha como os salgueiros se curvaram
Para ouvir teus acentos magoados;
E como Eco gostosa de teu canto,
De outra parte do rio inda repete
O extremo som de tuas ternas queixas.
Ah suave Pastor! se não te é grave,
Solta outra vez a voz ao doce canto,
Que as Ninfas do Mondego levantando
As limosas cabeças fora d'água,
Suspensas vejo estar para te ouvirem;
E os Faunos dentre os ramos do arvoredado
C'o as agudas orelhas aplicadas.
Estão por tua música esperando.

ELPINO

Não, gracioso Silvandro, não me obrigues
A que outra vez repita o triste canto;
Assaz meus tristes olhos têm chorado.
Bem vêes que o Sol detrás dos altos montes
Tem já seus claros raios escondido,
E que da fria relva o gado farto
Pelos quietos currais está bradando:
Tratemos de levá-lo para os bardos;
E se a violenta dor, que me atribula,
Permitir à minha alma algum repouso,
Tu me ouvirás cantar tão docemente,

E em estilo tão novo, que eu te fico,
Que no Tejo, Mondego, Minho, e Douro
Seja sempre o meu nome celebrado.

VII

Treseia. Idílio Piscatório

AMICLAS

Recitado na Arcádia aos 26 de Agosto de 1757. As variantes, que se imprimem, foram conservadas pelo Autor na terceira Colecção; porém os versos acrescentados em Nota são tirados das duas primeiras, O Autor da Colecção das Obras Poéticas dos melhores Autores, impressas no Porto em 1789, imprimiu este Idílio no Tom. I, pág. 257; mas, além de seguir a lição da Colecção primeira, serviu-se de alguma cópia manifestamente incorrecta, e viciada.

Do mais alto do Céu vinha descendo
Com profundo silêncio a noite escura
No horizonte altas nuvens envolvendo!

Zunia pelos ramos da espessura
Do vento o rijo sopro, o mar bramia,
Em vão batendo numa rocha dura.

De um denso nevoeiro se cobria
A Lua, e fuzilar de quando em quando
O lume dos relâmpagos se via.

Das tristes aves o nocturno bando
Estava pelas selvas a tristeza
Com guinchos alternados aumentando:

Quando sai de uma barca a um tronco presa
Amiclas pescador, que seu cuidado
Mais que o descanso, mais que a vida preza:⁴³

E subindo um penhasco alcantilado,
Que sobre o largo rio está pendente,
Depois de um breve espaço estar calado;

Arrancando da alma um suspiro ardente,
Começou de Treseia a lamentar-se,
Como se ela estivera ali presente.

AMICLAS

Ah, Treseia cruel! onde encontrar-se

⁴³ Variante:

Amiclas, pescador tão namorado,
Que um brando riso mais que a vida preza.

Poderá criatura mais tirana,
Mais fera do que tu? onde há-de achar-se?⁴⁴

Não és nascida, não, de gente humana;
Antes por mãe tiveste alguma fera
Das que cria em seu seio a selva Hircana.

És mais dura que as penhas, és mais fera
Que os lobos desse mato, e mais furiosa,
Que as ondas deste mar, quando se altera.

Que monta, que em fazer-te tão formosa
Se esmerasse benigna a Natureza,
Se te deu condição tão rigorosa?

O dia de bonança na beleza
Vences, Ninfa cruel, mas na impiedade
Do bravo pego excedes a braveza.

Tu ouves meus suspiros sem piedade,
Mais surda do que o mar embravecido,
Do que o vento na horrenda tempestade.

Por teus olhos gentis ando perdido,
As redes deixo, deixo a pescaria,
Do que me importa mais, mais esquecido.

E tu deixas Amiclas, que algum dia,
Se crédito mereces, aleivosa,
Era só teu prazer, tua alegria.

Quem, Treseia, te fez tão rigorosa?
Quem tua liberdade, ingrata, prende?
Que te impede comigo ser piedosa?

Dize, amada Pastora, em que te ofende
Meu amor, mais constante que os rochedos,
Que de balde abalar o mar pretende?

Os teus olhos gentis não vi já ledos
De meus males moverem-se piedosos?
Ah se falassem, Ninfa, estes penedos!

Quantas vezes os ventos revoltosos
Ouvindo teus suspiros se amansaram,

⁴⁴ Variante:

Poderá criatura tão tirana,

Tão fera como tu? etc.

E os nomes, que me davas, tão mimosos!

Quantas vezes as aves se calaram
Somente por ouvir nossos amores!
E que doces ternuras que escutaram!

Quantas vezes do prado as várias flores
No cândido regaço me trazias,
Doce prémio de meus doces amores!

Tu mesma com as conchas, que colhias
Por entre a ruiva areia, não formavas
Capelas, com que a fronte me cingias?

E que vezes na praia me ajudavas
As redes a puxar cheias de peixes,
Que logo em lentos juncos enfiavas?

E pode ser que assim hoje me deixes!
Com que causa, infiel, com que motivo?
Que razão tens porque de mim te queixes?

Não sou eu como dantes teu cativo?
Não sou o mesmo, a quem tema juraste
De amar sempre constante, ou morto, ou vivo?

Aqui mesmo, aqui mesmo mo afirmaste,
E por sinal de nunca ser alheia,
Minha mão com a tua me apertaste.

Disseste: Quando vires que Treseia
Muda, querido Amiclas, de desejo,
Verás tornar atrás do Tejo a veia.

Inda atrás não volveu o claro Tejo,
Inda não busca as senas, donde mana,
E a constante Treseia sem fé vejo.

Ah Pastora cruel! ah, desumana!
Assim guardas a fé, que prometeste?
Assim um puro, e firme amor se engana?

E como tão depressa te esqueceste
Deste teu pescador, daquele extremo,
Com que algum dia, ingrata, lhe quiseste?

Ah, Treseia, Treseia! E quanto temo
Castigue Amor cruel tantos enganos!

Oh que só em cuidá-lo, por ti tremo!⁴⁵

Então talvez verás em os teus danos
Que Amor, em que tirano, de ira armado,
Também costuma castigar tiranos.⁴⁶

Se o cabelo dos ventos eriçado,
As mãos das ondas crespas, e engelhadas,
E se o rosto do Sol tenho queimado;

Se por isso de mim te desagradas,
Não fui eu sempre assim quando me amaste?
De mim não vês mil Ninfas namoradas?

Ferusa, que tu mesma me gabaste,
E as tranças tem da cor do fino ouro,
Não me busca depois que me deixaste?

Capelas não me traz de murta, e louro?
Não me pede que cante, e me assegura
Que estima mais meus versos, que um tesouro?

E eu por guarda à fé constante, e pura,

⁴⁵ Variante:

Talvez então verás em os teus danos
O mal, que fazes, quando assim te esqueces
Dum puro amor, amor de tantos anos.

Por que delito, Ninfa, me aborreces?
Porque te amo? ah não cri que a meu cuidado
Tão feio galardão inda me desses:

Se a teu cabelo, etc. (*Colecção 1 e 2*).

⁴⁶ Variante:

Que Amor como tirano, de ira armado;
Tem por ofensa haver outros tiranos.
Em que tirano vale o mesmo que Posto que tirano.
Eu vivia de lágrimas isento
Num engano tão doce, e deleitoso,
Que em que outro amante fosse mais ditoso,
Não valiam mil glórias um tormento.

Cam., Son. 7 (*da terceira parte das Rimas, impressa em 1668*)

O Poeta podia dizer: *Bem que tirano*, mas o *Em que* parece ser mais chegado ao estilo, que segue.

Que uma vez te jurei, as suas prendas,
Não desprezo com tanta formosura?⁴⁷

Não, amada Treseia, não me ofendas,
Pois de rigor tão fero, e desusado
Talvez que em vão um dia te arrependas,

Se ando de anzóis, e nassas rodeado?
Também foi pescador Glauco, e agora
É do mar entre os Numes venerado.

Ah torna, bela Ninfa, a quem te adora,
A quem por ti perdeu o siso, e o tento,
E da barca, e de mim serás Senhora.

Temes talvez o mar, e o solto vento?
Mas tu não és a mesma, que gostavas
De o ver um tempo em crespo movimento?

E nas manhãs serenas não buscavas,
Quando mal bafejava o vento manso,

⁴⁷ Variante:

Não, amada Treseia, não me ofendas,
Que ofendes ao Amor, e de ofendê-lo
Pode ser que algum dia te arrependas.

Não queiras por contrário, ó Ninfa, tê-lo,
Que se chega contigo a estar irado,
Não poderá teu pranto enternece-lo.

Se ando de anzóis, e nassas rodeado,
Também foi Glauco pescador, e agora
Entre os Deuses do mar é venerado:

Vênus, que das delícias é Senhora,
Também teve no mar o nascimento,
Mas nos Céus entre os Astros hoje mora.

Tu mesma, que inda mais veloz que o vento
Foges de ouvir-me, diz: não gostavas
De ver brilhando o mar em movimento?

E nas manhãs, etc. (*Colecção 1 e 2*).

A minha barca, e nela te embarcavas?

As redes não lançavas no remanso
Deste pego, e depois voltando à terra
Contentes não tirávamos o lanço?

Pois quem desta ribeira te desterra?
Que te aparta de mim? meu pobre estado?
Oh quanto nisso a tua ambição erra!

Amor, Treseia, Amor mais estimado
Deve ser do que todas as riquezas,
Que a terra oculta em si, e o mar salgado.

Lamon, a quem talvez tu hoje prezas,
E mais rico do que eu? tem mais amanhã?
Assim cuido que o crês, pois me desprezas.

Mas não vês que, se é dono de um rebanho,
Eu o sou dum barca, e das melhores
Redes, com que em cardume o peixe apanho?

Se ele vence na luta os mais pastores,
Eu excedo nadando a ligeireza
Dos delfins mais velozes nadadores?

Se a fruta, e lira tange com destreza,
E se suspende os pássaros cantando,
Quem de cantar melhor que eu se preza?⁴⁸

⁴⁸ Digam-no os peixes deste pego brando,
Que se alguma vez solto a voz ao vento,
Por me ouvir fora da água andam pulando.

Não são só as florestas aposento
Das Musas, também cá no mar salgado
Se toca com doçura um instrumento.

Condão, que no monte é tão gabado,
Os meus versos leu já, e, se não mente,
Mil vezes os meus versos tem louvado.

Quem mais destro em cantar? Quem mais ciente?
Quem das sagradas Musas mais querido?
Quem de hera se c'roou mais dignamente?

O peixe o diga deste pego brando,
Pois se canto de ti enternecido,
Por me ouvir, fora da água anda pulando.

Muitas vezes cantar me têm ouvido
Os Pastores do Ménalo afamados,
E entre eles o meu nome é conhecido.

Deixa, Treseia, os bosques, deixa os prados,
Volve a ver estas ondas, e esta praia,
Que está por ti chamando em altos brados.

A linha aqui à sombra de uma faia
Na sesta deitarás, e enquanto dura,
No anzol esperarás que o peixe caia.

Aqui ao som do Tejo, que murmura,
Me ouvirás descantar a toda a hora
O meu amor, e a tua formosura.

Toma, toma, cruel, a quem te adora
Agora que o mar dorme sossegado
E os montes vem dourando a roxa

Um ramoso coral tenho guardado
Eu nadando o ganhei, e a teu respeito
Por ele ricos dons hei desprezado.

As curvas barcas vão com vento feito
Em branca espuma as ondas dividindo,
E cantando o anais ao mar afeito;

Com seus raios a Aurora o mar ferindo,
Faz que as águas pareçam prateadas,
Que com surdo rumor se estão bulindo.

O juízo dum Pastor tão entendido
Vale mais que doutros muitos os louvores;
Porém se não te apraz, do que duvido,

Venham, venham, Treseia, esses Pastores,
Cantem comigo, irão desenganados
Da vantagem, que têm os Pescadores.

Deixa, etc. (*Colecção 1 e 2*).

As praias de conchinhas esmaltadas
Com a trémula luz estão brilhando,
Que sai de entre as nuvens matizada;

Pelos ramos os pássaros saltando,
Festejam com suavíssima harmonia
A luz, que no horizonte vem raiando;

Nunca amanhecer vi tão ledó dia:
Deixa, Treseia, os gados, e a espessura,
Vem comigo gostar tanta alegria.⁴⁹

Desta praia a gozar vem a frescura,
Enquanto da Aurora o húmido rocío
Destas rochas nos verdes musgos dura.

Deixa o bosque, e terás o senhorio
De minha barca, e rede, e quanto oculta
Em seu dourado centro o claro rio.

Sai, ó Pastora, sai da mata inculta,

⁴⁹ Variante:

Desta praia lograr vem a frescura,
Antes que nela o Sol seus raios deite,
E se murchem as flores, e a verdura.

Dá acaso uma fonte mais deleite,
Que o ver deste rochedo levantado
Na fresca madrugada o mar de leite?

É mais rico, e vistoso o verde prado,
Bem que todo coberto de boninas,
Que o mar de brancas pérolas ornado?

São do campo mais belas as cravinas
Que o verde musgo, e conchas destas grutas
Salpicadas de gotas cristalinas?

Os murtinhos, medronhos, e outras frutas
Sabem melhor que o congro, que o safio,
Que os curvos camarões, que as frescas trutas?

Deixa, etc. (*Colecção 1 e 2*).

Repara que costuma entre a verdura
A cobra venenosa a estar oculta.

Ah desgraçado Amiclas! que loucura
Te priva da razão, tanto te enleia,
Que o tempo perdes, perdes a ventura!

O vento à popa está, a maré cheia,
Alicuto, e Licotas esperando,
E tu inda não deixas a Treseia!

Vê que a cruel de ti anda zombando:
Vamos deitar as redes no alto pego,
Que o trabalho o amor irá gastando,
E a cobrar volverás o teu sossego.

VIII

Idílio. Ergasto, Anfrizo

As Estâncias acrescentadas em Nota foram tiradas das duas primeiras Coleções.

ANFRIZO

Oh quanto folgo, Ergasto, de encontrar-te!
Pois saudoso da tua companhia,
Toda a selva corri para topar-te:
Debaixo desta faia, enquanto o dia
De todo não se esconde, nos sentemos,
E um pouco, doce amigo, descansemos.

ERGASTO

Por dar-te, Anfrizo, gosto já me sento;
E tu, Selvágio, entanto ajunta o gado,
As cabras conta bem, vê que são cento;
E com elas me espera no silvado.
Olha não se desmandem os cabritos,
Que eu dos lobos ouvi ao longe os gritos.

ANFRIZO

Oh como, Ergasto, a fresca Primavera
Derrama pelos campos a alegria!
Como dourando os montes, reverbera
Mais pura a luz do Sol na fonte fria!
Como tecendo os delicados ninhos,
Voam cantando os leves passarinhos!

Que leda vista as verdes sementeiras,
De papoulas cobertas, não of'recem!
E com que graça as férteis oliveiras
De miúdas florinhas se guarnecem!
Como se cobre o monte de tomilhos,
De brancas campainhas, de junquinhos!

Olha tu como vêm essas boninas
Gretando a terra, tapizando o prado
Das cores mais graciosas, e mais finas!
Como nédio, e contente o manso gado,
Das frescas ervas farto, brinca, e salta
Por entre a relva, que a campina esmalta!

Os ledos rouxinóis pelo arvoredado
Revezam entre si sua cantiga,

Rompendo com seus quebros o segredo
Da escura noite, do silêncio amiga:
Nem inda quando nasce o Sol brilhante
Tréguas dão ao suavíssimo descante.⁵⁰

Toda a terra se alegra, o trigo verde
Vai pelos longos regos espigando;
O rio pouco a pouco as águas perde,
E a branca areia em partes vai mostrando,
Que de lisas pedrinhas salpicada,
Se a fere o Sol, parece prateada.

De fresca madressilva as grossas tranças
As Pastoras enastram, e os Pastores
Com elas formam uns, ligeiras danças,
Outros, juncando o chão de ervas, e flores,
E de sombras cobrindo o fresco rio,
Cantam sonoramente a desafio.

Porém tu sem gostar tanta alegria,
O rebanho conduzes só ao pasto;
Foges como a serpente à companhia:
Ah! que tristeza é esta, caro Ergasto?
Porque de nós te apartas, e não cantas
Os doces versos, com que o fato encantas?

ERGASTO

Tudo consigo leva, Anfrizo, a idade:
A mim me lembra, quando no meu rosto
Brilhava a tenra flor da mocidade,
De cantando passar cheio de gosto
Da garrida Rosalba as tiranias
Do Inverno as noites, do verão os dias.

Tão mudado porém hoje me vejo,
Que rouca a voz, o espírito cansado
Sinto, e se alguma vez cantar desejo,
O canto soa tão desafinado,

⁵⁰ Variante:

Tão brandamente o Tejo ao mar caminha,
Que os olhos não distinguem bem ao vê-la,
A que parte a corrente se encaminha:
E o lasso Pescador largando a vela
A fresca viração do vento brando,
Docemente na barca vai cantando.

(*Colecção I*).

Que os Pastores, que algum dia me ouviram,
Crêem que os lobos primeiro a mim me viram.

ANFRIZO

Oh deixa, Pastor, deixa vãs escusas,
Com que o tempo de balde vais gastando:
O louro Febo te ama, amam-te as Musas,
Serenos o rio está, o vento brando;
Solta a graciosa voz, os ares fira
Da destra mão tocada a branda lira.

Daquela Árcade canta a triste história,
Que eu já te ouvi cantar, quando Lupino
Com Silvana casou, e se a memória
Me não mente, o Pastor se chama Elpino:
Se fizeres, Pastor, o que te peço,
Um tarro te darei de grande preço.

De uma banda, por mãos de Alceu lavrado,
Um mancebo pastor nele se admira,
Que de brancas ovelhas rodeado
Atento toca a marchetada lira:
Que se movem dirás às suas vozes
As árvores, e feras mais ferozes.

Um menino da outra diligente
De moles juncos tece uma esparrela,
E enquanto em enredar manhosamente
Uns com outros se emprega, e se desvela,
Do malhado surrão o seu rafeiro
Lhe furta os brancos queijos sorrateiro.

Eu o ganhei lutando no terreiro
A Senalvo, Pastor do claro Lima,
Que por ser nestes campos estrangeiro,
Por grande lutador de alguns se estima;
Inda nele não pus, Pastor, a boca,
Teu, Ergasto, há-de ser: a lira toca.

ERGASTO

Oh Ninfas do alto Pindo! Que florestas,
Que amenos prados, que viçosos montes
Vos detiveram! Que suaves festas!
Quando Elpino, seus olhos feitos fontes,
Do Ménalo nas fraldas suspirando,
Se estava aos altos Céus de Amor queixando?

Estava o Pastor triste ali deitado

Debaixo de um cipreste; à roda dele
Andava sem pastor todo o seu gado,
A que os ossos cobria mal a pele;
E com triste balido acompanhava
Os ais, que seu pastor da alma arrancava.

Vieram das frescas veigas os vaqueiros,
Os cabreiros dos montes levantados;
Vieram da ardente ceifa os Seareiros,
De espigas, e papoulas coroados;
Veio também da Arcádia o guarda Albano,
O doce Tirse, o bom Pastor Silvano.

Que é isto? lhe diziam, que loucura
Tomou posse de ti? que fero encanto
O prazer te mudou em amargura?
Não sabes tu que nunca Amor de pranto,
Nem de lentos salgueiros as ovelhas,
Nem de flores se fartam as abelhas?

A nada destas cousas respondia
O Pastor triste, e só de quando em quando
Estas piedosas vozes repetia,
Da terra os turvos olhos levantando:
O Pastores da Arcádia! lá na Aldeia
Direis que Elpino morre por Treseia.

Aqui calado esteve um curto espaço,
E depois a queixar-se assim começa,
Cair deixando sobre o esquerdo braço
Entre ardentes suspiros a cabeça:
Ai, formosa Treseia, e quem diria
Que o amor de teu peito fugiria?

Já te não lembra, Ninfa, o doce tempo,
Em que por mim deixavas das Pastoras
Nas noites de serão o passatempo?
Que a falar-me saías fora de horas?
E que vezes na prática elevada
Sem senti-la te achou a madrugada!

Essa roca, em que a lã andas fiando,
Eu próprio não ta dei, dize, tirana?
E por sinal que nela trabalhando,
Um dedo me cortou a verde cana;
E tu para me atar o golpe, aflita
Desataste das tranças esta fita.

Quantas vezes por ti deixei o gado
Pastar a seu prazer pelos outeiros!

E ao recolhê-lo, achei despedaçado
Pelos famintos lobos carniceiros⁵¹
O branco cabritinho, que criava
Para guia das cabras, que guardava.

Pois como estes extremos já te esquecem,
Que tanta ingratidão comigo obras!
Ah tirana! e que pouco se parecem
Com as tuas palavras tuas obras!
Ai! que hoje só conheço me enganavas,
Quando que eras só minha me juravas.⁵²

Mais ligeira que o gamo, quando sente
Dos lebreus voadores os latidos,
Que o rio a buscar cone em continente,
Foges ao triste som de meus gemidos:
Ah! de quem foges vê, gentil Pastora.
Não é lobo roaz, é quem te adora.⁵³

⁵¹ Variante:

Dos montarazes lobos carniceiros.

⁵² Variante:

Ó Pastora cruel, como não temes
Que dê o fero Amor justo castigo
A tanta ingratidão? Como não tremes
De o teres contra ti por inimigo?
Ah! teme, Ninfa, teme o Deus frecheiro,
Que é mais cruel que o lobo carniceiro.
Tu não conheces bem a Amor tirano:
Oh que este monstro duro, e desabrido,
Que não se satisfaz de sangue humano,
De alguma dura rocha foi nascido;
Ou na áspera região da Líbia ardente
Aos peitos se criou duma serpente.

(*Colecç. 1, e 2*).

⁵³ Variante:

Se apascento na Arcádia uma manada,
Tu Pastora não és? E pelo monte,
Apolo não guardou uma vacada?
Não o ouviu suspirar de Anfrizo a fonte?
Não se diz de gentil Mãe dos Amores
Que morrera de amor por dois Pastores?

(*Colecç. 1*)

Eu me abraso, Serranos, eu me abraso!
Qual de vós por piedade me socorre?
E não tens dó de ver no extremo caso,
Tirana, a quem por ti de amores morre?
Ah! Treseia cruel! ah, fementida!
Perca, pois te perdi, também a vida.

Ó esfaimados lobos, feras brutas,
Que habitais nas íngremes montanhas,
Saí das escabrosas grutas,
Despedaçai as míseras entranhas,
O triste coração, que a toda a hora
De amor o vivo fogo me devora.

E vós da Arcádia destros Pegureiros,
Se acaso a dor vos toca de meus males,
Estes tristes acentos derradeiros,
Que repito, cantai em vossos vales:
Elpino de amor morre, Amor o mata,
Treseia a causa dá, Treseia ingrata.

Eis que ali aparece o bom Siveno,
Do comprido caminho inda afrontado;
Ó Elpino, lhe diz, toma sereno
O triste rosto, deixa o vão cuidado:
A Ninfa, a que sem causa chamas fera,
Inda tua será, como antes era.

Eu a vi suspirar por ti saudosa,
Mostrando compaixão de ouvir teu dano;
Outra vez de Carina a luz formosa
Não chegue a ver, se cuidas que te engano;
Eu a vi de amor cheia, e de desgosto,
Por ti banhar de pranto o gentil rosto.

Por tua causa tem muitos Pastores
Daqueles largos campos desprezado;
Muitos, Elpino, a buscam dos melhores,
Abundantes de lavras, e de gado,
O forte Alcimedonte, o bom Lorino,
O sábio Egon, o rústico Ferino.

O rústico Ferino, que se preza
De ser das doces Musas socorrido,
E que o canto dos Árcades despreza
Em seus pascigos dantes nunca ouvido:
Porém se alguma vez a voz levanta,
Qual entre os rouxinóis o mocho, canta.

Isto, porém em vão, por consolá-lo

O extremoso Siveno lhe contava
Porque quem pretendia aliviá-lo
Ao vento as frescas flores espalhava:
Que o Pastor, que a seu mal só atendia
Nas queixas desta sorte prosseguia.⁵⁴

Porque foges de mim tão apressada,
E de meus males, ó cruel, te alegras?
Porque do Sol a cor tenho tostada!
Olha tu as violas; não são negras?
Pois primeiro que os lírios, e outras flores
São colhidas das Ninfas, e pastores.

Tu muito bem conheces a Liseia,
A pastora gentil dos olhos pretos,
A que dançou melhor na tua Aldeia:
Pois esta me afirmou com mil afectos,
Que o namorado Antígenes desbanco,
Posto que eu fusco seja, e ele branco.

Tu não eras a mesma, que afirmavas
Que eu era o Pastor só de teu agrado?
E entre trespassos mil não me juravas:
A míngua me pereça todo o gado,
Caro Elpino, se eu mais que os meus rafeiros
Te não amo, e mais que os meus cordeiros.

Ah Pastora infiel, gentil Pastora!
Quem te pôde fazer minha inimiga?
Quem de mim te mudou, e a quem te adora
Mais áspera tomou que áspera ortiga?
Ver-me queres sem vida? isto desejas?
Sim, eu farei que morto hoje me vejas.

Lá daquele rochedo alcantilado,
Donde um fero pegão de solto vento
Derrubou outro dia o meu bragado,
Darei fim com a vida a meu tormento,
A despenhar-me vou: adeus Pastores,

⁵⁴ Variante:

Eu toco a Lira, eu no cantar sou pronto,
Nunca me falta a fruta no cerrado,
Minhas cabras são tantas, que as não conto,
Porque de pobres é contar o gado;
Pois se eu não canto mal, tenho riquezas;
Se te amo, por que causa me desprezas?
(*Colecç. 1 e 2*).

Cantai em vossos jogos meus amores.

Adeus montes de Arcádia, adeus florestas,
Nunca jamais de vossos verdes louros,
Em sinal de prazer, nas rudes festas
Coroarei minhas cabras, e meus touros:
Nunca mais me ouvirão vossos rochedos
Cantar de um puro amor puros segredos.⁵⁵

Desta sorte o Pastor se lamentava,
Movendo a compaixão as duras penhas:
Dizem que o duro monte, que o escutava,
E as feras mais cruéis deixando as brenhas,
Das lastimosas queixas condoídos,
Choraram o seu mal enternecidos.

ANFRIZO

Não é tão agradável às abelhas
O fresco orvalho nas pintadas flores,
Nem o codesso às simplices ovelhas,
Como o canto a mim foi desses amores:
Por volver a gostar sua harmonia,
Se meu o gado fosse, to daria.

Mas já que a noite escura está chegada,
Toma, Pastor, o tarro, toma, e vamos
Onde Selvágio espera com a manada;
Anda por este vale, que atalhamos
A fragosa subida desse outeiro.
Oh como sopra o vento lisonjeiro!

⁵⁵ Variante:

Toma, meu Condão, toma esta lira,
Tu a lança no Alfeu, ou despedaça;
Sena sem igual, se o consentira
Fortuna dos seus bens comigo escassa:
Porém já que ela irada o não consente,
Não seja ouvida mais da alegre gente.

IX

Cimoteia. Idílio piscatório

JOLAS

Recitado na Arcádia aos 30 de Junho de 1758.

Numa longa enseada, que o remanso
Do claro Tejo forma, há uma gruta,
Do lasso pescador certo descanso.

Cobrem de um lado, e de outro a penha bruta
Curvos anzóis das linhas pendurados,
E a negra rede inda mal enxuta;

Cestos de lentos vimes fabricados,
Fisgas, canas, arpões, camaroeiros
Sem ordem pela lapa estão deitados.

Aqui, enquanto os outros companheiros
Os verdes lagostins inda saltando
Cozem na sesta em tomo dos braseiros,

Jolas as nassas entralhando,
Ao som, que o claro Tejo ali fazia,
Por entre os lisos seixos escumando,

Soltando a doce voz, que suspendia
Na fúria da tormenta o pego inchado,
Com o rio falando, assim dizia:

JOLAS

Ó águas deste rio sossegado,
Dizei se acaso vistes Cimoteia,
Cimoteia ocasião de meu cuidado.

Há seis dias que andou da solta areia
Comigo os crespos búzios apanhando,
De que mar esta praia toda areia.

Jurou-me: que em o claro Sol tornando
A ferir vossas ondas, tomaria
A ouvir de meu amor o rogo brando;

Inda bem não brilhava o novo dia,
Já eu na praia alegre a esperava;
Nas não veio a cruel: quem tal diria!

Cuidei que lisamente me falava,
Oh que fáceis em crer são os amantes!
E a ingrata sem piedade me enganava.

Nunca o furor dos ventos sibilantes,
Que caindo no pego sossegado,
Em serras torna as ondas inconstantes,

Tanto nojo me deu, tanto cuidado,
Quando na leve barca entregue ao vento
Ao mar lançava as redes descuidado;

Quanto este rigoroso apartamento,
Que após si o prazer me vai levando,
E oxalá me levara o triste alento!

Cimoteia a toda a hora estou bradando,
E Cimoteia o eco só responde,
Que me está de entre as penhas escutando.

Ah bela Pescadora! onde estás? onde
O tempo gastas? quem a luz serena
De teus olhos gentis de meus esconde?

Já te esquece do Tejo a praia amena,
Em que as sestas passavas tão gostosa,
Do teu Jolas ouvindo a doce pena?

Já te esquece essa tarde deleitosa,
Em que as flores me deste do trançado,
Meia risonha, meia vergonhosa?

Por sinal Alicuto, que deitado
Por ver-nos, entre as redes espreitava,
Cheio de ira as rompeu desesperado.

Como Jolas então ninguém cantava,
Jolas em tua boca tão graciosa
Então a todo o instante se escutava.

Ah! deixa, deixa a ausência rigorosa,
Torna ao teu Pescador, que inda te ama,
O Ninfa tão cruel, quanto formosa.

Olha que o mesmo Amor te espera, e chama,
O mesmo Amor, que sigo, e com mil zelos
Me abraça o coração em viva chama.

Esses teus olhos para mim mais belos

Que a praia de vieiras esmaltada,
Deixa-me antes que morra uma vez vê-los.

Nunca com mais ânsia suspirada
Foi por mim na importuna calmaria
A viração, que a vela faz copada;

Como esse venturoso, e ledó dia,
Em que veja outra vez teu lindo rosto:
Se hoje fosse, de gosto morreria.

A teus olhos azuis tenho composto
Mil versos, que me tem amor ditado;
Vem, se queres de ouvi-los ter o gosto.

Outro dia cortava descuidado
Com o surdo remo as águas sossegadas,
Quando me vi dos ventos salteado:

Cresceram pouco e pouco as empoladas
Vagas, o Céu se foi todo cerrando
Com densas nuvens de água carregadas;

Eu de viver então desconfiando,
Quis imitar o Cisne, e em triste acento
Uns destes brandos versos fui cantando:

Mas apenas soou (vê que portento!)
Teu nome no meu canto; logo plano
O bravo mar ficou, quieto o vento.

Oh minha Cimoteia! se eu te engano,
Sepulte-me em seu centro o mar furioso,
Antes de ver teu rosto soberano.

Os delfins, para ouvir-me, o fundo algozo
Desamparam, tu tapas os ouvidos,
Qual áspide cruel, e venenoso.

Quantos saudosos ais, quantos gemidos
Tenho por ti ao vento derramado!
Ah que todos, ingrata, são perdidos!

Ando da vida já tão enfadado,
Que o saveiro deixei desde antes de ontem
Em cima de umas pedras encalhado.

Logo que o Sol assoma no horizonte,
Por ver se te descubro, ó Cimoteia,
Subo ao escalvado visó desse monte:

Para a parte, onde fica a tua Aldeia,
Os longos olhos mando, e nada vejo
Mais do que branquejar ao longe a areia.

Dali me desço triste, e busco o Tejo,
Mas inda bem não toco a praia, quando
Volvo a subir forçado do desejo.

Desta arte as largas horas vou passando,
Cercado de esperanças, e temores,
E tu talvez de mim estás zombando.

Se te enfadas de ouvir os meus clamores,
Não deixes, não, por isso a fresca praia,
Que eu mais não falarei em meus amores.

Olha como sereno aqui se espraia
O claro rio, como levemente
Borrifa os leves ramos desta faia,

O Zéfiro soprando mansamente
A calma abranda; os peixes prateados
Andam saltando fora da corrente:

De pardo os brancos búzios salpicados,
E as conchas, que a cor têm do arco celeste,
Estão por estas grutas alastrados:

Lugar mais belo, mais ameno que este
Os meus olhos não viram, inda quando
A fresca Primavera os campos veste:

A um suave repouso provocando
Tudo está, 'té as carregadas brenhas
Te estão com fresca sombra convidando:

Vem, ó Ninfa gentil, não te detenhas,
Torna a ver como as ondas espraçadas
Em espuma se soltam nestas penhas.

Vem, e verás no pego retratadas
As estrelas de noite, e lá na tarde
As brancas nuvens de ouro perfiladas:

E enquanto pela sesta a areia arde,
Eu cantarei à sombra de um rochedo
Que dos raios do Sol também te guarde.

Pescando mexilhões entre um penedo,

Outro dia apanhei um maçarico:
Ah! não fiquei em mim, Ninfa, de ledó!

De várias malhas tem até ao bico
O corpo matizado; outro tão belo
Que os teus olhos não vissem, eu te fico.

Galateia, que o sabe, para tê-lo
Que não faz! mas em vão, em vão se cansa,
Que eu para ti o guardo com desvelo.

De canas, para o ter com segurança,
Um viveiro lhe fiz com junco presas:
Vem a buscá-lo, vem, deixa a tardança.

Se por pobre esta dádiva desprezas,
Não deixes, não, de vir, ó Ninfa impia;
E riqueza terás, se qués riquezas.

Não falo do coral, que na água fria
Do mar nasce, na púrpura brilhante,
Que na casca do múrice se cria:

Telgon, que um mar de nós muito distante
Surcou, e noutro as redes tem lançado,
Onde aljôfar se pesca rutilante;

Ouvindo-me cantar neste abrigado:
«Oh branca Cimoteia! inda mais bela
«Que o reflexo do Sol no mar salgado,»

Uma concha me deu, e dentro nela
Três pérolas mais puras do que a neve,
Mais que o orvalho da matutina Estrela.

Ninfa desta ribeira inda não teve
Outras tão belas: olha se as quiseres,
Eu tas darei, cruel, por preço leve.

Não te peço que me ames, se não queres;
Mas sim um só volver de olhos piedosos.
Com que este coração de amor me feres.

Inda Jolas seguia os maviosos
Acentos, com que as ondas amansava,
E os ventos de escutá-lo cobiçosos;

Quando o velho Licon o despertava,
Interrompendo a música sentida
Com o rouco som da voz, com que bradava,

Chamando-o para a rústica comida.

X

Écloga. Elpino, e Tirse

Foi recitada na Arcádia em Conferência de 31 de Julho de 1758. Contém uma alegoria do sucesso, que teve a Tragédia *O César*, composta por Teotónio Gomes de Carvalho (de quem são as partes de Tirse), representada no Teatro do Arraial do Cabo no dito ano. *Esta Écloga na sua origem foi muito mais extensa, porque depois da última fala de Tirse, na qual agora acaba, seguiu-se todo o canto dos Pastores, que se lê adiante tio Idílio XIV, e (leste modo foi recitada na Arcádia, e escrita na primeira Colecção. Na terceira a dividiu o Poeta em duas; alterando quanto era necessário as duas últimas falas da presente Écloga, e compondo de novo toda a introdução: Toma, meu Tirse, Toma esta Capela, que dá princípio ao dito Idílio XIV.*

ELPINO

Que fazes tu, meu Tirse, aqui deitado
A sombra deste freixo? o teu rebanho,
Rebanho o mais feliz, que nestas selvas
Gostou do Pátrio Alfeu as claras águas,
Pelo bosque intricado anda esparzido,
Sem a relva pascer; e o teu Lampuro,
De quem não escapava noutro tempo
A fera mais voraz, hoje enroscado
Sobre a miúda grama, não levanta
A pesada cabeça, inda que escute
Do lobo carniceiro os roucos uivos.
Tu mesmo, que nos jogos o primeiro
Eras de nossos campos a alegria,
Tão outro estás, que apenas te conheço.
Ah gracioso Pastor! se o sermos ambos
De idade juvenil, ambos de Arcádia;
Se o estudo comum das doces Musas,
E se a pura amizade, que te guardo
Desde o tempo feliz, em que tocava
Apenas com a mão os lentos ramos
Dos mais baixos salgueiros, te merecem
Que te fies de mim; hoje me conta
Desta mudança a causa; que tristeza
Te oprime o coração: talvez se abrande
A sua grave dor com repeti-la.
Vê que to pede, á Tirse, um bom amigo,
E que vale, Tirse, mais um bom amigo,
Que toda a fina lã de uma manada+

TIRSE

Fidelíssimo Elpino, destes campos
Amor, e glória, cujo affecto tanto

Enlaçados nos tem, nos tem tão presos,
Quanto estar podem ao sombrio choupo,
A tenaz hera, a retorcida vide:
Tu que sempre nas ditas companheiro
Te mostraste de Tirse, e bom amigo
Com teus sábios conselhos nas desgraças;
Se te lastima o ver andar perdido
O meu gado na selva; se de ver-me
Aqui confuso, e triste te admiras,
Que espanto não terás, quando souberes,
Que inda provas maiores nestes campos
Hei-de dar de tristeza, e de desgosto.
Jamais aos altos montes, aos humildes
Côncavos vales, escalvadas penhas
Da minha frauta o som alegre, ou triste
Os ventos levarão; jaz pendurada
Num teixo, que do raio foi crestado,
Cheia de pó, do Sol toda fendida:
Jamais de minha voz os brandos ecos
Ouvirão as serranas, e os pastores;
Nem de Márcia inconstante o doce nome
Repetirão piedosos os arbustos;
Nem as rolas amantes, e saudosas
De mim aprenderão mais tristes queixas.
Para mim se acabaram frauta, e canto.

ELPINO

Que dizes, Pastor sábio! e que motivo,
Ou que mal pode haver, que dor tão grande,
Que a tão duros protestos te obrigasse?
Que emudecer te faz? que a Arcádia priva
De ouvir os versos teus, teus brandos versos,
Muito mais doces, muito mais gostosos
Que a doce fruta do pomar alheio?
Ah suave Pastor, se as Musas deixas,
Foi-se dos nossos montes a alegria:
Quem tocará na Arcádia alegre frauta?
Quem o chão juncará de alegres flores,
Ou cobrirá de sombra as frias fontes?
Que Pastor ousará nos nossos bailes
Dos Faunos imitar a ligeireza?
Ou cantando atrair com suas vozes
Do fundo da floresta as gentis Ninfas?
Eu vi mil vezes, vi, (a Santa Pales,
E o Deus, a quem de Arcádia o campo agrada.
Por testemunhas tomo da verdade)
Conduzindo a beber ao meio dia
Ao Alfeu o meu gado, pouco a pouco
Irem-se as suas águas empolando

Em mole e crespa escuma, e de repente
Rasgarem-se, sair do escuro fundo
(Inda um sagrado honor me ocupa os ossos)
As formosas Napeias todas nuas,
Com os verdes cabelos gotejando
Sobre as alvas espáduas, e sentar-se
Para te ouvir à sombra de uma faia,
Das que bordam as suas frescas margens.
Então por entre os ramos do arvored
Os petulantes Sátiros verias,
Com os beijos de mosto ainda tintos,
E as cabeças de panas enramadas,
Ao som da tua fruta em leves pulos
Com o caprino pé ferir a tena,
Novas danças formar, novas coreias.
Pois que causa te move a que pendures
A doce fruta, e deixes toda a Arcádia
Num profundo silêncio submergida?

TIRSE

Vejo que em vão os tempos vão correndo,
Que as selvas estão cheias de ignorância.
Cheias de orgulho, cheias de soberba:
De que serve o cantar, se já não vivem
Aqueles bons Pastores, que entendiam
Do canto as regras. e que as ensinaram
Aos Pastores do Ménalo, os que imitas,
E mil vezes excedes, suspendendo
Com os ecos de tua acorde lira
Do Alfeu as águas, do Eliceto as aves?
Sim, amado Pastor, os meus ouvidos
Neste momento estão inda gostando
O brande som daqueles doces versos,
Com que a mágoa de Ergasto lamentaste;
E as agudas orelhas dos caprinos,
Longevos Faunos no teu canto fitas
Inda agora entre os ramos vê meus olhos.⁵⁶
Inda agora, inda agora debruçadas
Das árvores as Dríades ouvindo
Te estão as queixas da infiel Treseia;⁵⁷

⁵⁶ Alude a Idílio, ou Écloga de Elpino, composta em 1756, e recitada na Arcádia em 30 de Setembro de 1757, intitulada *Auliza* (é o *Idílio VI*), e especialmente ao seguinte lugar da mesma:

E os faunos entre os ramos do arvored

Com as agudas orelhas aplicadas

Estão por tua música esperando.

(Nota do Autor).

Não move o vento as mais ligeiras folhas,
Os peixes em cardume vêm correndo
Após a barca do queixoso Jolas,⁵⁸
Mostrando fora da água ora as agudas
Escamosas cabeças, ora abrindo
As nadadoras, e farpadas caudas.
Tu pois, que um sábio canto mais estimas
Do que todos os gados, que of'recia
A amada Galateia Polifemo.
E corres a escutá-lo com mais gosto,
Que as abelhas à flor, que à relva as cabras,
Que mágoa não terás ao ouvir a história,
Que te vou a contar, de meus protestos
Única origem; mas de mim não tanto,
Quanto da falta de saber, e arte,
.....
Do Luso derramou pelas florestas,
Noutro tempo ditosas, e invejadas.

ELPINO

Pois entretanto que essas verdes canas,
Que inda agora cortei nas frescas margens
Do nosso Alfeu, com branda cera unindo,
Uma frauta componho, com que possas,
Em vez da que fendida jaz no teixo,
O grato nome da formosa Márcia
As Ninfas ensinar, que após teus cantos
Para aprendê-los desenvoltas correm;
Desse infeliz sucesso toda a história
Me conta, meu Pastor, que eu para ouvi-lo
Aqui junto de ti também me assento.

TIRSE

Nas longas praias, que o Oceano banha,
Se levanta uma serra, a qual se estende
Pelo mar dentro, que bramando a cerca,
De cuja ponta (cousa muito grata!)
Tanto a vista se alonga, que se perde.
E os olhos felizmente se recreiam,
Ou já vendo quebrarem-se nas penhas
As crespas ondas, e saltar a espuma;
Ou já vendo mostrar a aguda quilha,
Aos nadadores barcos, que pendentos
Vêm com o peso das copadas velas.

⁵⁷ Alusão ao Idílio de Elpino intitulado Treseia, recitado na Arcádia em 26 de Agosto de 1757 (é o VII). (Nota do Autor).

⁵⁸ Alude ao Idílio Piscatório de Elpino, intitulado *Cimoteia* (é o IX). (Nota do Autor).

Neste aprazível sítio de ano em ano
Costumam ajuntarem-se os Pastores
Mais jeitosos, e as mais gentis Serranas,
Que as águas bebem do famoso Tejo,
A visitar o Nume sacrossanto,
A que o sítio é sagrado, e de inocentes
Puros votos encher as santas aras.
Ali por dar prazer à companhia,
Em jogos pastoris todos se empregam,
Qual toca a doce fruta, e as namoradas
Queixas em vão entrega ao vento, e às ondas,
Qual banhado em suor, de pó coberto,
Anda na luta, e sobre o bravo touro,
Que jaz na areia, vencedor se aclama.
Que bailes se não formam! mais ligeiros,
Do que os cervos, nos ares se levantam,
E com gratas coreias nos suspendem.
No canto se exercitam, soa o monte
Com as suas cantigas: qual as louras
Tranças, que o prendem, em Alcipe louva;
Qual na esquiva Amaríli os negros olhos;
Qual o som levantando, antigos casos
A memória ali traz, e infelizmente
Ora os expõe em baixos rudes versos,
Ora de alheia língua mendigados,
Em bárbara dicção os apresenta
Tão disformes, que o mesmo Cantor sábio,⁵⁹
Que os compôs noutros campos, se os ouvisse,
Que eram seus certamente ele não crera;
Um as figuras tais introduzindo
No meio das paixões mais lastimosas,
Que riso, em vez de lágrimas, arrancam.
Que lástima! que bárbara, e ignorante
E esta pobre gente! só lhe agrada
Aquele, que tem mais destes defeitos;
E presumem que acertam, porque uns tantos
Mestres, que têm, lhes dobram as cabeças,
Cabeças, que jamais não levantaram
Que para ouvir de torpe gaita os roucos,
E dissonantes ecos, que os deleitam.
Infelizes Juizes, a que Apoio
Fará o mesmo, que já fez a Midas.
Nestas festas me achava ponderando
A miséria, a que o tempo reduzira
Os Pastores do Tejo; quantas vezes
Disse comigo: Campos infelizes
Já vos não pisam os Pastores sábios,

⁵⁹ Alude ao célebre Abade Metastácio, cujas obras miseravelmente traduzidas inundavam os teatros portugueses. (Nota do Autor).

Que levaram teu nome além do Ganges,
Que lembrados serão eternamente,
Que tanto hão-de durar seus doces cantos!
Desta sorte dizia; quando chega
Um daqueles, que as festas dirigia,
E a cantar me convida. Eu lhe protesto,
Que não sabia por aquele modo
Formar um só acento, pois não eram
Aqueles os preceitos dos meus mestres;
E que ouvia dizer que nos mais campos,
Onde das Musas florescia o estudo,
Os Pastores mais destros não seguiam
Estilo tão vicioso, inculto, e baixo:
Da Arcádia lhe apontei as doudas regras;
O que tudo aprovou uma Pastora,
Que das margens do Tibre veio ao Tejo
Ensinar às mais Ninfas novos cantos,
Mais doces consonâncias. Convencidos
Da força de razão, já se preparam
Para ouvir-me a cantiga; já destinam
O meu competidor: era entre todos
O mais antigo, e quem nestes combates
Mais vezes tinha entrado; os longos anos,
E as já nevadas cãs, que lhe povoam
As enrugadas faces, e a cabeça,
O enchem de arrogância; novos termos
Quando fala procura, e tanto menos
Os seus o entendem, quanto mais o adoram.
Com este contendi, e tendo certa
A c'roa da vitória, pois cantara
Procurando imitar os bons antigos;
Não somente me negam o triunfo,
Mas não sei como salva dos cajados
Daquele povo trouxe inda a cabeça.

ELPINO

Se de tua tristeza é essa a causa,
Que mil vezes me admire, Pastor, deixa.
Não és tu por ventura o brando Tirse,
Que a fruta tantas vezes tens tangido,
Sendo presente, e juiz a Arcádia toda;
E que de hera outras tantas a cabeça,
Apesar de Pastores invejosos
Nas pastoris contendas tens cingido,
Sendo presente, e juiz a Arcádia toda?
Pois como de uns Pastores tão grosseiros,
Que o Canto ignoram, que sonora fruta
Nunca aos beiços chegaram, e que apenas
Ao rouco, e humilde som de uma pipia

O miserável verso ao vento espalham,
 Contigo o vão juízo tanto pode,
 Que te obrigue a deixar as caras Musas,
 As Musas, que em seu seio te criaram?
 Se o nosso Condão ⁶⁰, se o nosso Almeno ⁶¹,
 Ou o douto Pastor do monte Tagro ⁶²,
 Destro na lira, destro no cajado,
 E no tirar da funda, mais que quantos
 Pelas margens do Tejo ovelhas guardam,
 Dessa disputa fossem os juízes,
 Que mais farias tu ? Esses pastores,
 Que ao rústico Selvágio o prémio deram,
 Ignoram de tal sorte as leis do Canto,
 Que sendo da contenda eles juízes,
 Se Lacon com Comatos contendera,
 Ou com Alcino Algano, na contenda
 Fora Lacon de louros coroados,
 Algano vencedor, vencido Alcino.
 Eu também na disputa fui presente,
 Também te ouvi cantar, e te asseguro,
 Que nunca na serena madrugada
 Tão suave me foi um brando sono
 Como a tua Cantiga, que inda agora
 Parece que os ouvidos me adormenta:
 E se o sagrado Febo me não mente
 Quanto à baixa giesta o choupo erguido,
 Quanto ao rasteiro fero o alto cedro,
 Tanto excedeste tu a teu contrário.
 E pois a doce frauta já de todo
 Graças ao grande Pã tenho acabada,
 Deixa o pesar, que o coração te oprime:
 E enquanto soar faço estas campinas
 Com seus novos acentos, tu em honra
 Do Maioral do Tejo cristalino
 Alguns canoros versos, Tirse, canta:
 Alegre tua voz estas florestas
 Agora que dos montes pouco a pouco
 Vai diminuindo o Sol a grossa sombra,
 Agora que não move brando vento
 As ramas do arvoredos, e só se escuta
 Da gárrula cigana o rouco canto
 E as ovelhas deitadas pela relva
 Estão com as cabeças levantadas,
 Parece que de ouvir-te cobiçosas.

⁶⁰ O Senhor Pedro António Correia Garção, cujas obras são estimadas de todos os sábios. (Nota do Autor).

⁶¹ O Senhor Manuel Nicolau Esteves Negrão, hoje Desembargador do Paço. (Nota do Autor).

⁶² O Senhor José Xavier, Capitão-mor de Alenquer, chamado na Arcádia Sincero Serabriense. (Nota do Autor).

TIRSE

Ao lasso caminhante não deleita
Tão docemente o brando murmurinho
Do ramo, a cuja sombra dorme a sesta;
Nem tanto ao triste amante a pena abranda
O simples passarinho, que saudoso
Da perdida consorte a está chamando,
Quanto a tua amizade são, e pura
Com tão sábios conselhos me alivia,
E de gosto, e confiança o peito me enche.
Mas que versos, Elpino, tu me rogas!
Que versos formar pode o pobre Tirse,
Que dignos sejam daquela alma ilustre,
Que de assombro, e prazer enche os seus campos?
Tudo porém farei por agradar-te.
Deixa pois que descanse, e recupere
O perdido sossego, que eu te juro
Que enquanto amarem os delfins as ondas,
As ovelhas a mole, e fresca relva,
Enquanto pelos montes perseguirem
Os cães o lobo, os Sátiros as Ninfas,
Será nos Cantos meus sempre louvado,
E juntando os teus versos aos meus versos,
As Estrelas seu Nome subiremos,
Onde subido o tem suas virtudes.

XI

IDÍLIO

Recitado na Conferência pública, que a Arcádia celebrou no Real Hospício de Nossa Senhora das Necessidades em 14 de Março de 1759 por ocasião das melhoras de El Rei D. José o I, depois do atentado contra a sua Real Pessoa. *Foi impresso este idílio na Colecção do Porto, que já se citou em nota ao Idílio VII.*

Interlocutores: Ergasto, e Albino.

ALBINO

Doce é, Pastor, ao lasso passageiro
O brando, e lento som, com que murmura
Por entre pedras uma fonte pura,
Que despenhada cai de um verde outeiro:

Doce é numa floresta deleitosa
Ouvir as avezinhas saudando
A Aurora, que as boninas borrifando,
Traz da fresca manhã a luz formosa:

Mais doces são porém nos meus ouvidos
Teus brandos versos, ó suave Ergasto!
Que enquanto estas campinas derem pasto,
Hão-de ser dos Pastores repetidos.

Se contender contigo o mesmo Alcido
Sobre o preço da música silvestre;
O mesmo Alcido, que no Douro é mestre,
Certamente de ti será vencido.

Esses dois cabritinhos, que entre as flores,
Junto da branca mãe vês retouçando,
Eu com todo o cuidado os vou criando,
Que do rebanho meu são os melhores:

Olha como saltando na campina
Já para lutar se põem defronte,
E erguendo-se nos pés, a tenra frente
Inda sem pontas um contra o outro inclina.⁶³

⁶³ Vê como para a luta na campina

Recua cada qual, corre impaciente;

Sobre os pés se levanta, e a tenra frente

Inda sem pontas um contra o outro inclina.

Pois ambos tos darei, se acaso ao vento
Soltas a doce voz, com que arrebatas
Os calvos Faunos das incultas matas,
Somente por ouvir seu grato acento.

Aqui respira um ar doce, e sereno
Por entre os ramos da confusa selva,
Aqui têm as ovelhas fresca relva,
Temos para sentar-nos mole feno:

Aqui suave sombra está caindo
Dos verdes ramos desse Alandroeiro,
Que soprado do vento lisonjeiro,
A fazem sobre a relva estar bulindo.

Tudo em sossego está, e o manso gado,
A clara luz do Sol sereno, e belo,
Deitado pela relva enxuga o velo,
Do orvalho da manhã inda molhado.

Ah canta! que as abelhas sussurrando
Entre as flores, o vento alegre, e frio,
O surdo murmurar do claro rio
Te estão ao doce Canto convidando.

ERGASTO

Que queres tu que eu cante, Albino amado,
Em tanto honor, em tanta adversidade?

ALBINO

Que hás-de cantar? a nossa liberdade,
A mudança feliz do antigo estado.

Tu não vias há pouco o Céu coberto
Esconder-nos do Sol os resplendores,
Tremor a terra, e os tristes moradores
Das Aldeias fugir para o deserto?

E não vias também, quando às mãos cheias
A terra o lavrador lançava o trigo,
Nascer em seu lugar joio inimigo,
E c'o cardo espinhoso as vis aveias?

Que engrossadas das chuvas as ribeiras,

Da palavra *frente* neste sentido usa Camões no Soneto 233 na impressão de José Lopes Ferreira, que principia: *Levantai minhas Tágides, a frente.* (Assim escrevia o Autor nas primeiras Colecções.)

Deixando a antiga madre, impetuosas
Levavam nas correntes caudalosas
Os arados, os bois, as sementeiras?

Não vias que brotando a má cizânia,
Por mais que o duro sacho trabalhava
Em cortar-lhe a raiz, mais se aumentava
Pelos campos da nossa Lusitânia?

Não viste mais, oh mal nunca pensado!
Esfaimados os lobos carniceiros,
Perdendo o medo à guarda dos rafeiros,
Vir dentro nos currais matar o gado?

Enfim não vimos nós cheios de espanto
(Ah que tão grande mal, mocho agoureiro,
Ao romper da manhã num espinheiro
Três vezes predisseste com teu canto!)

O nosso Maioral, que com estranho
Desvelo se empregava diligente
Em fazer o seu campo mais florente,
Em aumentar o pasto a seu rebanho;

Deles ser à traição acometido
Sem que pudesse seu braço ajudá-lo;
E bem que o Céu piedoso quis livrá-lo,
Das ganas lhe escapou todo ferido?

Não vês agora a terra sossegada,
Arrancada a cizânia, o Sol brilhante,
O trigo pelos sulcos abundante,
E segura dos lobos a manada?

E o gracioso Pastor, a quem choraram
Movidos de seu mal os mesmos montes,
As ovelhas, as árvores, as fontes,
Livre do dano, que eles lhe causaram?

Pois que hás-de descantar? estas mudanças:
De tão alto Pastor canta os louvores,
E faze que do Tejo entre os Pastores
Dele durem eternas as lembranças.

ERGASTO

A tão alta matéria, onde tu ousas
Levantar, caro Albino, a fantasia,
De meu rabil não chega a melodia;
Que não podemos nós todas as cousas.

Nem como águia caudal os ares fende
Leve andorinha gárrula, e rasteira,
Nem a humilde, e silvestre tamargueira
A rama como o cedro aos Céus estende.

Eu sei cantar aos rudes camponeses
O trato do rebanho, e da lavoura,
Quando se há-de segar a espiga loura,
E quais são de enxertar, os próprios meses;

O tempo da tosquia, e do coalho,
De que ovelhas as lãs são as melhores,
O modo de dispor plantas, e flores,
E outras coisas do rústico trabalho.

Mas de um Pastor tão grande, que do extremo,
Cá da terra até onde nasce o dia
Tanto gado apascenta, guarda, e cria,
Crê que de celebrar o nome tremo.

Porém para cumprir tua vontade,
Inda que a rouca voz repugna ao canto,
Quero provar se acaso chega a tanto
De meus rústicos versos a humildade.

Ó Pastores do Tejo, ó pegureiros,
Que ao som de suas águas docemente
Brandos versos cantais, ornando a frente
Dos verdes ramos de hera, e de loureiros:

É chegado, é chegado o feliz dia,
Nestes campos há tanto suspirado;
Deixai a seu sabor pascer o gado,
Ajudai-me a cantar tanta alegria.

Já o nosso Maioral livre do risco
Toma a buscar o campo sossegado;
Já toma a empunhar o seu cajado,
E seguiu a curar do grande aprisco.

Já os lobos cruéis, que às nossas terras
Raivosos tanto estrago ameaçavam,
Que os redis com seus uivos assustavam,
Já se não ouvem nem nas agras serras.

Ele (oh, permita o Céu que longamente
Os nossos campos reja!) aconselhado
Do Pastor entre os nossos tão gabado,
Os laços lhes armou manhosamente.

Ide, minhas cabrinhas, ide afoitas
Pendurar-vos dos ramos dos salgueiros,
Não vos fieis das margens dos ribeiros,
Pascei antes naquelas verdes moitas.

Toma, toma o sossego aos nossos montes,
Juncai, Ninfas, de flores o terreiro;
E de viçosos ramos de loureiro
Cobri alegres as risonhas fontes.

Tão grande dia, dia tão ditoso,
Em que o nobre Pastor já livre vemos,
Pastores, e Pastoras, celebremos
Com novos jogos, com imenso gozo:

As aves pelos ramos da espessura
Cantando sem sossego, os verdes prados,
De pintadas boninas esmaltados,
Parecem festejar tanta ventura:

As mesmas penhas dessa serra
Nos estão aos folgares convidando,
Pois até às Estrelas vão lançando
Suaves vozes cheias de alegria.

Formai novas coreias, novas danças,
Toque Leucipo a branda sanfonina,
A cujo som saltando Carmosina,
As Dríades imite nas mudanças.

Nos imperfeitos regos fique o arado;
E de roxas violas, e tomilhos
Cobri as curvas pontas dos novilhos,
Em sinal do repouso desejado.

Oh! não teçam enganar neste dia
Vossas redes aos leves passarinhos,
Que enquanto estão formando os brandos ninhos
De nosso canto ajudam a harmonia.

Frescas coleiras de cheirosas flores
Aos bravos cães formai, que sossegados
Não persigam nos bosques intrincados
A veloz lebre, os gamos voadores.

De novo colmo cubram-se as cabanas,
E no prado florido, ou monte seco
Responda alegre a invisível Eco
Ao doce som das enceradas canas.

Soem, soem os nossos instrumentos:
A estranho clima, a estranhos guardadores
Deste digno Pastor dignos louvores
Levai de nossa boca, ó leves ventos!

Não fique neste campo dilatado
Roliço tronco de árvore sombria,
Onde as foices não deixem à porfia
Seu Nome em grandes letras entalhado,

Subirá pouco a pouco a verde rama,
E aos Céus os duros troncos levantando,
'Té aos Céus pouco a pouco irá levando
Seu grande Nome, sua grande fama.

Enquanto nos reger o seu cajado,
Há-de o amor da lavoura, e da justiça
Entre nós florescer, e a vã cobiça
Outro campo buscar mais apartado.

No Inverno enregelado, ou quente Estio
De leite abundarão nossas malhadas,
E cobrindo os outeiros as manadas,
Secarão ao beber o fresco rio.

No culto vale, no intratável ermo
Seguros hão-de andar gado, e pastores;
Nem contendias terão os lavradores,
Por mais que nas extremas falte o termo.

Não virão os Pastores estrangeiros
Deixando as suas ásperas Aldeias,
Crestar de nossas cilhas as colmeias,
Com manha tosquiar nossos cordeiros.

Nós sós o louro trigo segaremos,
Que doura as fertilíssimas campanhas;
Nós sós as avelãs, nós as castanhas,
E a invernosidade glande colheremos.

Alegre planta, Alceu, murtas, e louros,
Abraça com os olmos às videiras,
Põe no pomar à corda as laranjeiras,
Que os frutos colherão os teus vindouros.

Qual a loura seara à fértil terra,
Ao viçoso pomar a fresca fruta,
A fonte cristalina à penha bruta,
Tal és, grande Pastor, à nossa serra.

Enquanto rebentar na basta mouta
A voz do encantador a cobra fria,
E fugindo dos galgos à porfia
Buscar a lebre a mata, onde se acouta;

Enquanto o grou seguir o curvo arado,
Amar as covas o nocturno grilo,
Sempre em nosso singelo, e puro estilo
Há-de ser o teu Nome celebrado.

Se as penhas estalar o Inverno frio,
Cantar-te-emos à roda das fogueiras;
Se o Verão abrasar as sementeiras,
Abrigados de algum bosque sombrio.

Crescei, plantas do Tejo, crescei, flores;
E vós das mais suaves, e cheirosas
O pelico lhe ornai, Ninfas formosas,
Capelas lhe tecei, destros Pastores.

ALBINO

Ergasto, os versos teus dão mais deleite,
Que na noite do Inverno tenebroso
Grande taça de vinho saboroso,
Ou na manhã de Abril tarro de leite.

Ou Febo no teu peito o Canto inspira,
Regendo a tua branda, e grata Musa,
Ou do Pastor da antiga Siracusa
Títiro te deixou a maga lira.

Se minha voz igual à tua fora,
Com meus versos os teus acompanhara,
E ao som de meu rabel também cantara
Tão amável Pastor a toda a hora:

Mas já que tanto o Céu me não consente,
Não fará que o gostoso sacrificio
O puro coração não dê indício
Da fé, que lhe consagro reverente.

Uma c'roa de louro guarneçada
De boninas colhidas, quando a Aurora
Cobre a terra das lágrimas, que chora,
Para lhe oferecer, tenho tecida.

Essa cabra malhada, que as mais guia,
Dois cabritos pariu de cor cinzenta,

E bem que ambos os dois cria, e sustenta,
Duas vezes ao tarro vem no dia.

Tenho mais para dar-lhe destinada.
Também lhe levarei queijo, e manteiga,
O louro mel, a fruta dessa veiga,
Se de meus pobres dons ele se agrada.

ERGASTO

Ah rústico Pastor! que é o que intentas?
Ao grande Maioral tão abastado
Inda é pequena oferta todo o gado,
Que nessas frescas margens apascentas.

Ele de humildes dádivas não cura,
De cabras, de manteiga, fruta, ou queijos,
Mas só alegre aceita os bons desejos
De um peito de amor cheio, e de Lisura.

ALBINO

Pois, suave Pastor, em sua defesa
Dum nodoso de mirto bom cajado,
Sempre me encontrarão o braço armado,
E pronto a castigar qualquer ofensa:

Todo o rebanho meu, e o seu aprisco
Contente perderei, a própria vida
Com livre coração tenho ofrecida
Por ele a derramar no menor risco.

Mas tempo é de beber o nosso gado:
Pela encosta o guemos deste monte,
Que é caminho mais perto para a fonte,
E dos nossos Pastores mais trilhado.

XII

Interlocutores: Elpino, Tirse, e Siveno.

As partes de Elpino são de António Dinis da Cruz e Silva; as de Tirse de Teotónio Gomes de Carvalho; e as de Siveno de Silvestre Gonçalves de Aguiar.

Este idílio foi feito ao mesmo assunto que o antecedente, e recitado na mesma Conferência.

ELPINO

Espera, Tirse, espera, que cansado
Não posso já seguir tuas pisadas;
Sentemo-nos um pouco neste prado.

Aqui entre as árvores copadas,
Que a doce sombra fazem mais espessa,
Umas com outras todas enredadas;

Descansemos: mas ele o passo apressa!
Ouve, Pastor gracioso: onde caminhas,
Sem resposta me dar, com tanta pressa?

TIRSE

Oh não descanses! as pisadas minhas
Segue contente, que se eu não fora,
Um folgar nunca visto hoje não tinhas.

ELPINO

Desde que repontou a roxa Aurora,
Que subimos da rústica choupana,
E quéis que um pouco não descanse agora!

Mas onde entramos nós! Céus! que cabana!
Que luzes! que alegria ! que Pastores!
Vive aqui, Tirse, acaso gente humana?

Nunca jamais com tão formosas cores
Se ornou a Primavera, quando aos centos
Pelos campos produz as várias flores,

Como as que vendo estou: olha os assentos,
De cortiça não são, como os que usamos
Lá pelos nossos toscos aposentos.

Ah detém-te, Pastor! adonde vamos?
E como ousados num lugar divino,

Sendo gente profana, assim entramos?

Mas cá também está o nosso Alcino,
Lícidas, Condão, e Nemeroso,
O sábio Amintas, Páris peregrino;

Todos cantando estão; que harmonioso
Soa o seu Canto, Canto delicado!
Nunca Eurotas o ouviu tão sonoro.

E que Pastor é este, que encostado
A sombra de uma coisa semelhante...
(Que pouco sabe um guardador de gado!)

Uma nuvem figura, a que o radiante
Raio do Sol ferindo luminoso,
Aqui vermelha faz, ali brilhante?

Sem os olhos mover, todo gostoso
Com sereno semblante está ouvindo
Dos Pastores o Canto numeroso.

Qual no florido prado, que está rindo,
Debaixo de um loureiro levantado,
Que a rama com o vento está bulindo,

Nos ouve o louro Apoio recostado,
Quando com nossos jogos contendemos
Sobre um novo surrão, sobre um cajado.

TIRSE

Que perguntas, Elpino! oh! e que extremos
Tens de simplicidade hoje mostrado!
O Pastor não conheces, que ali vemos?

É aquele Pastor tão celebrado
De nossas frutas, cujo Nome vimos
'Té às Estrelas sempre levantado,

É o grande Pastor, de quem ouvimos
Cantar já Condão, cantar Siveno
Versos tão doces, que inda os repetimos:

Aquele, cujo espírito sereno
Por ouvir celebrar ao nosso Alcino,
Deixa o quartão o sórdido Sileno.

De quem tu com teu canto alto, e divino
Dos anos festejaste o grande dia,

Dia precioso, de memória dino;

Quando vimos as Ninfas à porfia
C'roar as louras tranças de mil flores
No plácido cristal da fonte fria.

Ornados de hera, e louro os lavradores,
De trevo, e murtas gados, e cabanas,
De cândidos pelicos os Pastores:

Que danças, que cantigas as Serranas
Não repetiram! mas quão diferentes
Das tuas, que eram todas soberanas!

Calou-se o vento; os troncos, as correntes
Se curvaram; ovelhas, pegureiros
Se viram de teu Canto estar pendentos;

E por entre a espessura dos loureiros
O bom Ménalo erguer a verde fronte,
Coroadada dos ramos dos pinheiros.

Não folga tanto de Hipocrene a fonte
De ouvir o louro Apolo, nem se espanta
Da música de Orfeu o Ismaro monte;

Quanto o campo deleita, atraí e encanta
Ouvir a tua voz, ó brando Elpino!
Quando deste Pastor o Nome canta.

És por certo um Pastor de c'roa dino,
E com teus versos tanto nos aprazes,
Que comigo mil vezes imagino,

Que ou do bosque Grineu a origem trazes,
Ou tens a fruta, com que o Ascreu cantando
Movia os montes, pois não menos fazes.

Este Pastor é pois o que escutando
Está o doce canto: não reparas
Quantas graças estão nele brilhando!

Quanto são às da vide humildes varas
Os plátanos, e cedros sup'riores,
Tanto o é aos outros nas virtudes raras.

Não o vês, que c'roado de esplendores
Respira um não sei quê no seu semblante,
Que não temos nós rústicos Pastores?

Mas este, que dos olhos tens diante,
E só um retrato: venturoso
O que a ver chega a face radiante!

Porém tanto o pincel foi poderoso,
Que podes tu bem ver nesta figura
Toda a graça do rosto majestoso.

Cariteu, que de o ver teve a ventura,
Debuxou neste quadro a augusta fronte,
E aos Pastores o deu desta espessura.

ELPINO

Eu vi já pelo sábio Alcimedonte
Em um copo de faia bem lavrado
Orfeu, a quem seguia o verde monte.

Do Templo à Santa Pales consagrado
Um lobo, que um cordeiro devorava,
Com tal arte nas pontas vi cortado;

Que o Pastor, que a primeira vez olhava,
Assustado bradava aos mais Pastores,
E quase que os rafeiros lhe açulava.

Vi mais que a Primavera de mil cores
As ribeiras do Alfeu alegre pinta
Sem ordem misturando as frescas flores.

Mas não vi que pudesse a vária tinta
Um Pastor imitar com tal destreza,
Que os nossos olhos creiam que ele sinta:

Mas que coisas não fez a subtileza
Dos destros Cidadãos a nós estranhas,
Que vivemos dos montes na aspereza!

Androgeu, que habitou nossas montanhas,
O divino Androgeu, que ali viera
Depois de ter corrido outras campanhas.⁶⁴

Quando eu naqueles doces anos era,
Em que apenas com a tenra mão chegava
As folhas a tocar da tenaz hera;

⁶⁴ Houve tempo em que o Poeta substituiu a este verso o seguinte:

Das ribeiras que tu, ó Tejo banhas.

A palavra *campanhas* deu causa à mudança, mas ele não duvidou conservar na terceira Coleção o verso, que se lê [n]o texto.

Com mimosas palavras me chamava,
E sentados de um freixo à sombra fria
Mil cousas das Cidades me contava.

Ah inocente Elpino! se algum dia
A vender lá lebares teus cordeiros,
Verás (entre outras cousas me dizia)

Verás nas cheias praças, nos terreiros
Ondear, como ondeiam as searas,
Confusos Cidadãos, e pegureiros:

Brilhar montanhas de ouro, pedras raras,
Como brilham, da luz do Sol feridas,
Do sereno Ladon as águas claras:

Figuras hás-de ver tão parecidas
A nós, que a tua sã simplicidade
Por vivas as terá sendo fingidas.

Se o Pastor me falava então verdade,
Pelo que neste sítio estou notando,
Nós certamente estamos na Cidade.

Mas à prática nossa enfim tomando,
Não te admire, Pastor, que o rude Elpino,
Que outros campos não viu, que os do Alfeu brando;

Do Maioral do Tejo cristalino
As graças desconheça da figura
A vez primeira, que de vê-lo é dino:

Pois se dele cantei, e se a espessura
Do Ménalo me ouviu; se do Erimanto
Fiz parar ao seu nome a fonte pura,

A sua fama provocou meu Canto,
Pois inda o rosto seu não conhecia,
Que humilde Pastor nunca aspira a tanto.

Mas que nova, que súbita harmonia
Nos interrompe! não de agreste avena,
Qual ouvimos na Arcádia ao meio dia,

Quando de uma floresta à sombra amena
Com as Náiades os Sátiros saltando,
Abrandam de seu fogo a ardente pena;

E c'os torcidos beijos assoprando

A sonoro compasso as sete canas,
Tomam quieto o mar, o vento brando.

TIRSE

Certamente, Pastor, que não te enganas:
E Apoio, que a lira vem tangendo
Com o Coro das Musas soberanas.

Mas não é: olha a turba, que correndo
Vem de Pastores; junto de nós param,
Das mãos os instrumentos vêm pendendo:

Das cítaras, das frautas, que soaram,
Dos dedos os sinais no buxo alvejam,
Brandas as cordas têm, onde tocaram.

Uns arcos trazem como os que pelejam,
Nunca vi que de Arcádia os arcos soem,
Dizer não posso que Pastores sejam.

Mas não vês como todos se dispõem
Para tocar de novo, e os instrumentos
Qual na terra, qual junto à barba põem?

Olha aqueles dos últimos assentos,
Ao modo de umas canas enroscadas
Chegam à boca: ouçamo-los atentos.,

CORO

Aves peregrinas,
Que ledas voais,
Fontes cristalinas,
Que os campos cortais;
Cantai, murmurai:
Em tão fausto dia
Com vossa alegria
A nossa aumentai.

Ó Náiades formosas,
Que do Tejo famoso as claras águas
Habitaís venturosas;
Deixai as ricas teias delicadas,
Saí, saí das húmidas moradas;
E de flores cheirosas
Cândidos lírios, encarnadas rosas
Enastraí o cabelo crespo, e louro;
E ao suavíssimo som das liras de ouro,
Em hinos sonorosos

Connosco celebrai pela espessura
Com o nosso Maioral nossa ventura.

ÁRIA

Dia tão ditoso,
Tão resplandecente
A vossa corrente
Ainda não viu.
Ou tão luminoso
Com seus resplendores
Do Ganges famoso
Dando vida às flores
Nunca o Sol saiu.

Soem, soem, ó Ninfas delicadas,
Mil sonoros hinos
Do dom, que o Céu nos fez propício, dinos;
E sobre as asas do sereno vento
Nosso agradecimento,
Nosso imenso prazer, e o grande Nome
Do famoso Pastor na terra soe,
E aos ouvidos dos altos Deuses voe.⁶⁵

CORO

Aves peregrinas,
Que ledas voais,
Fontes cristalinas
Que os campos cortais,
Cantai, murmurai:
Em tão fausto dia
Com vossa alegria
A nossa aumentai.

⁶⁵ *Este recitado nas primeiras Coleções lia-se assim:*

Os Zéfiros suaves sacudindo
Das leves asas as pintadas flores,
Com os ventos as árvores bulindo,
As ervinhas da Aurora borrifadas,
Que parecem ao longe prateadas,
No trémulo cristal os resplendores
Do roxo Febo as luzes aumentando,
Os pássaros cantando
Com suave harmonia
Dobram em nosso peito a alegria.

ELPINO

Fartam-se de água o campo, de erva o gado,
Dos vermelhos medronhos nos erguidos
Outeiros os cabritos desmamados:

Farta-se a loura abelha dos floridos
Codessos, e de Canto tão sab'roso
Não se podem fartar os meus ouvidos.

Mas lá Siveno está: Pastor ditoso,
Assim crescendo vá sempre o teu gado,
Conta-me a ocasião de tanto gozo.

SIVENO

Graças aos Céus, Elpino, e Tirse amado,
Que me vejo na vossa companhia,
Que mais que nunca tinha desejado,

Gozar tanta ventura já não cria;
Pois vendo juntos todos os Pastores
Da nossa Arcádia, só a vós não via:

Mas pois presentes sois, e os guardadores
Vindos aqui do Tejo cristalino,
Que são no pastoril Canto os melhores;

Porque ouçam quanto vós no peregrino
Estilo de cantar brando, e gostoso
De Títiro igualais o som divino;

E que excedeis em tudo o mais jeitoso
Quais aos rasteiros fetos os pinheiros
Do Ménalo, que vós fazeis famoso:

Eu vos conto o que a estes pegureiros
Obrigou a deixar gado, e cabanas
Entregues ao cuidado dos rafeiros,

E aos nossos companheiros as serranas
Com mole cera unindo diligentes
As desiguais, harmoniosas canas,

Do Luso ao Maioral, prazer das gentes,
Que depois que do Céu cá foi mandado,
Faz viver os seus súbditos contentes;

Uns pastores, a que ele tinha dado

Tantas riquezas, que já não cuidavam
Em mandar aos currais contar o gado;

Esquecendo que tudo que logravam,
Era dádiva sua, em vil cilada
Tirar a santa vida procuravam.

Mas qual a tenra ovelha desgarrada
De entre as presas do lobo, cuidadoso
O pastor salva já ensanguentada;

Assim do Céu o braço poderoso
Dos insolentes golpes dos traidores
O grande Maioral salvou piedoso.

De tanto bem alegres os pastores
Neste agradável sítio se ajuntaram
A cantar c'os da Arcádia os seus louvores,

TIRSE

Oh caso estranho! quando imaginaram
Os Pastores ouvi-lo! Ah! se vissem,
De pena os bons antigos estalaram.

Na verdade que as selvas não parecem
Quais eram dantes puras, e inocentes,
Pois as cizânias cada vez mais crescem.

Os lavradores do que têm contentes
Já não vivem: aquele é mais gabado,
Que tem mais campos, lança mais sementes:

Poucos se vestem já das lãs do gado,
Que coisas a ambição no peito gera!
Tudo nos montes, tudo está mudado:

Algum tempo sei eu que assim não era;
Viveu nos campos a inocência santa,
Era tudo comum...

ELPINO

Ah, Tirse! espera,
Que o Coro dos Pastores se levanta:
Já preparam doces instrumentos,
Escutemos agora o que ele canta.

CORO

Em dia tão feliz
Do nosso bom Pastor
Em Cantos de louvor
Tudo respire.

Seguro nos redis
Por ele o gado está;
Por ele cantará
A bela Efire.

PRIMEIRA VOZ

Oh dia venturoso,
Mais do que todos suspirado dia!
Que mais gosto, e alegria
Aos nossos campos trazes,
Que a sempre desejada
Primavera de flores coroadas.

SEGUNDA VOZ

Ó dia venturoso,
Consagrado ao Pastor destas campinas!
Por quem no monte com prazer, e gozo
Correm as fontes, crescem as boninas;
Por quem Ninfas, Serranos, e Pastores,
Entre nuvens de flores,
Ao som das gratas liras vão cantando
Seu grande Nome às selvas ensinando.

PRIMEIRA VOZ

Fujam, fujam velozes destes vales
As tristezas, e os males;
E em doces ecos aos suaves cantos
Responda alegre a cristalina fonte,
O fundo vale, o levantado monte.

SEGUNDA VOZ

Deixa, deixa contente,
Ó venerando Tejo, a fria gruta,
Nossas vozes escuta
E sobre o transparente
Carro de branca escuma, em que passeias
As douradas areias, te levanta,
De teu grande Pastor o nome canta.

AMBAS

Desde os campos da Aurora aos do Ocidente
Não vê o Sol Pastor mais excelente.

DUO

PRIMEIRA

Já toma a paz serena, Já entre nós caminha;
Fugiu do campo o horror.

SEGUNDA

Já sobre a relva amena
A simples Pastorinha
Se ouve cantar de amor.

AMBAS

Oh Céus! que alegria
Nos nossos montes vai!
Vinde, vinde à porfia.

PRIMEIRA

Oh Ninfas!

SEGUNDA.

Ó Pastores!

PRIMEIRA.

Com cítaras,

SEGUNDA

Com flores:

AMBAS

1ª Do bom Pastor cantai.
2ª O bom Pastor c'roai...

SIVENO

Que vos parece, amados companheiros,
Tão ajustada, e doce melodia?
Que bem que cantam estes pegureiros!

Eu certamente não me persuadia

Que pudessem cantar tão docemente,
Sem aprender na vossa companhia.

O rouxinol, que da consorte ausente
Se está queixando na calmosa sesta,
A voz não solta mais suavemente.

Mas que prazer sentira esta floresta,
Se ajudásseis com vosso doce Canto
Destes Pastores a gostosa festa!

Ah, Pastores! cantai: cheio de espanto
Vos ouça o Tejo, qual vos tem ouvido
Suspenso muitas vezes o Erimanto.

Fazei que nestas selvas conhecido
Seja o som, com que os Sátiros saltantes,
Seguindo as Ninfas, tendes suspendido.

Para ouvir-vos as faias murmurantes
Já os ramos inclinam, e entre as flores
Se calam as abelhas sussurrantes.

Soltai a branda voz, soltai, Pastores,
E quais à fresca sombra dos pinheiros
No Ménalo cantais vossos amores;

Cantai deste Pastor, e estes outeiros
Repitam o seu nome enquanto tece
Apoio as vossas c'roas dos loureiros.

ELPINO

Tirse tanta ventura só merece;
Ele pode cantar, que para o Canto
O mesmo Apolo a lira lhe oferece.

TIRSE

Cantarei sim, Pastores, se é que a tanto
Chega a rústica voz, farei notória
Aquela alma, que o mundo enche de espanto.

Porém que hei-de eu cantar, que a sua glória
Possa igualar? direi o que uma sesta
(O Céu queira que o tenha na memória!)

Do famoso Ladon em a floresta
Ouvi ao tempo que se celebrava
Entre os Pastores do Deus Pã a festa:

Pois no melhor que o seu louvor soava,
Sentimos (caso digno que se contel!)
Que toda a selva os ramos inclinava:

Quando os olhos voltando ao alto monte,
Vimos da Arcádia o Deus tendo cingida
De verdes heras a galhuda fronte;

A cara traz vermelha, e incendida
Do mínio com a cor, que é tão prezada,
A barba negra, e rara, mas comprida:

Uma pele de touro remendada
De brancas manchas, de seus ombros pende,
De vê-lo a gente fica alvoroçada.

Recolhe um beijo, outro beijo estende,
E um pouco inchando as faces docemente,
Com a gaita harmoniosa os ares fende;

A cujo som correram de repente
Das selvas os incultos moradores,
Deteve o rio a plácida corrente.

E qual homem, que coisas sup'riores
Pensa dizer, depois de um largo espaço,
Assim cantou o Nume dos Pastores:

Solta, solta do cândido regaço,
Bela Deusa dos prados, as boninas
Que dos campos roubou o Inverno escasso;

Tomem, tomem a ver estas campinas
Aquele bem, aquela formosura,
Que noutro tempo as fez dos Deuses dinas.

Ó Pastores do Tejo! alta ventura
Os Fados vos predizem; ledamente
Pascei vossas ovelhas na verdura:

Não temais que outra vez a vil serpente
Nos vossos campos o veneno espalhe,
Leve os mansos cordeiros a corrente;

E por mais que o roaz lobo trabalhe
Por entrar os currais, estai seguros
Que o Céu tendes por vós, que o dano atalhe.

Eu mesmo, eu mesmo nos diamantes duros,

Das Parcas pelas mãos vi entalhadas
As promessas de muitos bens futuros.

Às fontes conduzi vossas manadas,
E se em vós sombras há do antigo engano,
Nelas sejam também purificadas.

Que o grande Maioral livre do dano
Por largo tempo vosso campo reja,
O jura o mesmo Jove Soberano.

Tudo em vosso favor, tudo deseja,
E do Tejo nas selvas quer que a idade
De Reia, e de Saturno o Mundo veja.

A Paz serena, a sã Fidelidade,
Que aos Céus se foram cheias de desgosto,
Por ele tomam cheias de saudade.

Por ele florescer vereis com gosto
Uma contínua doce Primavera,
Qual sempre se nos mostra no seu rosto:

E em lugar de trombeta horrenda, e fera.
De pífaros, de horríssonos tambores,
A cujo som o coração se altera;

Em lugar de cruentos passadores,
As montanhas, e os vales semeando
De pálidos cadáveres, e de horrores;

Vereis as vossas serras alvejando
Com os grossos rebanhos, as campinas
Com as louras searas ondeando;

E ao grato som das brandas sanfoninas,
Ao lar cantando, ensinareis aos filhos,
De que ovelhas as lãs são as mais finas.

Para casa trarão vossos novilhos
Chiando os canos com o peso grato.
Das roxas uvas, dos dourados milhos.

Penderão sempre no espinhoso mato
As duras avelãs, moles castanhas,
E nédio trareis sempre o vosso fato.

Abundantes serão vossas montanhas
De tudo quanto a Natureza cria,
Gabadas inda mais do que as estranhas.

Oh Náíades do Tejo! o feliz dia
Notai com pedra branca; e vós, Pastores,
Cortai nos troncos versos à porfia.

O louro Febo sempre os resplendores
Sobre ele lançará; porque às Estrelas
Subam os troncos, subam seus louvores:

Tenas flores colhei, formai capelas,
E em honra do Pastor, que estas campinas
Faz com seu zelo cada vez mais belas;

Do Tejo sobre as margens cristalinas
Um digno altar lhe erguei, todo adornado
De verdes louros, cândidas boninas:

De freixos o cercai, porque do gado
A planta imunda o não profane, e seja
Entre os Pastores um lugar sagrado.

E como a Santa Pales se festeja
Todos os anos, o Pastor gracioso
Celebrado por vós sempre se veja:

Em cujo sacrifício, do gostoso
Leite dois tarros, dois de sangue puro,
Dois do vinho odorífero, e espumoso,

(Porque se lave todo o rasto impuro
Da desordem passada, e semelhantes
Não possam suceder para o futuro).

Sobre as entranhas inda palpitantes
De um branco touro aos altos Céus fumando,
Entre os louros c'o fogo crepitantes,

Três vezes derramai, e em verso brando
Cantem as Ninfas, dancem os Pastores,
A vítima três vezes rodeando.

Mas que brilhantes densos resplendores
Se derramam no Ménalo sagrado
Cercam da Santa Arcádia os guardadores?

Ah sim! sobre eles os olhos tem lançado
Este grande Pastor: já vejo o monte
Mais que o Pindo, que o Olimpo levantado.

Já vejo... e os olhos fitos no horizonte

Suspenseo fica: longo tempo o hino
Soou o bosque, repetiu a fonte.

ELPINO

Que prêmio te darei, Pastor divino,
Por esses grandes versos, que cantaste,
Que deles, e de ti o julgue dino!

Tão docemente a cítara tocaste,
Que os leves passarinhos se caíram,
Enquanto o brando canto modulaste:

Nunca tão sonoras se quebraram
Na praia as ondas, nunca pelas sestas
Tão suaves os ventos respiraram.

E tu Senhor das Tágicas florestas,
A quem o pastoril contentamento
Hoje consagra as inocentes festas;

Enquanto a rude lira fere o vento,
Se humilde verso voa ao teu ouvido,
Os meus humildes versos ouve atento:

Nunca as garras do lobo enfurecido
Sinta o teu gado, nunca te emagreça
De venenosos olhos ofendido:

Tua seara alegre nasça, e cresça,
E no Inverno, ou Verão o novo dia
Rosado para ti sempre amanheça:

Tragam-te da corrente leda, e fria
As Tágides gentis o metal louro,
A tinta, que no múrice se cria;⁶⁶

⁶⁶ O Autor desaprovou os tercetos que se seguem, e com que primeiramente se acabava esse Idílio, por causa da palavra *campanha* que aos inteligentes da Língua pareceu não ter a significação, que aqui se lhe dava. Porém como apesar disto não deixa a Poeta de usar dela, e com razão, em muitos outros lugares dos seus Poemas, não há motivo, por que se deva de todo desprezar a primeira lição.

E soltos pelo colo os tios de ouro,
As Dríades te teçam na montanha
Frescas capelas de virente louro.

Ervas ocultas de virtude estranha,
Que nós outros mortais não conhecemos,
Para ofrecer-te colham na campanha:

E soltos pelo colo os fios de ouro
Nas florestas as Deusas campesinas
C'roas te formem de virente louro:

Ervas de força oculta, ervas divinas,
Que não conhecem rústicos Pastores,

Que nós no teu altar ofereceremos
Da pobre Arcádia pobres guardadores,
Toscos, mas puros dons, quanto podemos:

As brancas lãs de todas as melhores
Os tenros cabritinhos das manadas,
E de nossos cerrados fruta e flores;

As douradas maçãs inda orvalhadas,
As uvas, as cerejas, com as viçosas
Flores do endro cheiroso misturadas:

As cácias, as cecens, as brancas rosas,
Os morangãos, que nascem pela terra;
Para cantar-te, as frutas sonoras.

Tempo virá, se a ideia me não erra,
Em que das sombras, onde o esquecimento
As mais belas acções tirano encerra,

Ao som de mais sonoro alto instrumento
Eu livrarei as tuas, e cantando
Farei que pare a ouvir-me o rijo vento.

Então sublimes versos modulando
Nas ribeiras, que o fresco Tejo lava,
Que não me vença fico o Pastor brando,

Que quando a doce voz ao ar soltava,
O nome de Amarílis soberano
Do claro Míncio às selvas ensinava;
Nem o grande Pastor Siracusano.

Para ofertar-te colham nas campinas:

Que nós de Arcádia pobres guardadores,
No Ménalo frondoso te ergueremos
Uma Estátua c'roada de mil flores:

De cedro por agora a lavraremos,
Mas se forem crescendo nossos gados,
Outra de branco mármore faremos.

Ante ela humildes todos, e prostrados,
Diremos sem cessar os teus louvores,
Dirão teu Nome os vales apartados.

As brancas lãs de todas as melhores,
Os tenros cabritinhos das manadas,
E dos pobres cercados fruta, e flores;

As douradas maçãs inda orvalhadas,
As uvas, as cerejas, com as cheirosas
Salvas, e madressilvas misturadas;

As flores do endro, e cácia, as brancas rosas
Cheios de amor ali te ofereceremos
Ao doce som das frautas sonoras;
Toscós, mas puros dons, quanto podemos.

XIII

Interlocutores: Tirse, Elpino.

As partes de Tirse são de Teotónio Gomes de Carvalho; e as de Elpino, de António Dinis da Cruz e Silva. *Foi recitado na Arcádia em a Conferência de 30 de Setembro de 1758.*

TIRSE

Suspirado Pastor, sejam bem-vindo
Da Arcádia aos campos, campos, que saudosos
Estão da tua amável companhia:
Sejam bem-vindo, porque te asseguro,
Que mais grato não é aos lavradores
O Sol nas eiras, que na Arcádia Elpino.
Tu bem sabes o preço, em que te estimam
Do Ménalo os Pastores, todo o instante
Por ti me perguntavam: estes vales,
Costumados a ouvir teus brandos versos
Nas bocas das belíssimas Serranas,
Aos meus ouvidos tristes ais mandavam,
E lá de quando em quando repetiam:
Elpino aonde está? que faz Elpino?
Sejam bem-vindo; já terão descanso
Estes meus olhos, que daquele outeiro,
Que sobre o claro rio se debruça,
Até agora pendentos estiveram.
Alegre o nosso monte a tua fruta,
Que saudosos de teu suave Canto
Se iam secando já estes pinheiros.

ELPINO

A poderosa força do destino,
Que de vós, me apartou por tanto tempo
Saudoso de vossas doces sombras,
Ó florestas de Arcádia, me deteve.
Mas não presumas tu, amado Tirse,
Que são menos graciosas as ribeiras
Do cristalino Tejo, que as floridas
Margens do nosso Alfeu; também seus montes
Respondem dos rabéis ao som silvestre;
Nem só escuta o Ménalo sombrio
De músico Pastor brandos amores.
Também nelas cantei, também na luta,
C'os mais destros Pastores de seus campos
Arte, e forças provei, e muitas vezes
As serranas me viram (fosse acaso,

Ou destreza aprendida em nossos jogos)
Entre nuvens de pó lançar por terra
O robusto contrário, e satisfeitas
Com capelas de louro me c'roaram.
Poeta me chamavam; mas eu, Tirse,
Crédito lhes não dou, pois bem conheço
Que versos não entoo ainda dignos
De ti, de Coridão, da nossa Arcádia.
Mas em tanto prazer, ó bela Arcádia,⁶⁷
(Por testemunhas chamo as louras Ninfas,
Das incultas florestas) quantas vezes
Saudoso suspirei pelos teus montes!
Porém que mais podia vosso Elpino,
Se não era senhor da liberdade!

TIRSE

Oh ditoso Pastor! que perder foste
A cara liberdade nos amenos
Campos do Tejo, onde vive Aleipe:
Perdoai-me, Hamadriades de Arcádia;
Belas Ninfas do Alfeu, em paz ouvi-me,
E não tendes a mal que aqueles campos
Ante vós eu suspire: oh doces campos!
Enquanto vos amar Alcipe bela,
Sempre férteis sereis, sempre abundantes
De gratos frutos, de mimosas flores.⁶⁸
Mas Elpino, tu preso! que Pastora
Pôde tanto fazer? Não és aquele,
Que tantas vezes (inda, inda o eco triste
De horror, e compaixão a alma me fere)
Fizeste retumbar estas montanhas,
Chamando ímpio Amor, Treseia impia?
Pois como tão depressa te entregaste
Nas mãos do mesmo Amor, que maldizias?
Que tu fosses amado das Pastoras,
Que a tua fruta, que o teu canto ouvissem,

⁶⁷ Variante:

Mas em tanto prazer, as louras Ninfas
Daquelas frescas selvas (a quem chamo
Por fiéis testemunhas) quantas vezes
Me ouviram suspirar pelos teus montes:

⁶⁸ Variante:

E em vez do inútil cardo, e da amargosa
Peçonhenta sardonia, dareis sempre
Louras espigas, saborosos cachos.
Mas Elpino, etc. (*Colecção 1*).

Não era muito, que ele tudo encanta,
Tudo após si suavemente arrasta;
Mas tu preso! quem é que pôde tanto?

ELPINO

A Pastora Licori, inda mais bela⁶⁹
Que a fresca rosa na manhã de Maio,
Com um só volver de olhos descuidados
Mais violento que todos os encantos
Da mágica Simeta⁷⁰, num instante
Foi quem do coração o antigo estado
Mudar me pôde: e já que juntos ambos
Estamos neste bosque, ao som das liras,
Eu da bela Licori, e tu de Alcipe
Ao vento os doces nomes repitamos,

TIRSE

Sim, Pastor, principia: a tua lira,
E o Deus, que já cantou de amor nas selvas,
Doces versos me inspirem, doces versos.

ELPINO

Ó formosa Licori, inda mais branca
Que a branca nata, muito mais corada
Que as coradas maçãs: antes que esprema
Tinto de mosto o rústico Serralvo
No cheiroso lagar as roxas uvas,
Vejam meus olhos teus formosos olhos.

TIRSE

Ó belíssima Alcipe, inda mais bela
Que a estrela da manhã, que o borbulhante
Cristalino reflexo das estrelas,
Antes que o Sol a meus saudosos olhos
Três vezes apareça, e três se esconda,
Meus olhos vejam teu sereno rosto.

ELPINO

⁶⁹ Variante:

Que a estrela da manhã, o Sol d'inverno,

Que a fresca, etc. (*Colecção 1*).

⁷⁰ Simeta é o nome de uma mulher, que Teócrito introduz em um de seus Idílios, fazendo vários encantos para atrair ao mancebo Délfis ao seu Amor. A isto alude Elpino no lugar notado. (Nota do Autor).

Busca a cabra a giesta, o lobo a cabia,
O cheiroso tomilho a loura abelha,
Da frígida ribeira o níveo cisne
As águas vagarosas; mas Elpino
Só da linda Licori os olhos busca.
Cada um vai correndo após seu gosto.

TIRSE

Teme o lobo o rafeiro, a ovelha o lobo,
O ligeiro veado a subtil rede,
E os vãos latidos do sagaz sabujo
O tímido coelho: porém Tirse
Só teme as iras da formosa Alcipe.
O seu estrago cada qual receia.

ELPINO

Outro dia caiu em minhas redes
Um par de pombas branco como a neve;
De entre as ramas corri logo a buscá-lo,
E ao prendê-las lhes disse alvoroçado:
Se meus rústicos dons Licori aceita,
De Licori sereis, aves ditosas.

TIRSE

Ontem ao colo da malhada ovelha,
Do rebanho esperança, a curva ponta
De um cervo pendurei, porque o mau olho
De invejosa Pastora a não ofenda.
Feliz ovelha, pasce a mole relva,
Feliz ovelha, que hás-de ser de Alcipe.

ELPINO

Amo a bela Licori mais que todas
As Pastoras do Tejo, porque alegre
Pelas sestas me busca, e da cabana
Me traz o fresco leite, os frescos queijos,
E de violas, trevos, e madressilva
O malhado pelico me garante.

TIRSE

Que ditas me não jura Alcipe bela!
O ventos, repeti suas palavras!
Amo-a mais que todas, pois chorando
Se apartou de meus olhos, e três vezes
Voltou o rosto atrás, três disse aflita:

Adeus, amado Tirse, adeus, meu Tirse.

ELPINO

Meninos, que colheis pelos silvados
As purpúreas amoras, os murtinhos;
E vós moças gentis, que pelos campos
Andais as várias flores apanhando,
Colhei todos, colhei murtas, e rosas,
E com elas c'roai Licori bela.

TIRSE

Ó Pastores de Arcádia, ó pegureiros,
Que as frescas margens do famoso Tejo
Habitaís felizmente, brandos versos

Em louvor de Pastora branca, e loura,
De sincera afeição, de ânimo liso
Componde, e cantareis da minha Alcipe.

ELPINO

Junto desta ribeira, enquanto aos montes
Teu nome ensino, e o nome teu as grutas
Repetem, ó belíssima Licori,
De lisas canas um cestinho teço;
De flores to hei-de dar, Pastora, cheio,
Porque de inveja estale a má Treseia.

TIRSE

Na fonte dos toureiros, onde Márcia
Por sua mão gravou: Márcia é de Tirse;
Escrevi umas letras, que assim dizem:
Tirse é de Alcipe: porque a ingrata o saiba,
E de raiva não torne mais à fonte,
E lhe morram de sede os seus cordeiros.

ELPINO

Ama Lídia as mosquetas, Firne as rosas,
Os goivos Dinamene, Arminda os lírios;
Mas a minha Licori ama os jacintos,
De hoje em diante onde houver jacintos
Fujam da sua vista envergonhados
As mosquetas, as rosas, goivos, lírios.

TIRSE

Em Dirceia infiel louros cabelos
Ama Ulizo contente, em Márcia Alcido
Os inquietos graciosos olhos:
Mais que Ulizo, e que Alcido eu sou ditoso,
Pois na formosa Aleipe unidos amo
Louros cabelos, graciosos olhos.

ELPINO

Mais áspero, que os ásperos ouriços.
O suave Licori, eu te pareça,
Ou qual da folha o tronco despojado,
Despojado de ti, Ninfa, me veja;
Se não sinto inda mais que a própria morte
Os dias desta ausência rigorosa.

TJRSE

Mais amargo que a amarga tamargueira,
Ó belíssima Alcipe, inda eu te seja,
E inda mais abatido, e desprezado
Que a desprezada, e vil alga marinha,
Se ver teus olhos um pequeno instante
Mais grato me não é que a própria vida.

ELPINO

Não mais, Pastor, não mais, que o Sol descendo
Vai a esconder-se atrás daquela serra,
E o Ménalo por nós há muito aguarda.

TIRSE

Sim, Pastor, já do monte as sombras caiem.

XIV

Idílio: Elpino, e Tirse.

Veja-se a advertência ao Idílio X.

ELPINO

Toma, meu Tirse, toma esta capela,
Que inda agora teci. A crespa murta,
E branca madressilva entretecidas
Com mil boninas de diversas cores,
Oh que suave cheiro dela exalam!
Em suas folhas, qual miúdo aljofre,
Da luz do Sol feridas inda brilham
Do cristalino orvalho as frescas gotas.
Estoutra, que aqui vês, ma deu Alcido,
O velho Alcido, que do manso Lima
As serenas ribeiras fez famosas:
Com elas nos c'roemos, e neste dia,
Que a memória renova do primeiro,
Em que os Zagais do Luso se ajuntaram
Na Arcádia, a restaurar das santas Musas
O puro, e antigo estudo, que outro tempo
Entre eles florecera, e que mudado
Por desgraça dos tempos todo estava,
Ao som das doces frutas decantemos.

TIRSE

Sim, amado Pastor, cantemos ambos
Um dia tão feliz: sua memória
Dos pinheiros à sombra celebremos.

ELPINO

Começa, Tirse, pois que eu te respondo,
Que o canto alternado as Musas amam.

TIRSE

Agrestes Deuses, Deuses protectores
Dos campos, dos rebanhos, e dos frutos,
E que as chuvas mandais às sementeiras:
Tu dos bosques cultor, tu, que de Ceia
Pelas vastas campinas apascentas
Trezentos belos remendados touros:
E tu, ó Pã Tégeo, se não perdeste
Inda ao Ménalo o amor, os Pátrios lares

Deixai todos, deixai, e vinde todos,
Pois eu canto de Arcádia, a dar-me ajuda.

ELPINO

Pois eu canto da Arcádia, a dar-me ajuda
Vem, ó Pastor de Anfrizo, vinde ó Musas!
E deixando as correntes de Permessó,
Na Lira me inspirai um novo canto,
Digno de vós, e digno deste dia:
Mas já de seu favor cheio me sinto;
Ouvi-me, ó Faunos, vós agrestes Ninfas,⁷¹
E tu, Ménalo umbroso, costumado
Das frutas pastoris a ouvir os ecos:
Ah! tu, Nume, me escuta, se te move
De teu florido monte a antiga glória.

TIRSE

De teu florido monte a antiga glória
Neste dia se aumenta, nas montanhas,
Nos vales, e nas selvas soa: Arcádia,
Arcádia as fontes dizem; e se a Baco,
E a Ceres os Pastores fazer usam
Todos os anos novos sacrificios,
Do Ménalo os Pastores te consagram,
O grande Apolo, votos neste dia.

ELPINO

Ó grande Apoio, votos neste dia
Não só te ofertam os Zagais do Ménalo,
Mas da Arcádia todos os Pastores.
Em tomo a teus altares pelos bosques
Com as douradas pontas cem novilhos
A sagrada bipene esperam mansos;
Enquanto em teu louvor os hinos cantam
Os Pastores, que são no canto mestres.

TIRSE

Dos Pastores, que são no canto mestres,
O som mais grato que o murmúrio brando
Do ribeiro entre as pedras, se hoje imito,
De quatro cervos as ramosas pontas,
E de um cerdoso porco a hirsuta testa,
Ó bela irmã do Sol, eu te prometo.

⁷¹ O Autor escreveu: «ouvi-me, agrestes Ninfas».

ELPINO

Ó bela irmã do Sol, eu te prometo,
Se fazes que meus versos hoje vençam
O canto dos mais sábios guardadores,
Um leve corço, (pois que mais não posso)
Que crio de pequeno em meus cercados,
E na rede pintada as aves presas.

TIRSE⁷²

E na rede pintada as aves presas
Não estão mais seguras, do que sempre
Dos Árcades ao som das doces frutas
Pelos ramos estão presos os ventos.

ELPINO

Pelos ramos estão presos os ventos,
As cristalinas fontes não murmuram,
Calam-se as aves, param os ribeiros,
Só por ouvir dos Árcades o Canto.

TIRSE

Só por ouvir dos Árcades o Canto,
Transformou-se em Pastor o louro Febo.

ELPINO

Transformou-se em Pastor o louro Febo,
De entrar na nossa Arcádia cobiçoso.

TIRSE

De entrar na nossa Arcádia cobiçoso
Títiro nova vida aos Deuses roga:
Os Deuses tomam a habitar as selvas,
Cobiçosos de entrar na nossa Arcádia.
O três vezes, e quatro venturosos
Pastores, que guardais o manso gado
A sombra dos pinheiros, que vos ouvem!
Que a fronte por ouvir-vos talvez dobram.
O três vezes, e quatro venturosos,
Pastores, que guardais o manso gado!

ELPINO

⁷² Os doze versos seguintes omitem-se na 3ª Coleção.

Pastores, que guardais o manso gado,
Para quem c'roas mil Apolo tece
De vivaz louro, de cheirosos mirtos;
Em sacrificio às musas neste dia,
Porque cresça da Arcádia o nome, e glória,
Um branco cordeirinho, que inda mame,
Devotos of'recei, e de espumoso
Odorífero vinho duas taças.
Sobre ele derramai, duas de leite,
Porque cresça da Arcádia o nome, e glória.

TIRSE

Porque cresça da Arcádia o nome, e glória,
Saibam as gentes que por estes pinhos
Despreza Vénus as cheirosas murtas,
Alcides o carvalho, Baco as vides.
Febo nos ama, amam-nos as Ninfas;
Deixa Dirceia o namorado Ulizo,
O rústico Selvágio larga o campo.
Ah! c'roai-me, Pastores companheiros.

ELPINO

Ah! c'roai-me, Pastores companheiros,
Pois estes pinheiros com meu Canto folgam;
De nardo me c'roai, porque má língua
Ao Poeta, que cresce, não ofenda.
Ah! se vós me c'roais, Pastores sábios,
Não cederei ao Trácio Orfeu cantando;
Farei que deste dia o nome chegue
Aos ouvidos dos Deuses soberanos.

TIRSE

Aos ouvidos dos Deuses soberanos,
Não voaram jamais cantos tão gratos,
Nem quando a bela Eurídice do Reino
Da escura sombra foi de Lino o filho
Pedir aos Deuses, como o nosso Canto.
Ó feliz dia! dia venturoso!

ELPINO

Ó feliz dia! dia venturoso!
Por quem tomaram as celestes Musas
Habitar nossas selvas: prazer tanto
De flores coroada a Primavera
Não traz aos ermos campos, às searas,
Quanto trazes contigo à nossa Arcádia.

TIRSE

Quanta trazes contigo à nossa Arcádia
Esperança feliz, ó do novo ano
Dia primeiro, não trouxeram nunca
Aos lavradores em o campo as chuvas.

ELPTNO

Aos lavradores em o campo as chuvas,
As abelhas a flor, a fruta às aves,
O rocio à cigana, à relva os rios
Enchem de gosto ao Ménalo este dia.⁷³

TIRSE

Não mais, Pastor, não mais: às saborosas
Correntes do teu Canto põe limite,
Estes pinheiros delas sequiosos
Bastante têm bebido.

ELPINO

Sim, eu deixo
A lira já, que um som mais acordado
Que meu rústico Canto ao longe soa:
Cheguemo-nos, Pastor, para estas sebes,
Para ouvirmos melhor os seus acentos.

⁷³ Variante:

Enchem de gosto aos Árcades as Musas.

TIRSE

Enchem de gosto aos Árcades as Musas,
Como os Árcades as Musas sempre cantam.

ELPINO

Com os Árcades as Musas sempre cantam,
E larga para ouvi-los Pã a flauta.
(*Colecção I*).

Proteu. Idílio Piscatório.

Composto em 1759. Os versos, que vão em Nota, foram omitidos pelo Autor na terceira e última Colecção.

Melanúrio, e Sergálio, Pescadores,
 Ambos de idade igual, ambos famosos
 Pelo Canto marítimo, estendendo
 Da Arrábida na costa pela sesta
 Ao Sol as redes, viram numa lapa,
 Que a fúria do mar bravo ali cavara,
 Na sobranceira roca estar dormindo
 O Cerúleo Proteu, enquanto as Focas
 Os limos prenhes de água ruminavam.
 Há muito que após si ele os trazia
 Pendentes das suaves esperanças
 De um dia lhes cantar uns brandos versos;
 Vendo porém agora tempo idóneo,
 Arremetem com ele, aos quais se ajunta
 A travessa e garrida Cimodoce,
 Cimodoce gentil Ninfa das águas,
 E do barco com as cordas o prenderam.
 Acordou o Pastor, e por fugir-lhes
 Em vão mil traças tenta, em vão mil formas;
 Umas vezes em fogo convertido,
 Sobe ondeando em crepitantes chamas,
 Outras mudado em negro touro ruge,
 Ou de um manchado tigre a pele veste:
 Ora como leão da adusta Líbia
 A encrespada melena sacudindo,
 Açouta as fortes ancas com a cauda,
 E as curvas ganas vibra enfurecido;
 Ora como ribeiro fugitivo
 Por entre as mãos já quase lhe escapa.
 Mas vendo enfim que nada lhe aproveita,
 Começou a cantar. Então verias
 Sossegarem-se as ondas, e das barcas,
 Que iam cortando o mar com vento feito,
 Aferrarem-se ao mastro as curvas veias,
 E como para o ouvir ficar paradas;
 Porque (os acesos olhos retorcendo,
 E escumando) dizia o sábio Vate:
 Depois que o sumo Autor da Natureza
 Os átomos do nada produzira,
 Movimento lhes deu, onde enredados
 Uns com outros, daqui logo formara
 A terra com as plantas guarnecida,

O mar, e de seu centro os moradores,
Os Céus, os Astros fixos, e os errantes,
E os temidos em vão roxos Cometas.
Cantou mais, como sendo centro fixo
O Sol da opaca Terra, o movimento
Com que esta pelo vão espaço roda,
Os seus raios cercando, representa
Aos olhos dos mortais, que ele se mova.
E logo porque sendo as águas doces,
De Anfitriote gentil nos verdes campos
Amargosas se tomam aos que as gostam:
E como pelo Sol arrebatado
O mar ferva, se empole, e aos Céus se eleve;
Mas pela oposta força reprimido,
Sobre as praias descaia, onde roncando
Umhas vezes se estende, outras se enrola;
E porque o ar subtil sendo agitado,
Ora bramando em furacões terríveis
Revolva o crespo mar em altas serras,
Ora soprando com sussurro brando,
As curvas praias leve as curvas barcas,
Que o mar de opostos rumos vem rompendo,
Cantou mais, como tendo menos peso
Que igual volume de água as leves quilhas,
Sobre as ondas azuis correm boiantes;
E também como os peixes nadadores,
Nas pequenas bexigas comprimindo,
Ou dilatando o ar, que nelas guardam,
Ou já sobem velozes pelas águas
A devorar as mentirosas iscas,
Que nos curvos anzóis das canas pendem,
Ou já tremendo descem a esconder-se
Nas frias lapas do profundo pego.
Após isto cantou como se gera
Nas lisas conchas o miúdo aljôfar;
E como sendo mole e verde planta
Nas ondas o coral, saindo delas
Em vermelho se muda, e se endurece:
E porque na orvalhosa oposta nuvem,
Quebrando o Sol o raio luminoso,
O arco nos figura, onde pintadas
Brilham as sete cores, que o esmaltam;
E das conchas o seio se nos mostra⁷⁴
Ora roxo, ora azul, ora amarelo.
Cantou também da pedra portentosa,
Que sendo pelos átomos movida;
Busca no frio Poio as duas Ursas:

⁷⁴ Isto sucede especialmente nas Conchas, a que os nossos Naturalistas chamam casca de cebola.
(Nota do Autor).

A isto acrescentou, como roçados
Os dourados alambres de si lançam
Uns viscosos eflúvios, que dispersos,
E pelo ar, que os rodeia, rechaçados,
Os tomam a buscar como seu centro
Com as palhas, que encontram no caminho.
E logo referiu, como seguindo
Pelas praias de Tiro a Ninfa bela
O namorado Alcides, descobrira
Por acaso do múrice na casca
A púrpura, que os Reais Mantos guarnece.
A estas coisas ajunta, como arando
Ousado o grande Gama o mar soberbo,
O feio Adamastor lhe aparecera;
E também o Mancebo glorioso,
Feliz Sebastião, se nunca vira
Da bárbara Ceguer o triste campo.
Aqui a voz um pouco levantando,
De outro grande Varão as acções canta,
Que de espanto encheram toda a terra.
Virá, dizia, ó Lísia, o feliz tempo,
Em que hás-de levantar tanto a cabeça,
Que chegues a tocar com ela as nuvens.
Lograrás tanta dita, quando pronto
Sobre ti vigiar o grande zelo
Do famoso Carvalho, cujo nome,
(Proteu dizia) cujo grande nome
De assombro me enche o peito, e de alegria;
Este ainda mancebo pelas Musas
Foi de Permesse à fonte conduzido;
Onde Febo de ouvi-lo namorado,
Para adornar-lhe a fronte majestosa
Da cabeça tirou o próprio louro;
Mas depois aumentando os doces anos,
Do Tamisa verá as frias margens,
E do grande Danúbio os largos gelos:
Ali deixando eterna a sua fama,
A Pátria volverá cheio de glória;
Onde o grande Senhor de vossos mares
Nos ombros lhe porá mui grande parte
Do peso, que nos seus se sustentava.
Então há-de mostrar o Herói famoso,
Quanta virtude o grande peito encerra,
Perseguindo a cobiça, dando amparo
Ao são merecimento maltratado,
Oprimindo a maldade inda nascendo:
Então há-de crescer a pescaria,
E nas vossas ferver seguras praias
O marítimo povo, que contente
Nas grossas Naus de drogas carregadas

Passará desfraldando o ousado pano
A buscar noutros mares, e noutros climas
As que avara lhe nega a Natureza.
Então lançareis vós as grandes redes
Sem temor de Cossaios no mar alto,
E dentre a solta areia sem fadiga
Colhereis o metal, que o Tejo leva.
Assim cantava, quando já nas ondas
O dourado Planeta se banhava:
Desataram-no então os Pescadores,
E foram-se a colher as negras redes.

XVI

Interlocutores: Telgon, e Palemo, Pescadores; Elpino, e Siveno, Pastores.

As partes de Telgon, e de Palemo são de Teotónio Gomes de Carvalho, e de Feliciano Alves da Costa. As de Elpino, e Siveno são de António Dinis da Cruz e Silva, e de Silvestre Gomes de Aguiar. *Este idílio foi recitado na Conferência pública, que a Arcádia celebrou em Outubro de 1759 na Sala da Junta do Comércio, então sita na Cotovia, por ocasião de o Senhor Rei D. José I haver criado Conde de Oeiras ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Sebastião José de Carvalho e Melo.*

Os Quartetos impressos em Nota são tirados das primeiras Colecções.

TELGON

A fria sombra da patente faia
Deixa, simples Pastor, olha quão brando
Fresco Zéfiro cai, e está soprando
Por entre as rochas desta amena praia.

Aqui sombra terás neste penedo,
Que pouco a pouco as ondas têm cavado;
Aqui podes comigo recostado
Cantando, o mar fazer sereno, e ledó.

Se amas o monte, porque te recreia
A vista das mimosas lindas flores;
Aqui conchas prateadas de mil cores
Não menos graça dão à branca areia.

As fontes, que por entre altos rochedos
Se despenham, não são mais deleitosas
Do que as ondas, que em gotas espumosas
Se quebram sobre os côncavos penedos.

Aqui Ninfas terás, aqui Diopeia
Mais branca do que a lua, e mais corada
Que os vermelhos corais: tens a adorada
De Polifemo loura Galateia:

Outras muitas, que a longa rede enchendo
Te estão no fundo mar; outras, que abrigo
Te dêem ao leve barco, e do perigo
Das ondas, e do vento o vão sustendo.

Se te agrada o som brando dos Pastores,
Que os troncos movem com as suas mágoas,
Também suspendem as furiosas águas

As cantigas dos lassos Pescadores.

Ouvirás Alicuto noite, e dia
Ao som da lira às ondas ensinando
O nome a repetir suave, e brando
Da sua perigosa Lemnoria.

Quantas vezes ouvindo seus extremos,
Os Pescadores deste mar salgado
Nas barcas suspendidos têm deixado
Das calejadas mãos cair os remos!

Debaixo desta lapa, que de limos,
E de pardos cangrejos vês coberta,
Enquanto a Ninfa as redes lhe concerta,
Que suavíssimos Cantos não lhe ouvimos!

Ah! vem, Pastor, no entanto lançaremos
Os chinchorros no mar; de vir não deixes,
Que passando em cardume vejo os peixes:
Oh! se não vens, que lanço que perdemos!

SIVENO

Guarda, rústico Telgon, guarda o lanço,
A outro avaro Pescador o ofrece,
Que as fortunas do mar não apetece
Quem vive das florestas no descanso.

Se a inconstância das ondas cristalinas
Tens por habitação doce, e gostosa,
Eu por ela não troco a deliciosa
E quieta frescura das campinas.

O brando murmurar das graciosas
Ribeiras, que estes vales vão talhando,
Não fazem aos ouvidos som mais brando
Do que o quebrar das ondas furiosas?

A madressilva, e mais ervas do mato,
Que cercam dos Pastores as cabanas,
Do que as húmidas verdes espadanas
Não têm vista melhor, cheiro mais grato?

Eu nada espero para ir levando
O gado a qualquer hora à fonte fria,
Como tu para a incerta pescaria
Esperas por maré, por vento brando.

Se há no mar de Nereu as filhas belas

Diopeia mais que a Lua cristalina,
Vive nos campos a gentil Carina,
Carina mais formosa que as Estrelas.

Ela a guardar me ajuda o manso gado,
Que pelos vales côncavos se estende,
Com os rafeiros do lobo mo defende,
E com os olhos seus do mau olhado.

Se gabas de Alicuto o Canto brando
Com que prende a formosa Lemnoria,
Cá os lobos amansa à sombra fria
Aónio a ingrata Lília celebrando.

Deixa as redes, a barca, deixa os remos,
Verás quanto do campo a vida é grata;
Vem à minha cabana, terás nata,
De leite um grande tarro beberemos.

PALEMO

Onde, Telgon, estás? Como ao descanso
Contra o costume teu assim te entregas?
Deixas em seco a barca, em que navegas:
Quando pretendes ir deitar o lanço?

Olha o mar como está quieto, e brando,
E o Zéfiro soprando lentamente,
Para o barco levarmos, docemente
Com seu sussurro nos está chamando.

Não escutas por essa penedia,
Que tão suaves sombras aqui lança
Os leves maçaricos, que bonança
Nos seguram com sua melodia?

Pois que fazes na praia recostado,
O tempo em vãs disputas entretendo!
As redes vai na barca recolhendo,
E tu, rude Pastor, volve ao teu gado.

ELPINO

Ó dia de prazer, de imenso gozo!
E como poderão rudes Pastores
Dignamente cantar os teus louvores,
Ó dia de prazer, de imenso gozo!

Tudo inspirando está contentamento,
Uma fonte risonha ali murmura;

Aqui movendo os ramos da espessura,
Que aprazível sussurro faz o vento!

Parece que também no mar se sente
O prazer, que derrama tão bom dia:
Como estanhado está! Com que alegria
Saltam os peixes fora da corrente!

Venturoso Pastor, por quem se esmalta
Toda a miúda relva de mil cores,
Por quem enxovalhando as tenras flores,
Sem temor pelo pasto o gado salta:

Cresça teu Nome, e tanto, e tanto soe
Das nossas rudes frautas descantado,
Que nas asas do Zéfiro levado
Aos ouvidos dos altos Deuses voe.

Nunca a teus frutos a geadas empeça,
Hórridos ventos, chuvas caudalosas;
De nevados jasmíns, vermelhas rosas
Sempre abundante o campo teu floreça.

As douradas abelhas sussurrando
Por entre as flores, o sereno vento
As folhas encrespando com som lento,
Estém sempre os teus sonos convidando.

O liso tronco deste verde louro
Deixarei ao teu Nome consagrado:
Venturoso Pastor, inda entalhado
Em jaspe o espero ver com letras de ouro.

Venturoso Pastor, que à nossa idade
És da antiga inocência exemplo claro:
Tu, que às Musas de Arcádia dás amparo,
O voto aceita de uma sã vontade.

Se meu pequeno campo enriquecera
O ouro, que entre a areia o Tejo espraia,
Por esta graciosa, e leda praia
De ouro uma estátua em teu louvor erguera.

Suavíssimo Siveno, e vós do undoso
Serenos pegos destes Pescadores,
Colhei ruivas conchinhas, colhei flores;
Ornai com elas troncos tão ditosos.

Cresce, planta feliz, dos Céus amada,
Com o Nome imortal aos Astros chega;

E nos campos serás, que o Tejo rega,
De Ninfas, e Pastores adorada.

Nunca Pastor conduza pela sesta
À tua sombra o gado petulante
Nunca desfolhe o vento sibilante
Teus ramos, quando brama na floresta.

Aqui, soltas ao vento as louras tranças,
As Ninfas das florestas, e dos montes,
Dos verdes troncos, das risonhas fontes
Formem lá na alta noite alegres danças.

SIVENO

Que Pastor louvas? que ditoso dia
Tanto engrandeces? dize, Elpino amigo.
Pois também quero festejar contigo
Tão imenso prazer, tanta alegria.

ELPINO

Ó Pastor! quanta glória nos espera!
Toma a sã inocência entre os Pastores,
Toma a abundância, toma de mil flores
C'roada uma contínua Primavera.

Mas já rompendo vem os brandos ventos
O Coro pastoril, o que pretendes
Melhor dele ouvirás, se acaso entendes
Os mistérios, que envolvem seus acentos.

CORO

As nossas frautas
Acostumadas
As namoradas
Queixas de Amor,
Soar não se ouçam
Em tão bom dia
Mais que alegria,
Mais que louvor.

PRIMEIRA VOZ

Do mais sábio Pastor,
Que verdes campos 'té hoje tem pisado,
A cantar os louvores
Este dia feliz é destinado.
Oh! e como serenas

Correm as claras fontes,
E das mais belas engraçadas flores
Estão cheios os montes,
E entre as folhas das árvores o vento
Ficou sem movimento!

SEGUNDA VOZ

Os leves passarinhos,
Pendurados dos rústicos raminhos,
Jamais a luz da Aurora festejaram
Com tão doce harmonia
Como festejam tão ditoso dia.

PRIMEIRA VOZ

A Deusa das searas,
Que vigia sobre elas cuidadosa
Em tão alegre dia,
O rústico exercício desprezando,
Não há lírio no prado, não há rosa
Que não ande colhendo,
Para adornar a merecida c'roa
Deste Pastor glorioso,
Que o Tejo mais que o Tibre fez famoso.

SEGUNDA VOZ

Em que dia se viu nos nossos montes
O semicapro Deus todo c'roado
Das ervas mais cheirosas,
Que regam claras fontes;
A cornígera fronte semeada
Das mais viçosas flores,
Ao som das sete canas harmoniosas,
Não entoando queixas amorosas,
Mas cantando os louvores
Do mais sábio Pastor entre os Pastores,

AMBAS

Ó dia mais feliz, mais desejado
De quantos tem trazido o Sol dourado!

PRIMEIRA VOZ

As verdes Napeias
Com prazer, e amor
A glória celebram
Do nosso Pastor.

SEGUNDA VOZ

Os Sátiros deixam
As Ninfas fugir.
E Diana as feras
Já não quer seguir.

AMBAS

Oh que maravilha
O Céu nos mostrou!
Oh que alegria
O Céu nos causou!
Não se acabe um dia,
Que há tanto pedimos,
Um dia, em que vimos,
Que o Pastor mais sábio
Astreia c'rouu.

TELGON

Não dão mais gosto aos lassos Pescadores
No perigo da horrenda tempestade
Dos Alcíones a branda suavidade,
Do que aos ouvidos meus estes Pastores:

Para ouvi-los as ondas sossegadas
Tem Neptuno; não bate Eolo as velas,
E de Dons gentil as Ninfas belas
Dos barcos sobre a proa estão sentadas.

Atónitos os peixes andam, ora
Buscando a praia, ora a lapa fria,
E os delfins atraídos da harmonia
Com as douradas cabeças da água fora.

Mas que Pastor é este, entre os Pastores
De tanta glória, nome tão famoso,
Não conhecido no alto pego undoso
De nossos velhos sábios Pescadores?

ELPINO

Rústico Pescador, como é possível
Que a teus ouvidos não chegasse o brado
Do nome de um Pastor tão decantado
Do Tejo pela margem aprazível?

Dum Pastor, que entre nós é o primeiro,

E tanto sobre os mais levanta a fronte,
Quanto sobre os arbustos deste monte
Levanta a aguda rama esse pinheiro.

De um tão grande Pastor, por quem o fado
Tomou a nossos campos o sossego,
Por quem lanças as redes no alto pego,
Por quem guardo no monte o manso gado.

Ele a preguiça vil de nós desterra,⁷⁵
E a indústria agasalhando, a pescaria
Faz crescer entre vós de dia em dia,
E entre nós os rebanhos pela serra.

Por ele pescam lá no fundo rio
O aljôfar fino as Tágides formosas;
Por ele dentre a areia cuidadosas
Tiram cantando o precioso fio.

Mil vezes visto as têm nossos Pastores,
Quando à veia do Tejo mansa, e fria
Levam os gados seus ao meio dia,
C'uma concha escrever os seus louvores

E tu, que no alto mar foste criado,
E de sempre lançar as redes nele
E as mãos endurecida tens a pele,
Rouca a voz, e o cabelo emaranhado;

Inda do Nome seu estás incerto?
Ah pobre Telgon, Pescador grosseiro!
Volta os olhos, contempla esse loureiro,
Nele o verás por minha foice aberto.

TELGON

«Árvore sou a Alcestes consagrada.»

⁷⁵ Variante:

Ele a vil ambição de nós desterra,
Faz gastar os arados na lavoura,
As espigas por ele Ceres doura,
Guarda Pales o gado peta serra.

Por ele não veremos cada dia
Alheio gado entrar nossos pascigos,
Nossos só hão-de ser os nossos trigos,
E vossa será só a pescaria.

Ao grande Alcestes! Árvore ditosa!
Sempre te veja eu verde, e frondosa,
E nunca de voraz raio crestada.

PALEMO

Ao grande Alcestes! Árvore ditosa!
Nunca profana mão te corte a rama,
Em ti cresça o seu Nome, e a sua fama,
E do tempo apesar dure gloriosa.

TELGON

Ó grande Alcestes, nosso amor, e abrigo!
Por quem redes, e barco no mar tenho;
Por quem, sem recear contrário lenho,
Pelas ondas azuis os peixes sigo.

PALEMO

Ó grande Alcestes, nossa segurança!
Por quem as velas largo, empunho os remos,
Por quem a rica púrpura colhemos
Nos crespos búzios, quando está bonança.

TELGON

Teu Nome escrevi já na branca areia;
De conchinhas azuis, brancas, douradas
As novas letras todas são formadas:
De longe ao vê-lo o mar a fúria enfreia.

PALEMO

Mas eu em grandes letras entalhado
Na alta ponta o deixei desse rochedo,
Porque ao passar as barcas, com o dedo
Seja dos navegantes apontado.

TELGON

Porque me faltam as riquezas, e arte,
Coroas de ouro fino te não teço;
Amas os versos, versos te ofereço,
Que é o quanto o pobre Telgon pode dar-te.

PALEMO

Nem versos, nem riquezas ofertar-te
Pode Palemo, Pescador do Tejo;

Mas se algum preço tem o bom desejo,
Te ofereço o bom desejo de cantar-te.

TELGON

Sereno Pescador, que do Oriente
Veio lançar aqui o seu tresmalho,
De vermelho coral me deu um galho;
Para Alcestes o guardo reverente.

PALEMO

De dourados alambres tenho um fio,
Eu cantando o ganhei ao destro Alcano;
A ti o oferta, Alcestes soberano,
O Pescador mais pobre deste rio.

TELGON

Enquanto deste peço os nadadores
Do fundo as frias lapas habitarem,
E pela areia as ondas se quebrarem,
Cantarei noite, e dia os teus louvores.

PALEMO

Cessará de nadar no mar o peixe,
Cessarão de nascer na terra as flores,
Primeiro do que cessem teus louvores,
E de ouvir-se entre nós teu Nome deixe.

TELGON

Mas que doce harmonia rompe os ares!
Que suaves, que doces seus acentos!
Os ecos dos sonoros instrumentos
As Ninfas tomam dos profundos mares.

CORO DE PESCADORES

Cantemos, cantemos
Com doce harmonia;
E em tão feliz dia
Suaves acentos
Suspendam os ventos,
Enfreiem o mar.
Nunca tão formoso
Raios espalhando
O Sol luminoso,
As ondas dourando,

Dos braços de Tétis
Se viu levantar.

Mas qual novo portento, qual glorioso,
O do pélago undoso habitadores,
Nume supremo neste fausto dia
Move tanta alegria!
E ao grato som das cítaras sonoras,
Dos sábios Pescadores,
Que entoam seus louvores,
Os musgosos côncavos rochedos
Toma amenos, e ledos;
Faz soar com suavíssimos acentos,
Serena as ondas, e suspende os ventos.

Jamais tão ameno
O Zéfiro brando
Copou branca vela,
Jamais tão sereno
Sobre a praia bela,
O mar encrespando,
As ondas quebrou.
Tudo são portentos
Nas ondas, nos ventos;
Quem tantos prodígios,
O Céus, nos causou!

Mas já sinto, já sinto
O gado de Proteu todo assustar-se,
Tremor o fundo pego, e em crespos montes
De transparente escuma levantar-se,
Tocar os horizontes; vejo, vejo
(Oh grande maravilha!) precedida
De Cerúleos Tritões, que os retorcidos
Côncavos búzios rijamente assopram,
Numa concha prateada,
De gotas cristalinas salpicada,
A sacra Tétis, de Neptuno esposa,
Tão gentil, tão formosa,
De vermelhos corais cingida a fronte,
A fronte cristalina,
Qual já viram na húmida campina
Os mudos nadadores
A Deusa dos Amores.
Já todo o mar se abranda,
Já doces cantos todo o ar povoam;
E o Coro das suavíssimas Sereias
Dentre as plácidas ondas se levanta,
E do Tejo famoso a glória canta.

CORO

Ó do famoso
Tejo ditoso
Habitação!

PRIMEIRA VOZ

Enquanto Alcestes
Tuas ribeiras
Pisar gostoso,
Sempre as primeiras
Do pego undoso
Se chamarão.

SEGUNDA VOZ

As louras conchas,
Com que te arreias,
Tuas douradas
Ricas areias,
Sempre invejadas
Das mais serão.

SIVENO

Que doce o Canto foi dos Pescadores!
Que eles tão bem cantassem eu não cria:
Ah caro Elpino! a sua melodia
Fazer inveja pode a nós Pastores.
No silêncio da noite sossegado
O temo rouxinol tão docemente
A dor não canta, que no peito sente,
Da inocente consorte separado.

CORO

Evoé, Evoé

SIVENO

Mas que estranho rumor ferindo os ares,
Entre nuvens de pó dessa montanha
Levantando-se vai? que voz estranha
Faz soar esta praia, e estes mares?

CORO

Evoé, Evoé.

PALEMO

É verdade, Pastor, lá vem saindo
Dentre os ramos o Coro das Bacantes:
Olha, Telgon, os Sátiros saltantes
Com frondosos tirsos vêm brandindo!⁷⁶

TELGON

Olha o velho Sileno como inchadas,
E vermelhas as veias traz do rosto:
Roxos os beiços tem de negro mosto,
As brancas barbas traz enlambuzadas.

Nas ancas do jumento pendurado
Vem o tinto quartão, de quando em quando
C'os balanços o vinho derramando,
Da boca no lugar muito safado.

Sobre as crinas de peitos já caindo.
Do jumento se agarra nas orelhas;
Arqueia bocejando as sobrancelhas,
De assim vê-lo as Bacantes se vêm rindo.⁷⁷

ELPINO

Que me dizes do Nume dos Pastores!
Atenta como vem todo embrulhado
Numa pele de touro remendado,
Como as pontas ornadas traz de flores!

Com os ligeiros saltos sacudindo
A pesada cabeça, os grandes molhos
Sobre os pequenos mal abertos olhos
Das cebolas cecéns lhe estão caindo.

⁷⁶ Variante:

Olha o carro de parras enramado,
Que os mosqueados tigres vêm trazendo,
Olha o Padre Leneu, que vem bebendo
Sobre uma cheia pipa escarranchado.

⁷⁷ Variante:

SIVENO

É verdade as Bacantes desgrenhadas
Por um lado, e por outro o vêm cercando,
Em altas vozes, Evoé, gritando,
Todas de fresco sangue salpicadas.

Manchado das amoras o focinho
O tirso vibra já cambaleando;
E com trémula mão de quando em quando
Aos beijos chega um canjirão de vinho.

Vede como pulando fere a terra
Ao rijo som dos Crótalos soantes:
Tem-te, rústico Deus! tende-o Bacantes!
Ai que de costas cai na dura cena!

Ei-lo em pé se levanta, e furibundo
Os assanhados olhos a nós vira:
Ah! fuja o Pastor, da sua ira;
Fuja o, que o nariz tem rubicundo.⁷⁸

CORO DE SÁTIROS

Evoé.
Viva o Pastor,
Que destes Campos
A glória é.
Viva, viva. Evoé.

PRIMEIRA VOZ

Neste copo cristalino
Desse vinho purpurino
Fumante, espumante,
E brilhante
Lança, amigo, lança, lança:
Ei-lo vai cá para a pança
A saúde do Pastor,
Que destes Campos a glória é.

TODOS

Viva, viva. Evoé.

SEGUNDA VOZ

Que alegria
Neste dia
Entre nós Brómio derrama!
Desse vinho, que me inflama,
Desse vinho lá do Douro

⁷⁸ Esta Bacanal na maior parte foi composta por Tirse, e Elpino, mas nela se acham também alguns versos de Feliciano Alves, excepto na recitado *Santo Padre Leneu*, que é todo do sobredito Elpino. (Nota do Autor).

Brilhataço, tinto, e louro
Lança, amigo, neste vaso.
Já, já me abraso,
E dou louvor
Ao grão Pastor,
Que destes Campos a glória é.

TODOS

Viva, viva. Evoé.

TERCEIRA VOZ

Santo Padre Leneu, que as roxas uvas
Da cornígera fronte tens pendente,
Que às cepas mandas o subtil orvalho;
Porque possa cantar suavemente
Do famoso Carvalho,
Se o teu espírito ignífero
Furor Ditirambífero
Influir no meu peito,
Santo Padre Leneu, eu te prometo
Banhar as tuas aras no fumante
Quente sangue do Capro petulante
Que em tuas santas vides cruelmente
Roaz imprime o venenoso dente.
Lança aqui
Desse líquido rubi:
Toca, e bebe.

PRIMEIRA VOZ

Toco sim.

CORO

Tim, tim.

SEGUNDA VOZ

Lança o resto, lança, lança:
Vá de festa, vá de dança,
Toca o tímpano, su, su,
A ti digo, toca tu,
Que eu cá faço um balancé.

CORO

Evoé.

TERCEIRA VOZ

Este vinho mais superno
Que o Falerno,
Vai à saúde
Do grão Pastor,
Que destes campos
A glória é.

CORO

Vá à saúde
Do grão Pastor,
Que destes campos
A glória é.
Viva, viva, Evoé.

XVII

Antoméia. Idílio.

Anfrizo

Recitado na Arcádia em o Ajuntamento de 13 de Maio de 1764.

Nas frescas margens do Sever frondoso
Amava Anfrizo a Clóri, o temo Anfrizo,
De um pequeno jardim cultor gracioso.

Pela Ninfa perdido tinha o siso,
Pela Ninfa deixava sem cultura
O roxo goivo, o cândido narciso.

Numa manhã de Maio fresca, e pura,
Quando a rosada Aurora aparecia
Orvalhando dos campos a verdura,

Num denso bosque o triste se metia;
Onde às flores da Ninfa rigorosa
Estas queixas porém em vão fazia:

ANFRIZO

Ó Clóri branca, e loura, mais formosa
Que as tulipas do orvalho borrifadas
Ao raiar da manhã fresca, e saudosa;

Para quem nas serenas madrugadas
Colho os brancos jasmíns, as açucenas,
Com a cheirosa salva misturadas:

Quando fim hão-de ter as minhas penas?
Com minha morte? Sim, a triste vida
Contente perderei, pois tu o ordenas.

Em meu peito abrirei mortal ferida,
Cevar-te-ás em meu sangue, cruel fera,
Nas entranhas do Cáucaso nascida.

Não bem contava a nona Primavera,
Quando vi tuas graças peregrinas,
Quisera o Céu que a vista antes perdera!

Vinhas tu com Liseta inda meninas,
Por sinal que era eu quem vos guiava,
Colher deste vergel as flores finas:

Então de prazer cheio eu te apanhava
As rosas mais gentis, mais frescos lírios,
Com que as douradas tranças te enastrava:

Desde então começaram meus martírios,
Desde então em meu peito provo a chama,
Tirana ocasião de meus delírios.

Ó Ninfa ingrata, a quem deveras te ama,
Como vês sem piedade o triste pranto,
Que o triste Anfrizo por ti derrama!

Como podes esquecer-te, Clóri, tanto
Aquele tempo, tempo venturoso,
De nosso doce amor tão puro, e santo!

Quando apenas o raio duvidoso
Da Aurora no horizonte reluzia,
Buscava o teu casal cheio de gozo;

E juntos em alegre companhia,
Saíamos ao campo, e em doce festa,
Sem o sentir, passávamos o dia,

Ora as frutas colhendo da floresta,
Ora os ninhos aos pássaros furtando,
Ora à sombra cantando pela sesta.

Que vezes de entre os trigos apanhando
O branco malmequer, o desfolhava,
Saber se me eras firme procurando;

E se entre as folhas encontrava
O presságio cruel de teus rigores,
E c'o susto do rosto a cor mudava;

Me dizias então com mil amores:
Se alguma coisa, Anfrizo, te mereço,
Crê ao meu coração, e não às flores.

Pois como tanto, ó Clóri, hoje te esqueço,
Que sem de mim curar só te desvela
Seguir as feras pelo mato espesso?

Quanto melhor me fora amar Florela!
Posto que o cego amor ma não figura,
Nem como tu airosa, nem tão bela.

Ela com mil extremos me procura,

Mil promessas me faz, mil dons me envia,
E que neles me manda a alma jura.

Ela nunca de mim se apartaria,
Ela a regar as flores me ajudara
Na serena manhã, na tarde fria;

Ou quando a crespa murta eu tosquiara,
Com os leves passarinhos competindo,
Que cantigas de amor me não cantara!

E tu de meus extremos te estás rindo;
Nem as queixas escutas desdenhosa,
Que por ti estou sempre repetindo.

Porquê, cruel, porquê? porque és formosa?
Quem mais bela nasceu, mais engraçada,
Que na manhã de Abril vermelha rosa?

Pois olha quão depressa desfolhada
Tão diferente está do que antes era,
Que de todos a triste é desprezada.

Já o Inverno passou, e a Primavera
Vem de flores coroada salpicando
De miúdos jasmims a torcida hera;

Os Zéfiros suaves maneando
As marchetadas penas, subtilmente
Por entre a verde murta andam voando.

Ah bela Caçadora! e quão contente
Passara as horas, se quisera o Fado
Que eu te tivesse agora aqui presente!

Quão satisfeito então de meu estado,
Este ameno jardim cultivaria,
Livre de qualquer outro vão cuidado!

Então no fácil buxo eu cortaria
Mil histórias de amor, e mil figuras,
Que por vivas as cresce a fantasia.

Então despenhar-se-iam das alturas
De vistosas cascatas, os ouvidos
C'o murmúrio alegrando, as águas puras:

Os ifes com os sicómoros floridos
De fresca sombra as mas cobririam,
Uns com outros então entretecidos:

Às nuvens em pirâmide iriam
Os ciprestes; a anémoma, o jacinto,
O rainúnculo a terra alastrariam.

Clóri falsa, por quem morrer me sinto,
Vem ver-me, e verás logo executado
Tudo quanto vãmente aqui te pinto.

Não te envergonhe, não, meu pobre estado,
Que eu tão rude não sou, nem tão grosseiro,
Que das Ninfas não seja procurado.

Inda que humilde, e pobre jardineiro,
Toco a lira que o temo Orfeu saudoso
Nas margens do Estrímon tocou primeiro.

Com ela o bom Cantor pôde extremoso
Mover o monte, a selva circunstante,
Parar no curso o rio caudaloso.

Mas ai triste! que monta! se bastante
A mover-te não é, Ninfa mais dura,
Que dura rocha, ou rígido diamante.

Ah! volve, Clóri, a um triste sem ventura,
Que suspira por ti, arde, e desmaia,
Que eterna fé, eterno amor te jura.

Agora que no Oriente a Aurora raia,
Vem, Ninfa, colheremos as boninas,
Antes que a prumo o Sol sobre elas caia.

Aqui há lagos de águas cristalinas,
Onde nadam mil cisnes, e cantando
Saltam dos ramos aves peregrinas.

Há fontes de registro, que cruzando
O ar com seus cristais, as várias flores
Vão em subtis ribeiros borrifando.

Há bosques de hera, e murta, onde os Amores
A sesta vêm passar à sombra fria,
Depostos os cruentos passadores.

Ah vem, antes que vá crescendo o dia,
E o Sol o rosto teu tome trigueiro,
Que à neve faz perder toda a valia.

Aqui debaixo deste jasmineiro,

Que soprado do Zéfiro derrama
De jasmims sobre as murtas um chuvaire;

Onde à sombra de sua fresca rama
Já repousando estive em teu regaço
(Se é que repouso pode ter quem ama)

Poderás esperar um curto espaço:
Entanto que das flores mais graciosas
Um lindo ramalhete aqui te faço:

Nele os goivos porei, as brancas rosas,
O azar, pois tantos sofro a teu respeito,
As cecens, as angélicas cheirosas:

Entre elas meterei o amor perfeito,
De tão diversas cores esmaltado,
Por sinal do que trago no meu peito.

Vem pois, que amor te chama onde te brado,
Deixa a montanha menos que ti dura,
Mova-te a compaixão meu pobre estado.

Que prazer achas, dize, que doçura
Em seguir ao raiar a roxa Aurora
O cervo voador pela espessura?

Olha que inda no mato a fera mora,
Que deu ao belo Adónis morte feia;
Inda a formosa Vénus, inda o chora.

Deixava o moço insano Citereia
Envolta em mil suspiros, e assustada
Dos perigos, que em vão não arreceia;

Só por seguir na selva emaranhada
A temerosa corça, que se embrenha,
Dos alípedes galgos acossada.⁷⁹

Onde, ó Adónis, onde te despenha
Esse cego furor! Onde te guia,
Sem que o doce amor nosso te detenha?

Deixas, tirano, a minha companhia
Pelas feras, que buscas: quanto temo

⁷⁹ Não se pode duvidar que as palavras compostas enriquecem, e adornam muito bem um idioma; e que a palavra *alípede*, introduzida aqui por Elpino, explica admiravelmente a ligeireza dos galgos: poderá parecer a alguns que não convém à simplicidade de um Idílio, porém devem reparar que ela se pôs na boca de Vénus; e se ainda assim não ficarem contentes, leiam em seu lugar *pressentidos*, ou *açodados*. (Nota do Autor).

Que elas castiguem tanta tirania!

Oh que só em pensá-lo suo, e tremo!
Assim Vénus lhe diz, assim bradava,
Mas em vão se cansava o seu extremo:

Que seu pranto o cruel não escutava,
E em seus feros desejos embebido,
Na selva cada vez mais se emboscava.

Quando ao encontro dos lebreus seguido,
Lhe sai das moitas javali furioso,
Que nele emprega o dente retorcido.

Por terra cai o moço desditoso,
Regando com seu sangue as tenras flores,
As alvas mãos, o rosto tão mimoso:

Em vão acodem Vénus, e os Amores,
Que já seus belos olhos têm cerrado
Da noite eterna os fúnebres horrores.

Este caso fatal, e desastrado
ÇO Céu queira que em vão eu não o conte)
Ódio te faça ao mato levantado.

Deixa, Ninfa formosa, deixa o monte,
Volve a este vergel, no qual há tanto
De meus olhos por ti mana uma fonte.

Aqui purpúreas rosas, amaranto
Para ti vão as Náíades colhendo,
Da Aurora rociadas com o pranto:

Uma o branco regaço está enchendo
De jasmins; para ornar-te a loura trança,
Outra um longo colar anda tecendo:

Mas que alegre, que súbita mudança
Vejo nas flores, vejo na verdura!
Sim, ressuscita Amor minha esperança.

Entre as ramas o Zéfiro murmura
Mais suave, regando as tenras flores
Mais risonha discorre a fonte pura.

Sim, é Clóri que chega, os passadores
Na aljava soam, entre as tamargueiras
Cercada vem dos galgos voadores.

Os ramos apartai, plantas ligeiras,
Deixai passar meu bem, que alegre chega,
Deixai passar, meu bem, plantas grosseiras

Ah doido Anfrizo, tanto Amor te cega!
O cego Amor, que entregue a vãs quimeras
Deixas as tuas flores sem a rega.

Pelo monte a tirana agora as feras,
Sem de ti se lembrar, persegue airosa,
E tu, que a ver-te venha ainda esperas!

Deixa esperança já tão enganosa,
E busca para emprego a teus amores
Ninfa, se não tão bela, mais piedosa.

Eu vou, vou arrancar aquelas flores,
Que num verde alegrete te guardava;
Pois pagas meus extremos com rigores.

Assim o triste Anfrizo se queixava;
E com a turva enchente de seus olhos,
Mais que com água, seu jardim regava:
Que em vez de flores produzia abrolhos.

XVIII

Farmacêutica. Idílio

Recitou-se na Arcádia em 19 de Junho de 1764

Num feio bosque de sombrios teixos,
Que do Sever nas margens se levanta,
Junto de um negro pego, que ali forma
A corrente do rio represada,
No sossego maior da fria noite
A belíssima Aglauro, e Dono bela,
Solto o cabelo, o esquerdo pé descalço,
A tibia luz, que pálida esparzia
Por entre as vastas árvores a Lua,
Com um profundo silêncio se metiam.

Ali da muda selva o horror sagrado
Trémula, e descorada a triste Aglauro
Desta sorte interrompe: enche, ó Dono,
Essa negra caldeira de água negra
Do rebalsado charco, enquanto eu fogo
Nestes ramos acendo, e à fera Hécate
O triste Altar levanto: já disposto
Para o horrendo prestígio as ervas tenho;
Tudo já pronto está, só faltam versos.
Versos a Hécate, tristes versos demos.

Triforme Deusa, cujo altar tremendo
Tantas vezes no horror da noite escura
Da negra ovelha com o fumante sangue
Banhado tenho, se alguma hora grata
A vítima te foi, tu da Cidade
Mais veloz do que sobe a veloz chama
Deste louro, que aqui devota queimo,
Me traze o meu Elpino, o falso Elpino.
Versos a Hécate, tristes versos demos.

Esse ramo de teixo na água molha,
E com ele três vezes rodeando,
Dono, as sagradas aras, três borrifas
Esta imagem de cera, que aqui ponho.
Três vezes dize: assim como se banha
Com a linfa encantada esta figura,
Por Aglauro de pranto o falso Elpino
O rosto descorado aflito banhe.
Versos a Hécate, tristes versos demos.

Agora tudo dorme sossegado.

Não sopra o vento, o rio não murmura.
Nem das nocturnas aves se ouve o guincho;
Só Aglauro infeliz não tem descanso:
Pague pois o cruel o meu desvelo;
E qual em torno deste Altar sagrado
Este crivo girando não sossega.
Não sossegue sem mim o falso Elpino.
Versos a Hécate, tristes versos demos.

Esta de lã, e seda negra fita.
A Empusa consagrada. humilde torno:
E cuspiendo três vetes, vendo OS olhos
Desta imagem, três digo em rouco acento:
Assim como vendados tem os olhos
Este vulto, que Elpino representa:
Assim para não ver prazer, e gosto,
Enquanto me não vê, os tenha Elpino.
Versos a Hécate, tristes versos demos.

Queima, Dorio, as verbenas, queima os machos
Incensos, que ali tens da parte esquerda:
Tu não vês que se apaga o sacro logo.
Que do horrível encanto o rito horrível
Se perturba? também tu me escarneces.
E da parte te pões do falso Elpino.
Do falso Elpino, que de amor me mata?
Ali não! renova a quase extinta chama.
Versos a Hécate, tristes versos demos.

Essas pedras de sal tu na água lança,
Enquanto eu na fogueira esta resina
De venenoso teixo aqui colhida.
Das costas para trás espalho, e lanço;
Dize comigo: assim como no fogo
Se inflama esta resina, este sal na água
Se desfaz, e derrete, se derreta
Por Aglauro, e se inflame o falso Elpino.
Versos a Flécate, tristes versos demos.

Já treine o sacro Altar, já muge a terra.
Uivam raivosos cães, indício certo
De que chegando vem a fera Deusa.
Mas quê! Tu, Dorio, tremes, tu desmaias
Mudas do rosto a cor, e balbuciante
Não podes entoar o horrendo verso!
Não tremas, não desmaies, que propícia
Preside a triste Hécate ao nosso encanto.
Versos a Hécate, tristes versos demos.

Versos podem do claro firmamento

Despregar as estrelas, versos podem
Parar do Sol o curso, das ribeiras
Suspender a corrente arrebatada:
Com os versos pode rude Lavradora
Da Cidade trazer o amado Dáfnis:
Tragam também meus versos da Cidade
O falso Elpino, que de mim se esquece.
Trazei-me, versos meus, trazei-me Elpino.

Mas Elpino não vem, inda não cede
A dura torça dos horrendos versos!
E talvez na Cidade aos falsos mimos
De Ninfa Cortesã agora entregue
Do amor de Aglauro rústica não cura:
Novo encanto usarei, novos conjuros.
A cuja torça resistir não possa;
Os grilhões romperei, que mo lá prendem.
Trazei-me, versos meus, trazei-me Elpino.

Aqui mil ervas há, todas segadas
Com nova foice aos frouxos resplendores
Da nova Lua, hipomanes, cicutas
Do negro Ponto, da famosa Arcádia.
Há cinzas da ave Fénix, cintas raras:
Marília mas deixou, com elas pode
Trazer Marília bela o seu bom dia:
Elas trazam também o falso Elpino.
Trazei-me, versos meus, trazei-me Elpino.

Eu vi com estas ervas muitas vezes
Pelas encruzilhadas na alta noite
Em coruja tornar-se a velha Pantia;
E as asas com medonho som batendo,
Pelos tectos entrar das áureas casas,
E nos braços das mães, que em mole sono
Jaziam descuidadas, dos filhinhos
Chupar com boca imunda o quente sangue.
Trazei-me, versos meus, trazei-me Elpino.

Com a ponta subtil deste alfinete
De que usava Canídia em seus encantos,
Desta figura, ó Dorio, o corpo passa:
Três vezes dize, três comigo atenta;
Assim como penetra esta figura
Deste agudo alfinete a fria ponta,
Assim de Elpino o coração penetrem
De inquieta saudade as cruéis dores.
Trazei-me, versos meus, trazei-me Elpino.

Estes cabelos, que de Elpino ingrato

Uma noite cortei, quando dormia
Descuidado em meus braços, neste lenço
Aperto com três nós, e nele aperto
O falso coração do falso Elpino:
No fogo os lanço: ardei, prendas queridas,
Doces prendas de meu pastor ingrato,
E assim arda por mim de amor Elpino.
Trazei-me, versos meus, trazei-me Elpino.

Eis da triste fogueira se levanta
Trémula chama, e lambe rodeando
O pavoroso Altar: feliz agouro
Nos dá benigna Hécate. Eis dentro na água
Um vulto se levanta; com que pressa
Os passos move! sim, Dono, é Elpino,
E Elpino, que a ver-me vem correndo.
Vem, amado Pastor, vem a meus braços.
Cessai, versos, cessai, que Elpino chega.

XIX

Epileneu. Idílio

Vinalbo, Parrálio, e Brotio

Este idílio foi composto no ano de 1765, e remetido de Elvas, aonde então se achava o Autor, com uma carta a Teotónio Gomes de Carvalho, datada de 25 de Outubro do mesmo ano, na qual entre outras coisas se lê o seguinte:

Eu tinha determinado fazer-lhe umas Notas, mas o tempo me não deu lugar para isso: não posso porém deixar de reflectir com V. mc. sobre a sua matéria, e forma, e prevenir alguns reparos, que se lhe podem opor. Sabe V. mc. muito bem que toda a Poesia, ou ao menos a Dramática, Satírica, e Ditirâmbica deve a sua origem aos versos Fescenininos e que estes versos Fescenininos não eram mais que umas rudes composições cheias de pulhas, e de injúrias, que os Camponeses, depois de completos os seus trabalhos, nas festas, que aos rústicos Deuses celebravam, para que lhes fossem propícios nas suas lavouras, uns contra os outros cantavam. Em V. mc. lendo a Carta de Horácio a Augusto, que é a primeira do Livro segundo, achará o mesmo, que eu acabo de expor-lhe, nos seguintes versos.

*Agricolae prisci, fortes, paruoque beati,
Conditæ post frumenta, levantes tempore festo
Corpos, et ipsum animum spe finis dura ferentem,
Cum sociis operum, et pueris, et coniuge fida,
Tellurem porco, Silvanum lacte piabant,
Floribus, et vino Genium, memorem brevis ævi.
Fescennina per hunc inuenta licentia morem
Versibus alternis opprobia rustica fudit.*

Isto suposto, querendo eu introduzir na cena pastoril dois vindimadores, pessoas novas, e que até agora nela não fizeram papel, segundo minha notícia, pareceu-me que devia imitar o que algum tempo sucedera, porque assim seguia a natureza, procurando quanto me fosse possível que os mesmos conservassem uns longes daqueles antigos Agricultores, e que o seu estilo fosse um místico de Satírico e Ditirâmico.

Esta é a razão, porque nele achará V. mc. algumas palavras compostas, e notará as injúrias, que continuamente se dizem um a outro, ainda que despidas, enquanto pode ser, de toda a rudeza, e grossaria, lembrado dos versos do mesmo Horácio na Carta aos Pisões:

Silvis deducti caueant, etc.

Se não consegui o fim, que me propus, consolo-me com o *Difficile est proprie communia dicere* do mesmo Horácio na Carta citada.

No que toca aos nomes dos Interlocutores, observará V. mc. que todos eles foram tirados de coisas pertencentes às vinhas, de que os mesmos se supõem cultivadores; por exemplo, *Psitio*, e *Brotio* são formados dos nomes Latinos *Psythia* que significa a uva boa para passar; e *Botrus* o cacho. Nesta parte também quis imitar os Gregos, e Latinos, que praticavam o mesmo costume nestas composições, como V. mc. terá reflectido.

E pelo que respeita ao êxtase, ou raptó, com que acaba o Idílio, devo advertir a V. mc. que não entrou no seu primeiro desenho, mas que a ele me levou o entusiasmo. E ainda que eu estava fora de usar deste adorno Poético nas minhas composições, não porque não seja dos mais preciosos, mas porque a sua vulgaridade lhe tem feito perder a estimação; contudo por dar algum interesse a esta tal, ou qual obrinha, o deixei ficar. Como nele se supõe Parrálio arrebatado por um Nume, e força superior, que fala pela sua boca, se lhe não deve estranhar o estilo mais levantado, que convém excelentemente ao profético. Se V. mc. reparar bem nesta passagem, verá que todas as figuras dela, ainda que com uma perfeita alegoria, são extraordinárias: como o Tejo com as ondas de ouro, uma mulher com sete montes na cabeça: o que tudo affectei, por serem próprias semelhantes imagens de um homem transportado pela embriaguez. Se contudo não parecer a V. mc., e ao Senhor Garção, riscá-la-ei, porque o Idílio sem ela pode subsistir.

Outra vez aos sombrios arvoredos,
E musgosas ribeiras me arrebatá
Aquele santo fogo, que em meu peito
Das Musas ascendeu a formosura,
E que ande inextinguível nele há tanto.
Vós, douto Condão, vós, sábio Tirse,
Que ambos sois de minha alma grande parte,
Enquanto pelas veigas dilatadas,
Que de flores esmalta o pátrio Tejo,
O gado apascentando, ora as boninas
Para as Ninfas, que amais, colheis alegres;
Ora cantando ao som das liras de ouro,
Da fria gruta atraís o velho rio,⁸⁰
E as Tágides gentis, que por ouvir-vos
Deixam por acabar os seus labores:
Ouvi agora os versos, que cantaram
Aqui, onde o Guadiana as margens borda
De plátanos frondosos, e altas faias.
Em novo estilo dois Vindimadores;
Enquanto as doces uvas espremiã
Num cheiroso lagar tintos de mosto.

VINALBO

Dize, rude Parrálio. quem te mete
A pisar com a tosca imunda planta
As roxas uvas, de que o grande Brómio⁴⁶
Loução guarnece a ramalhuda fronte?

PARRÁLIO

E tu, louco Vinalbo, que arrogante
A gente insultas, dize onde aprendeste
A espreme-las ao som dos rijos sistros,

⁸⁰ O Autor também escreveu na Col. 1:

Lá no fundo atraís o velho rio.

Ou qual foi o lagar onde as pisaste?

VINALBO

Vai-te longe daqui, vai-te, ó profano;
Que já sinto chiar do verde carro,
Em que o bom Nictileu passeia os campos
As grossas rodas, e ouço das ferozes
Desenvoltas Bassárides os urros.
Ah vai-te, pois receio se te encontram
Neste sacro lugar, que de ti façam
O mesmo que de um Rei... Oh quem foi ele!
Nas montanhas da Trácia já fizeram.

PARRÁLIO

Pode haver quem tal ouça! Um rude insano,
Que jamais em a mística joeira
Ao grande Bassareu as novas uvas,
Doces primícias das frondentes vinhas,
No almo Outono ofreceu, ou nas Orgias
Tenaz hera levou, ou loquaz pega
Se atreve a profanar com língua infame
Os seus mistérios! Ah se te não calas,
Saboé clamarei, chamarei Baco;
E farei que em castigo te mergulhe
Nessa de quente mosto cheia doma.

VIINALBO

E tu sabes cantar? ou por ventura
Jamais ao som dos ocos atabales,
Retorcidas buzinas, duros sistros
De Iés, Evan, Atés, os grandes nomes
Em suave cadeia repetiste?

PARRÁLIO

Inda a mais subirá o teu arrojo!
Dize, ruim Vinalbo, não te lembra
Quando os Vindimadores do contorno
De Baco nas alegres Antesténias
Venci cantando os Fesceninos versos,
Sendo juízes Psitio, e Tamarindo;
Que em sinal da vitória me c'roaram
Da mesma planta, de que Baco cinge
A que na testa traz crescente Lua?

VINALBO

Bem me lembra, Parrálio, sim por certo
Da passada vindima foi nas festas;
Quando na encruzilhada junto à fonte
Pelos untados odres tu saltando
Entre as taças de vinho coroadas,
De costas te estendeste sobre a grama;
E as Ninfas das florestas, que escondidas
Entre as ramas, os jogos espreitavam,
Deram de riso muitas gargalhadas.

PARRÁLIO

Não, antes foi nas bodas de Vidálio
Quando inchados c'o mosto as grossas veias,
Bocejando amiúde, e já sem forças,⁸¹
De odorífero vinho um grande vaso
Levar querendo à boca, sem acordo
Sobre ti o voltaste, de maneira
Que as moças, que de roda te cercavam,
Lançando um grande grito de assustadas,
Para longe fugiram; mas Erália,
Erália tão gentil, como travessa,
As negras bagas do ébulo pisando
C'o sumo te pintou todo o focinho;
De que contente toda a companhia,
De ti escarneceu por largo espaço.

VINALBO

Sempre foste de enredos grande mestre,
Embusteiro Parrálio; mas se queres
Comigo sobre o canto experimentar-te,
Brotio será Juiz; vê o que apostas.

PARRÁLIO

O mundo está perdido; quem julgara
Que os cisnes do Caístro para o Canto
Ousassem provocar as negras gralhas!
Mas eu farei que logo te arrependas
Dessa vã ousadia. Olha esta copa,
De cujo fundo sai uma parreira,
Que os ramos estendendo até à boca,
Depois de lhe formar as curvas asas,
Em tomo a cinge com os pendentos cachos.

⁸¹ Variante:

A pesada cabeça, o lasso corpo

De odorífico vinho, etc.

Olha com que destreza o subtil mestre
No meio o mar cortou: parece ao vê-lo
Que se altera com o vento, e a praia açoita.
Vê mais como na rocha sobranceira
Esparzido o cabelo, e mal coberta,
Os belos olhos volve ao Céu piedoso,
Os olhos, em que as lágrimas rebentam,
Uma formosa Ninfa, que apontando
Para essa veloz nau, que a pano solto
No crespo mar se empega, contra a mesma
Parece que vingança está pedindo.
Atenta enfim com que ânsia dentre a selva,
Das Ménades cercado a socorrê-la
O vermelho Tioneu veloz se avança.
Obra sem dúvida é de mão de mestre,
Que o rolo de água trouxe às nossas praias:
Ali Sargálio a achou, a quem por ela
Dei de uvas moscatéis dez grandes cestos;
Pois esta da vitória será prémio.
Agora, insano, vê também que apostas,
E entremos na referta logo, logo:
Seja Brotio juiz, ou quem quiseses.

VINALBO

Não tens que encarecer-me a tua copa,
Que eu coisa apostarei de maior preço.
Uma concha porei, na qual cortado
Também o mar verás, e dentro nele
Uma alterosa nau, cujo velame
Pouco a pouco se torce em lentas vides,
Onde saltam mil pássaros cantando;
Igualmente verás uma Sereia,
Em que remata a cortadora proa,
Ir-se em leão tornando, e em tigre fero
A levantada popa, a cuja vista
Espantados os bárbaros piratas,
Que o tenro Bassareu com grossas cordas
Ao mastro atar queriam, de repente
Se lançam no alto pego, onde nadando
De escamosos delfins as peles vestem.
Com tanta perfeição o sábio Cromis,
(Cromis, a quem Sileno numa gruta
Das coisas ensinou a natureza)
Entalhou as figuras, que se creres
Aos olhos, jurarás se estão movendo:
Se ficas vencedor, por ela podes
Beber o bom licor, com que vermelhos
E inchados sempre tens os vesgos olhos;
E esse vaso escusar, que tanto gabas

Que o preço todo perde à sua vista.

PARRÁLIO

Menos vezes aos homens essas coisas
Se hão-de lançar, mordaz Vinalbo, em rosto;
Mas por mais subterfúgios que procures,
Nada te valerá. Tu, sábio Brotio,
Escuta o nosso Canto, e da contenda
Que eu farei que esse doido hoje conheça
Quanta vantagem leva ao mote junco
O levantado ulmeiro, que sustenta
Em seus ramos a vide com os cachos.

BROTIO

Ora pois começai, moços ditosos,
Vossa contenda agora que florece
C'os dons de Baco mais formoso o ano;
Agora, que dos tardos bois puxados
Na longa estrada com as pesadas domas
Chiam os canos, ferve nos lagares
A cheirosa vindima, e o mosto escuma,
Em tomo transbordando as largas tinas.
Principie Vinalbo, e tu Parrálio,
Depois prosseguirás, que o Canto alterno
A Baco, e às castas Musas mais deleita.

VINALBO

Evoé, Padre Baco! da vindima
Tu jucundo inventor, que os negros cachos
Da rubicunda fronte tens pendentos,
Os áureos borzeguins ambos descalços,
Aqui ebri-festante, aqui te chega;
E comigo calcando as tenras uvas,
Do novo mosto tinge as gordas pernas;
Enquanto descantando os teus louvores,
Faço calar de inveja o vil Parrálio.

PARRÁLIO

Saboé, grande Brómio! das Orgias
Tu, venerando Autor, que os tigres domas,
E pelo Edónio cume crinisparsas
Fazes saltar as Ménades furiosas;
Saboé! com teu tirso açoita, e punge
Ao perverso Vinalbo, porque aos bosques,
Quais de Preto as vãs filhas, fuja insano,
E em vez de profanar os teus mistérios,

De aparentes mugidos encha os montes.

VINALBO

Triste lagar com essa gritaria!
Já treme, e se prossegues, vem abaixo;
Oh! cala-te, Parrálio, que espantados
Do descomposto som de tuas vozes,
Os pássaros fugir vejo dos ninhos,
E aos troncos seus correr espavoridos:
As Driades gentis de quando em quando
Os olhos com o susto atrás volvendo.

PARRÁLIO

Pobres Vindimadores! a cabeça
Este novo cantor hoje vos quebra.
Ah! suspende, Vinalbo, o rouco canto,
Que a seus discordes ecos sair vejo
Dessa vizinha lapa, onde dormia,
Com o torto nariz muito vermelho,
Indício de que em cólera se abrasa,
E olhar-te de través o Deus de Arcádia.

VINALBO

Tirse, que é das Libetrides delícias,
Meus versos, bem que rudes, ama, e preza.
Moços, vós, que cortais das curvas vides
Ora os dourados, ora os negros cachos,
De parras lhe tecei uma capela.

PARRÁLIO

Mas a mim, Condão, que Febo estima,
Cantar me manda, e com meu canto folga.
Vós, que pisais as uvas, lagareiros,
Um verde altar lhe erguei, e em tomo dele
De vinho derramai dois grandes copos.

VINALBO

Quem os teus versos ama, ó brando Tirse,
Com suave murmúrio nos seus campos
De vinho lhe rebentem vivas fontes;
E à sombra das videiras ouça sempre
Os rouxinóis cantar com os brandos cisnes.

PARRÁLIO

Quem tua Musa, Condão, não preza
De Midas tem orelhas; esse mesmo
De Pinalbo com os versos se deleite,
Ou de palmeiras rãs num verde charco
Ouça o rouco alarido a toda a hora.

VINALBO

Quem cuidado quer ter das santas vides,
Ao Sol as ponha nos lugares altos;
Então rebentarão com férteis gomos,
Que ama Baco os outeiros levantados.

PARRÁLTO

Quem deseja fazer boa vindima,
Do pardo Outono espere as brandas chuvas;
Então no fundo tanque a uva inchada
Chamando-te, ó Leneu, alegre esprema.

VINALBO

Aborreço as raposas sorrateiras,
Que esfaimadas entrando em meu cercado
Não só as uvas, que maduras pendem,
Mas inda as próprias vides despedaçam.

PARRÁLIO

Todos os anos um malvado capro
De Nictileu nas aras sacrifico;
Pois roendo o bacelo ainda tenro,
C' o bafo venenoso o queima, e estraga.

VINALBO

Oh bom cultor das quintas, oh Vertumno,
Que tomas num só ponto mil figuras!
Se com pródiga mão em meus pomares
Chover fazes das árvores os frutos,
De sorte que Parrálio ao vê-los arda,
E de inveja emagreça; de uma c'roa
De rosas, e de ginjas hei-de ornar-te.

PARRÁLIO

Ó guardador das hortas, ó Priapo,
Que a foice ferrugenta levantando,
És das aves, e ladrões terror contínuo;
Se das daninhas mãos do mau Vinalbo

Preservas o meu campo, eu te prometo
Do vermelho pescoço um retorcido
E nodoso pepino pendurar-te.

VINALBO

Vós, leves gafanhotos, que as searas
Despojais das espigas num momento,
Oh! dentro não salteis das minhas sebes,
Que eu sou pobre cultor dum pobre campo.

PARRÁLIO

Vós, ó louras abelhas, que o rocio
Com suave zumbido andais colhendo,
Ide o dourado mel chupar nas flores,
Não me piqueis os já maduros cachos.

VIINALBO

Quando a minha Vimínia ao doce Canto
Solta a sonora voz, dos verdes troncos
As Driades para ouvi-la lançam fora
As douradas cabeças; não se escutam
Dos Zéfiros, que brincam entre as flores,
Os suaves suspiros; e encantadas
De seus doces acentos as ribeiras,
Pouco a pouco nos leitos adormecem.

PARRÁUO

Quando Erália gentil nas Antestérias,
Terçando airoso um enramado tirso,
C'o leve pé pulando, fere a terra;
Suspendido das mãos cair as rédeas,
Com que os tigres governa, deixa Baco,
E o ruim cavaleiro de Sileno
Se esquece de ferir com a verde vara
As ancas do animal pesado, e triste.

VINALBO

Eu não desejo com trezentas juntas
As lezírias lavrar do largo Tejo,
Nem cobrir com meus gados suas margens;
Mas só na Primavera, enquanto as vides
Empo, amada Vimínia, ouvir teu Canto,
Com o da casta rola misturado.

PARRÁLIO

Eu vindimar não quero as ricas uvas,
Nem os milhos colher, que o Douro cria,
Mas só no frio Inverno, enquanto as chuvas
A cava me embaraçam, bela Erália,
Ver-te imitar os Sátiros saltando
Em tomo de meu lar cheio de fogo.

VINALBO

Dize, simples Parrálio, e já te cedo
O prémio da vitória, porque causa
Aos Astros pelos Deuses foi levado
O Cão, que inda raivoso a terra abrasa?

PARRÁLIO

Dize, rude Vinalbo, e serás tido
Entre nós por igual ao louro Febo,
De quem a c'roa foi, que junto ao Pólo
Com brilhantes Estrelas resplandece?

VINALBO

Eis de novo esta concha em honra tua
Encho, e bebo, ó Leneu! tu, que propício
Abrolhar fazes, onde o rosto volves,
As duras cepas com virentes olhos.
Eis a enchê-la outra vez alegre torno,
E de Tirse em louvor a empino, e bebo;
Tirse, que a Aríon no Canto vence,
Que a Arcádia cultivou, que as Musas ama.

PARRÁLIO

Eu também em teu nome, ó moço eterno,
Nebrodes, Nictileu, Dionísio, Jaco,
De mosto beberei esta grão taça.
Evoé como pica! eis outra bebo
Do grande Condão... Evoé! Brómio!
Que doce frenesi a alma me ocupa!
Suspende, Evio bicórnio, ah sim, suspende
Os pungentes estímulos, e seja
Teu fogo menos vivo em minhas veias,
Que eu já sofrer não posso o furor santo.
Que nova ordem de coisas se apresenta
Aos meus olhos? sonho? estou desperto?
Eis já vejo correr com ondas de ouro
A sombra de um Carvalho o claro Tejo.
Oh que bela mulher nas margens

Sem ordem o cabelo, as ricas roupas
Em mil pedaços feitas, suspirando
Entre montes de cinza jaz por terra?
Mas que homem singular a socorrê-la
Voa em tanta aflição! Ei-lo animoso
A forte mão lhe dá, e a mulher triste
Mais bela se levanta, e entre as Estrelas
A sublime cabeça, em que robusta
Sete montes sustenta, alegre esconde.
E com que esforço noutra parte luta
Com um feno esquadrão de negros monstros⁸²
O mesmo homem, e vencedor se aclama?
E com que arte as ciladas lhes descobre?
Ei-los já confundidos voltam costas,
E de nós para sempre se separam;
E que erguidos colossos caiem por terna
A um só aceno seu ao mesmo tempo!
Mas que súbito estrondo se levanta
De pífaros, trombetas, e tambores?
Eis Marte aceso volve aos nossos campos
A turva vista, e sanguinosa espada:
Oh com que pressa para defendê-los
Brota do Luso a terra de seu seio
De horrendos batalhões armadas messes!
E que Ninfas gentis são estas duas,
Que de flores c'roadas aparecem?
Uma o márcio alboroto já sossega,
E a outra ora severa, ora risonha,
Os ásperos costumes desterrando,
Os homens intratáveis noutros homens
Pouco a pouco transforma; pelos campos
Ferve a cultura, já nas agras serras
De espigas coroadas a loura Ceres
A frente eleva...

BROTIO

Aonde, aonde voas,
Ó Parrálio gentil? suspende as vozes,
Que encerra o teu furor altos mistérios,
Que de ouvir não são dignos os profanos,
Toma, gracioso moço. toma a concha,
Justo prémio de tão sonoros versos:
Versos, que, se o discurso me não erra,

⁸² Variante:

Que em mil formas mudados, a substância
De nossos pingues campos devoravam,
O mesmo, etc. (*Colecção 1 e 2*).

Entre nós te farão sempre famoso;
E na fritura idade nossos netos,
Enquanto as férteis vinhas vindimarem,
Repetirão alegres uns aos outros.

XX

Lêucade: Idílio venatório

TIRINTO

Falta na primeira Colecção

Nas margens do Sever ao meio dia,
De seus ligeiros galgos rodeado,
Num roliço sobreiro recostado
O caçador Tirinto assim dizia.

TIRINTO

Ó Lêucade formosa, onde te escondes
Destes meus olhos de chorar cansados!
Quem te tapa os ouvidos, quem a meus brados,
Por mais, e mais que grito, não respondes?

Porque foges da minha companhia,
O Ninfa desleal, e ao vento deste
Tantas promessas, quantas me fizeste,
Promessas, que invejoso Amor ouvia?

Não sou eu por acaso inda Tirinto?
Esse mesmo Tirinto, a quem juravas
Que a vida só por ele é que estimavas?
Ah que inda o mesmo sou por meu mal sinto!

Por ventura quebrei o juramento,
Que fiz de amar-te, enquanto fosse vivo?
Ou dei de novo algum feio motivo
Para o teu rigoroso apartamento?

Vós, Ninfas destes bosques, vós Pastores,
Faunos, Silvanos, deuses montanheseis,
Vós bem o sabeis, vós, que tantas vezes
Chorar me tendes visto seus rigores.

Depois que me deixaste, Ninfa impia,
Tudo na selva, tudo me entristece:
Até a mesma caça me aborrece,
Que noutro tempo foi minha alegria.

Se às vezes saio ao monte, é tão sem gosto,
Que por demais as selvas só fatigo;
Vejo a preia correr, e não a sigo
As vezes, de elevado em meu desgosto.

Este o mesmo sítio é (nunca sem mágoa
Ou se cubra de flores, ou de abrolhos,
Nele os olhos porei, meus tristes olhos,
Sem que todos se arrasem logo de água).

Este o mesmo sítio é, onde primeiro
Te vi brandindo airosa o frio dardo;
Onde o fogo voraz, em que hoje ando,
Acendeu em minha alma o Deus frecheiro.

Na montaria foi que fez Umbrano,
Depois que o pão se recolheu às eiras,
Ao feno javali, que às sementeiras,
E devesas causava tanto dano.

Ajuntaram-se nela os moradores
Das vizinhas Aldeias, Soboroso,
Silvandro, Alpino, Linco, Agrário, Algoso,
Corcilo, e outros muitos dos melhores.

A bater-se entra o mato, e aonde era
Com os ramos das árvores mais basto,
Os cães se metem, que seguindo o rasto,
Rebentar fazem de entre a moita a fera:

Foi Linco quem em vão tirou primeiro,
Seguiu-se Algoso, e prova a mesma dita,
Como a provou a mais turba infinita,
Que arremessa de dardos um chuva.

Roncava então a fera, e arriçando
Do lombo as crespas cerdas, e pungentes,
Largo campo fazia com os dentes,
As estevas e cães despedaçando.

Tu então armando o arco, ambas as pontas,
Tirando a corda com destreza, uniste:
Voou a seta com zunido triste,
E na testa lha cravas, onde a apontas.

Caiu o feroz bruto, vomitando
Rios de sangue pela boca fria;
Gritam os caçadores de alegria,
Teu nome em altos vivas celebrando.

Então tu, ó cruel, cheia de glória
O grande cerco foste torneando,
Da gente os olhos após ti levando,
Que te roga mil bens pela vitória;

E ao passar junto de mim, Ninfa formosa,
Amor te ofeço, disse, maior palma:
Igualmente que a fera, esta minha alma
A teus olhos se rende hoje gostosa.

Olhaste-me risonha, e ao mesmo passo
Cair deixaste, como por descuido,
(Oh Céus! eu enlouqueço quando o cuido)
Das douradas madeixas este laço.

Ei-lo aqui, ó cruel, que desde essa hora
De trazê-lo comigo nunca deixo,
Com ele me consolo, e em vão me queixo
De tua sem-razão, Ninfa traidora.

Ó laço, um tempo já penhor constante
Nestas selvas do amor mais puro, e santo,
Recebe agora meu amargo pranto,
Pranto, que não merece uma inconstante.

Desde então que em estreita companhia
Sempre nos encontrou pela espessura
Na tarde saudosa a noite escura,
Na fresca madrugada o claro dia.

No horizonte inda bem não assomava
Da Estrela d'Alva o raio luminoso,
E já junto dos freixos de Trigoso
Com as redes, e cães eu te esperava.

Ali porque teu colo delicado
Não trilhasses, eu te tomava, ó falsa,
O rasteiro furão na estreita balsa,
Que a tiracolo trazias pendurado:

E juntos em alegre companhia
Buscávamos as matas, onde armando
Ora a rede, ora as feras acossando,
Passávamos gostosos todo o dia:

Até que pouco a pouco escorregando
A noite das montanhas iminentes,
Para a Aldeia tomávamos contentes,
Em os cintos a caça pendurando.

Que fera, ou ave então nesta espessura,
Por mais brava que fosse, ou pressentida,
Ou não rendeu a nossas mãos a vida,
Ou dos laços subtis voou segura?

Quantas vezes na cama descuidada
Colhemos viva a lebre, em vão ligeira?
Quantas vezes no meio da carreira
Aos ares pelos cães não foi lançada?

Quantas seguimos pelo mato alçado
O coelho sagaz, que não escapa,
Ou entre as fragas da escondida lapa,
Ou na mancha entre a xara aos cães furtado?

Quantas a tela armámos na vereda
Aos gordos perdigões, a quem chamava
A perdiz ensinada, que cantava
Dentre os ramos, que a basta moita enreda?

Quantas à sombra de um pequeno ramo
A falsa ichó armámos às perdizes?
Quantas no trigo as cegas codornizes
A rede careámos com o reclamo?

E vós, ó rouxinóis, que vos montava
Tecer no fundo bosque os moles ninhos,
Se deles em penugem inda os filhinhos
Mil vezes para Lêucade roubava?

Nem tu, cerdoso bruto, bem que armado
Do navalhado dente, livre estavas
Dos ardidos lebreus, nas manchas bravas,
Ou pelos enxurdeiros vis deitado.

Lembra-me ora a manhã, que armando a rede
As leves avezinhas num ribeiro,
A sombra nos pusemos de um salgueiro
A esperar que os trouxesse a ele a sede.

Dourando vinha o Sol os altos cumes
Dos montes desiguais, os passarinhos
Cantavam cento, e cento nos raminhos,
As flores exalavam mil perfumes:

Por entre as espadanas escumando
Corria tão serena a mansa veia,
Que no fundo se via a fina areia
De pedrinhas coberta estar brilhando:

Tão ledó o prado estava, tão gracioso,
Que nas almas, ao vê-lo, infundia
Um não sei quê, que de prazer enchia
O coração mais triste, e pesaroso.

Tu então as boninas apanhando,
Que sem conto esmaltavam a verdura,
Enquanto de amor cheia, de ternura
Com elas o chapéu me foste ornando;

Pelas setas de Amor, pelos teus olhos,
Pelas Ninfas das selvas me juraste
Que as flores (e as boninas me mostraste,
Que tecias com arte em vários molhos),

O ribeiro, que plácido corria,
Dos pássaros o canto, a mesma caça,
Nada prazer te dava, em nada graça
Achavas sem a minha companhia.

Juraste, e de repente um pé de vento
Da raiz arrancou um verde louro:
De meu mal foi por certo claro agouro,
E então nem tal me veio ao pensamento.

Tanta era a fé, tão grande a segurança,
Que em ti fazia, tanta, que antes crera
Que mudaria o Sol a própria esfera,
Que em ti houvesse a mais leve mudança.

Desta arte me enganavas, fementida;
Mas era tão suave aquele engano,
Que oxalá permitira Amor tirano
Desta arte me enganasses toda a vida.

Desta arte me enganavas, e eu te cria
(Que se crê facilmente o que contenta)
Mas, oh Céus! que entre as flores alimenta
A peçonha mortal a cobra fria!

Pois quando mais fiava em teu excesso,
A Dorcon te entregaste. Amor, que o viste,
Como, dize-me, em paz o consentiste?
E este o galardão que te mereço?

A Dorcon a mais bela caçadora
Destes bosques se entrega, e deixa fera
O seu Tirinto! Céus! que não se espera,
Se o rústico Dorcon Lêucade adora!

Terão de hoje em diante o mesmo abrigo
As pombas, os falcões: o açor e a garça
Contentes saltarão na mesma sarça;
Será da lebre o galgo doce amigo:

Doce vinho os silvestres amieiros
Suarão, suarão mel as giestas;
Será Orfeu Ferino nas florestas,
Os cervos fugirão da água ligeiros.

Ó Ninfa mais gentil, mais agradável
Que a Estrela da manhã, porém mais dura
Que as feras, que persegues; por ventura
Com elas aprendeste a ser mudável?

Não, ó tirana: não, que a natureza
(Que mágoa ao contemplá-lo na alma sinto!)
Se avara de seus dons a seu instinto
A razão lhes negou, lhes deu firmeza.

Olha, Lêucade falsa, a pomba amante,
E verás que se perde o seu consorte,
Fiel ao doce amor até à morte,
Em casta solidão vive contente.

Essa rola, que tão saudosamente
Gemendo aqui está neste sobreiro,
A perda sente do fiel parceiro,
Que tu talvez matasses cruelmente.

Mas ah, doido de mim! ah, sem ventura!
Que estas queixas em vão repito aos ventos;
Pois aqui ninguém ouve os meus tormentos,
Mais que as aves, e brutos da espessura.

Vós, ó Ninfas das selvas, vós dos montes,
Por quem em vão jurou esta traidora,
Que estais dos olhos meus a toda a hora
Vendo estilar de pranto duas fontes!

Se algum dia adornei vossos altares
Das pontas do vivaz cervo galhudo,
Ou da pele do porco sedeúdo,
Vingai, ó belas Ninfas, meus pesares.

Sim, Ninfas, por seu mal a ingrata aprenda,
Em abono de suas falsidades
A não chamar em vão as Divindades:
Haja, pois que me ofende, quem a ofenda.

O veneno cruel, que me devora,
Prove a tirana: ela mesmo veja
Nos braços de outra o bem, que mais deseje,
O rústico Dorcon, a quem adora.

E que farás, Tirinto? os seus favores
Verás outro lograr ditoso, enquanto
Derretendo-te estás em largo pranto,
Como a neve do Sol aos resplendores?

Não, não: outra ribeira, outra espessura
Irei hoje a buscar, e no desterro
Pagarei como próprio o alheio erro,
Já que assim o dispôs minha ventura.

Fugirei para os campos, onde a gente
Do lustroso azeviche a cor conserva;
Onde queimando o Sol a tenra erva,
Dos rios seca a líquida corrente:

Ou para onde com alta neve os montes
Sempre brilhando estão, onde c'o frio
Se endurece, e mociço torna o rio,
Onde se gela o mar, gelam-se as fontes.

Ali fugindo à pérfida esperança,
Que para mais pesar inda me segue,
Verei se a força de meu mal consegue
Ou a vida tirar-me, ou a lembrança.

E tu, que a tal amor tal prémio deste,
Lêucade falsa, logra em paz a vida;
Logra, mas, ai, que ainda arrependida,
Mas tarde, chorarás o que perdeste.

Adeus, tirana, pois jamais teus olhos
Verão um infeliz: e vós, ó montes,
Nunca mais de meu pranto as vivas fontes
Farão sem fim crescer vossos abrolhos.

Adeus, selvas; adeus, clara corrente
Do plácido Sever, vales, outeiros:
Adeus, Ninfas gentis, adeus monteiros;
Adeus, ficai em paz eternamente.

E tu, minha matilha, que algum dia,
Enquanto não senti de amor o enleio,
O meu cuidado foste, o meu recreio,
Procura mais ditosa companhia.

Vai-te, minha Licisca, na montanha
Como dantes persegue as brutas feras.
Que saltas? que me qués? De mim que esperas?
Vai-te, que eu vou morrer em terra estranha.

Aqui da alma arrancando um grão gemido,
Que o eco repetiu dos fundos vales,
Emudeceu; que a força de seus males
Traspassado o deixou, e sem sentido.

Porém, tomando em si, logo arremessa
O arco numa parte, noutra a aljava,
O como noutra, com que os cães chamava,
E a embrenhar-se correu na mata espessa.

XXI

Os Segadores. Idílio

Trigoso, Ordalbo, e Farrio

Composto em 1767

Nas ribeiras do Caia à sombra fria
De um cerrado juncal ambos deitados,
Ordalbo, e mais Trigoso, segadores,
Do trabalho da ceifa repousavam:
Eram ambos iguais na idade, e Pátria,
E no canto, e no amor ambos famosos.
Junto deles sentado o destro Farrio,
(Farrio Rei da quadrilha, com o dedo
Por primeiro de todos apontado
Entre os que a curva foice maneavam)
Uma lira tangia docemente,
De cujo som Ordalbo convidado,
Assim entra a cantar, e assim Trigoso
Quando a sua vez toca, lhe responde.

ORDALBO

Ó Cidila gentil, mais branca, e loura
Que o branco malmequer, que o louro trigo;
Enquanto à sombra jazem os Ceifeiros
Da calma, e do trabalho fatigados,
Se algum cuidado tens do teu Ordalbo,
Vem, ó branca Cidila, vem a vê-lo.

TRIGOSO

Formosíssima Misis, mais vermelha
Que as vermelhas papoulas, que os medronhos;
Agora que fervendo as calvas eiras
Dormem a sono solto os malhadores,
Se a lembrança não perdes de Trigoso,
Espera que não tardo, espera Misis.

ORDALBO

Ó travessa Cidila, os seareiros
A palma da beleza te concedem,
Mas de baixa te notam: Amor, que dizes?
Não vence na beleza a baixa espiga
Na madura seara à longa cana?
O jasmim não excede o malvaísco?

TRIGOSO

E a ti, Mísis garrida, as segadoras
Invejosas da tua formosura
De fusca te motejam. Ah, doidas moças,
Desprezais vós por negras as amoras?
Ou primeiro colheis para o trançado
As alvas campainhas, que as violas¹⁶⁸?

ORDALBO

Auras leves, que os juncos encrespando,
Aqui voando andais, onde Cidila
Ceifa os maduros pães, batei as asas,
Os seus louros cabelos sacudindo:
Sim, ó Auras gentis, que é grande a calma,
E pode o sol crestar-lhe o carão brando.

TRIGOSO

Ó Náíades formosas, que nadando
Em borbulhões de espuma, a superfície
Do claro rio ergueis, se Mísis bela
Quiser na malha entrar, Ninfas, dizei-lhe
Que deixe a dura malha: ah não lhe ofenda
O grosseiro forçado as mãos mimosas!

ORDALBO

De papoilas, de aloendro, e madressilva
Teci uma capela, as roxas ginjas
Salpicadas estão por ela toda;
Lésbia, que os rouxinóis vence cantando;
Rindo-se ma pediu, mas eu lhe disse,
Tua será, se a não quiser Cidila.

TRIGOSO

Mícale, que em beleza excede as rosas,
Uma rola me deu, que de contínuo
O parceiro rolando fiel chama.
Ah! deixa, simples ave, as tristes queixas,
Que apesar de Pastoras invejosas,
Hás-de ditosa ser nas mãos de Mísis.

ORDALBO

Tanto nojo faz às sementeiras
O amargo almeirão, o grou daninho,

Ou quando em leite está o verde trigo
O pedrisco, que a prenhe espiga acama;
Como a mim de Cidila a dura ausência,
Branca, e rosada mais que a fresca Aurora.

TRIGOSO

Não é tão agradável às searas
A curva foice, que fiel dissipa
As carregadas sombras, que a rodeiam,
Ou a chuva, que em Abril sem cessar coa,
Como a presença a mim de Mísis bela,
Negra nos olhos, nos cabelos negra.

ORDALBO

Olha, Trigoso, a graça, olha a beleza
Dessa longa seara: o vento ledado
As espigas lhe encrespa brandamente,
Cá, e lá a matizam mil papoilas;
Pois tão bela não é, nem tão graciosa,
Como Cidila graciosa, e bela.

TRIGOSO

E tu, Ordalbo, escuta o doce canto
Desse melro: que temo, que saudoso
Quebra a sonora voz, e o vento rompe!
Pois tão doce não é, nem tão sonoro,
Como o canto gentil da gentil Mísis,
Quando fervendo a malha, a Ceres canta.

ORDALBO

Lá junto dessa fonte a vez primeira
Eu te vi, e te amei, doce Cidila:
Ó fonte cristalina! um castanheiro
Junto a ti plantarei, porque crescendo
Com sua verde copa, as tuas águas
No estio do calor do Sol defenda.

TRIGOSO

E tu, verde aveleira, és testemunha
De meus amantes roubos! quantas vezes...
Mas convém aos amantes ser calados.
Ó árvore feliz, junto a teu tronco
Um altar erguerei ao Deus frecheiro,
E à roda o cercarei de verdes mirtos.

ORDALBO

Vós, doces rouxinóis, que pelos freixos
Cento a cento cantais vossos amores,
Batei as leves asas, voai todos,
E onde Cidila está soltai as vozes:
Assim do oculto ninho mão traidora
Os implumes filhinhos vos não furte.

TRIGOSO

E vós, ó Limoníades, das flores
Espíritos subtis, lá onde Mísis
De papoilas c'roada os trigos sega,
Mandai vossos perfumes: mil fragrâncias
Exale em tomo o sítio venturoso,
Assim o mau são nunca vos murche.

ORDALBO

Dormia ontem Cidila, e uma abelha,
Que o mel chupava nas cheirosas flores,
Uma rosa julgando a linda boca,
Nela a picou; porém perdeu a vida.
O mil vezes abelha venturosa,
Que em tão doce lugar perdeste a vida!

TRIGOSO

A Mísis, que tecia um ramalhete
Ontem junto da fonte, o seio lhe entra
Borboleta gentil, a quem seguia
Uma andorinha, e ali salvou a vida.
Ó mil vezes ditosa borboleta,
Que em tão belo lugar salvaste a vida!

ORDALBO

Vós, ó robustos moços, que em carreira
Os campos despojais da prenhe espiga,
A compasso movendo as curvas foices:
Se de Amor não quereis sentir os tiros,
Maneai, maneai os duros braços,
E fugi de Cidila ao gentil rosto.

TRIGOSO

E vós, moças gentis, que em grandes feixes
O trigo já segado andais atando,
Se Vénus quereis ver, e as suas graças,

Deixai por um momento solto o trigo,
E vinde, ah sim! correndo vinde todas
O belo rosto a ver de Mísis bela.

ORDALBO

Chorando pelas selvas Vénus busca
A Amor, que lhe fugiu dentre os seus braços,
Gentil Deusa, suspende o gentil pranto,
Que onde Amor se acolheu eu já te mostro;
Se o queres encontrar, os bosques deixa,
E nos olhos o busca de Cidila.

TRIGOSO

Mas Amor, que de lágrimas banhado
Perdido nestes campos procurava
Pela formosa Mãe aos segadores,
Com Mísis encontrou; e vendo Mísis,
O pranto enxuga, bate as leves asas,
E ao colo lhe voou, tendo-a por Vénus.

ORDALBO

Vês, ó Trigoso, vês esta campina,
Onde a vista estendida desfalece,
De cerradas espigas carregada?
Pois primeiro que o Sol no mar se esconda,
Se a ver-me vem Cidila, como espero,
Tu tornada a verás num campo raso.

TRIGOSO

Mas eu, Ordalbo, se ora a minha Mísis
Como às vezes costuma vem a ver-me,
Porei de parte a foice, trigo, tudo,
Só por cevar meus olhos em seus olhos.
Ah! vem, Mísis gentil, a quem te adora,
E perca-se o jornal de todo o dia.

ORDALBO

Quando a bela Cidila anda na sega,
Se enchem de alegria os segadores,
Cantam-lhe as segadoras mil cantigas:
E eu, que notando estou seu alvoroço,
De gosto o coração pular-me sinto,
Pois a ceifa não é tão festejada.

TRIGOSO

Se Mísis vem à malha, os malhadores
Largam os manguais, largam forquilhas,
E qual se fosse Ceres vinda às eiras,
Saltam sem ordem, bailam, gritam, cantam;
Mas eu um não sei quê no peito sinto,
Que ora raiva me faz, ora tristeza.

Assim findou Trigoso, e já Ordalbo
Se dispunha a segui-lo, quando Farrio
Calando de repente a doce lira:
Deixai, ó Moços, diz, deixai o Canto,
Que a sombra deste freixo corpulento
Mostrando-nos está que o tempo é vindo
De entrarmos a ceifar; a ceifar vamos,
Que o ócio não convém aos segadores.

Ditas estas palavras, velozmente
Do junco todos três se levantaram;
E tomando do chão as tortas foices,
Se foram a segar as loiras messes.

XXII

Aglaia. Idílio

ELPINO

Este Idílio foi reformado primeira, e segunda vez pelo Autor nas duas últimas Coleções; pois em um manuscrito muito antigo o achámos com o nome de Ergasto, de que ele usava antes de tomar na Arcádia o de Elpino. Principiava: Há nos campos, que rega o brando Tejo; e prosseguia em vinte e quatro Quartetos até à Estância Verdes campos, etc. que é agora a segunda, dizendo Tejo, onde no presente diz Caia, e Ergasto onde agora se lê Elpino. Eram as estrofes, ou Estâncias no primeiro como nos posteriores de treze versos, mas o undécimo, que nestes é hendecassílabo, era no primeiro de sete sílabas: no mais são quase os mesmos pensamentos, e palavras, porém tudo mais apurado na primeira correcção, à qual é muito conforme a segunda. Não creio porém que o Poeta tivesse muito tempo, e paciência para o rever, por alguns leves defeitos, que nele se observam, não só no manuscrito, que vem na segunda Coleção, o qual não era original, mas também no da terceira, onde vem ultimamente escrito por letra do Autor. Naquela cópia faltavam na primeira Estância os versos 10, e 11; e na Estância quarta havia dois versos de mais. Na Estância dezoito o verso 11 se lia de sete sílabas, devendo ser de onze; e na Estância vinte estava o terceiro verso com o consoante errado. Na terceira Coleção supriu Dinis os versas da primeira Estância, e emendou o da Estância dezoito; porém não só conservou a 3ª da Estância vinte, mas reduzindo a treze versas a quarta, errou a consoante na emenda, que fez. Em nata daremos a sua lição, e no texto supriremos facilmente estes descuidas.

O princípio, ou introdução da antiga Écloga é a seguinte.

Há nos campos, que rega o brando Tejo,
Uma selva tão cheia de beleza,
Que parece a formou a Natureza
Para encher de delícias o desejo.
Os montes com os vales à porfia
Aparecem cobertos de verdura,
E as aves pelos ramos da espessura
Não cessam em cantar de noite, e dia.
Erguem-se em proporção alguns outeiros,
Onde vão terminar largas campinas,
Esmaltadas de rosas, e boninas,
Guarnecidas de choupos, e salgueiros.
Voando pelo prado brandamente,
Pinta o fresco Favónio as tenras flores,
Que diversas na graça, e mais nas cores,
Podem tornar alegre um descontente.
Correm por entre a relva murmurando
Muitos regatos de águas cristalinas,
E colhendo o rocio das boninas,
Andam sempre as abelhas sussurrando.
Os jasmims, cravos, goivos, lírios, rosas
Nascendo estão no meio da espessura;

E sem custar suor sua cultura,
As árvores se vêem sempre viçosas.
Não há tronco, que alegre mão floresta,
Nem flor se vê, que ao verde ramo unida,
Depois de estar em fruta convertida
Para regalo ao gosto não se ofereça.
Não se conhece ali o frio Inverno,
Nem o fúnebre Outono se receia,
Porque Flora, Pomona, e Amalteia
Nele fazem durar o Estio eterno.
Cantando docemente os seus amores
Se escutam pendurados dos raminhos
Os leves, e pintados passarinhos,
Sem os laços temer dos caçadores.
Não cria o monte, não produz o prado
Espinho duro, ou erva venenosa,
Antes nele se vê sempre viçosa
A relva, que seguro pasce o gado.
Os pastores sentados nas ervinhas
Ao incêndio de Amor, e suas freichas,
Uns entoam louvores, outros queixas
Ao som das acordadas sanfoninhas.
Respondem-lhe as montanhas, que guarnecem
O dilatado giro da campina,
Que das mágoas, que sente uma alma fina,
Até as mesmas penhas se enternecem.
Não há tronco, ou arbusto no arvoredor,
Nem em todo o contorno existe penha,
Onde a foice não grave, e impresso tenha
Dos mistérios de amor algum segredo.
Alguns nomes se lêem bem conhecidos,
Outros há, de que o dono inda se ignora:
Talvez que fosse algum pastor de fora
Quem os deixou nos troncos esculpidos.
Vão as plantas crescendo pouco e pouco,
E também os amores vão crescendo,
Que com vã esperança está mantendo
O desgraçado amante cego, e louco.
As pastoras, que ali guardam o gado,
De quem Siques gentil sente mil zelos,
Porque nas soltas tranças dos cabelos
Tecem doces prisões ao Deus vendado;
Umas, de amor fugindo o cruel fogo,
Ou perseguem as feras na espessura,
Ou nas margens de alguma fonte pura
Estão alegremente em doce jogo:
Outras, sentindo na alma o amante efeito,
Colhendo pelo campo as flores belas,
Tecem com suas mãos verdes capelas
Para o Pastor, que trazem no seu peito.

Enfim, tudo é prazer, tudo alegria,
Porque até os que amor fez desgraçados,
Tão contentes estão com seus cuidados,
Que por outros nenhum os trocaria.
Só Ergasto, Pastor bem conhecido
Nas ribeiras, que o claro Tejo rega,
Entre tantas delícias não sossega
De tiranas lembranças combatido:
Suspirando passava a noite, e o dia
Todo entregue ao rigor dum pensamento,
Sem que entre tantas horas de tormento
Lograsse um só instante de alegria.
Um dia, quando o Sol da ardente sesta
Ia já os calores mitigando,
E o Zéfiro os ramos maneando
Se ouvia sussurrar pela floresta:
Quando a sombra deixavam as ovelhas,
E fugindo do amparo dos seus ninhos,
Saltavam pelo prado os passarinhos
Entre as flores azuis, brancas, vermelhas.
Nas margens de um regato, que corria
Por entre moles juncos sossegado,
À sombra de um loureiro recostado
O saudoso Pastor assim dizia:
Verdes campos do Tejo deleitoso,
Correntes frescas, etc.

Num bosque de altas árvores cerrado,
Que em torno vai regando mansamente
A corrente do Caia cristalino,
No mais vivo calor da sesta ardente,
Num álamo roliço recostado,
As plantas se queixava o triste Elpino
De seu cruel destino.
Tudo então ao redor quieto estava,
E só triste alterava
O profundo silêncio da espessura
O carregado som, com que murmura
Por entre pedras a corrente fria,
E o mísero Pastor assim dizia:

ELPINO

Verdes campos do Caia deleitoso,
Correntes frescas, águas cristalinas,
Que matizando estais o verde prado
De mil cheirosas ervas, e boninas:
Eu me vi já em vós tão venturoso,
Tão ledado, tão contente, e sossegado,
Que meu humilde estado

Por outro mais soberbo não trocava.
Desde que o Sol dourava
A florida eminência deste monte,
Até que os claros raios no horizonte
A meus amantes olhos escondia,
Era todo prazer, todo alegria.

Quantos dias passei nesta espessura,
Gastando as horas no suave enleio
De um doce pensamento namorado,
Não querendo minha alma outro recreio
Mais que estar contemplando a formosura
Daquele gentil rosto delicado!
Oh venturoso estado!
Oh glória já passada! quão presente
Na ideia vivamente
A saudosa lembrança te figura!
Pois quer, para matar-me a desventura,
Que a todo o instante traga na memória
Doces lembranças da passada glória.

Que árvore se levanta neste prado,
Onde na dura casca de seu tronco
Minha doce afeição se não aviste?⁸³
Que tenra planta, que penhasco bronco
Deixou então por mim de ser gravado?
O tronco o diga desse teixo triste,
Onde cortado existe:
«Pastores, que habitais esta espessura,
«Sabei que Elpino jura
«De até à morte amar sempre constante
«Da sua Aglaia o angélico semblante,
«Tomando em fé da fé de seus amores
«As estrelas do Céu, do campo as flores.»

Com doces esperanças me entretinha,
Correndo sempre após uma ventura,
Que o Amor lá de longe me mostrava.
De ideias tão gostosas na doçura
Meu ardente desejo se mantinha;
E enquanto tanta glória me tardava,
Satisfeito passava,
Ora louvando a trança dos cabelos,
Causa de meus desvelos;
Ora os olhos gentis, onde escondido

⁸³ Variante:

Que na dura cortiça de seu tronco
Minha doce afeição não manifeste?

Amor a tantos peitos tem ferido;
Ora a graciosa boca, e o doce riso,
Onde achava minha alma um paraíso.

Mas a cruel Fortuna, que em meus males
Empenhada se mostra, de repente
O prazer me roubou: cruel violência
D'ante os olhos me arranca injustamente
A formosa Pastora: noutros vales
A meu amor a esconde. Dura ausência,
E quem terá paciência
Para sofrer teus golpes? quem constância
Para em tão cruel distância
Viver sem contemplar sua beleza?
O coração me estala de tristeza,
Ao ver quanta esperança num momento
Desfeita pelos ares leva o vento!

Apartou-se a Pastora de meus olhos,
E nos seus me levou toda a ventura,
Deixando só comigo o meu cuidado.
Desde então quanto vejo na espessura
Duros espinhos são, secos abrolhos.
As pastoras, a selva, o monte, o gado,
O fresco rio, o prado,
Tudo tão diferente me parece,
Que tudo me aborrece:
Os mesmos cantos das sonoras aves
Para mim são mais roucos que suaves;
E até a clara luz do novo dia
Me enche de uma mortal melancolia.

Quando por este vale pastorava
A minha bela Aglaia o feliz gado.
Com seus olhos, mais belos do que o dia,
Alento dando às flores deste prado,
Não sei que oculta graça em tudo achava,
Que tudo satisfeito me trazia:
Em tudo quanto via
Um doce, e natural contentamento
Achava o pensamento;
Mas depois que seus olhos se apartaram,
Tão diversos, tão fúnebres ficaram
Estes campos, tão faltos de beleza,
Que neles quanto vejo é só tristeza.

Já se não ouve a grita dos Pastores
Entre o bravo furor de ardente luta:
Os Faunos já não seguem as Napeias,
Nem a Sílvia cantar hoje se escuta

Ora queixas de amor, ora favores:
Deste bosque as formosas Semideias
Deixam as coreias;
O gado foge da risonha fonte;
Nem há no vale, ou monte,
Quem não chore, Pastora, a tua ausência;
E eu, que de seu rigor sinto a violência
Do coração ferir-me no mais vivo,
Pasma em considerar como inda vivo.

Já deram fim meus doces passatempos,
A caça, a luta, a barra, o baile, o jogo,
E das Ninfas gentis a companhia,
Onde acende o Amor seu voraz fogo:
A branda lira, com que noutros tempos
As amorosas mágoas divertia,
Quebrei esse outro dia,
A pesar dos Pastores deste monte
Nos penhascos da fonte.
Pois como o bem, que adoro ausente e firme
A terna voz não pode já ouvir-me,
Outra lira não quero, ou outro canto,
Que o triste som de meu contínuo pranto.

Por ti o doce canto me alegrava,
A branda lira, os jogos dos Pastores
Por ti seguia as feras na espessura,
E do prado colhia as várias flores;
Para ti entre rosas concertava
Os tenros favos cheios de doçura,
E a fresca nata pura:
Para ti os medronhos, e castanhas
Colhia nas montanhas:
Para ti cobiçava o senhorio
Do largo campo, do sereno rio:
Mas depois deste amargo apartamento
Nada cobiço mais que o meu tormento.

Quantas vezes a louca fantasia
Em suaves delírios transportado
Me conduz pelo meio da espessura
Sobre aquele rochedo alcantilado,
Onde de ver-se a glória possuía,
Supondo ali a tua formosura?
Mas oh quão pouco dura
Este meu tão gostoso desvario!
Pois no bosque sombrio
Só descobrem os olhos, e a memória
Doces vestígios da perdida glória,
Que dobram no saudoso pensamento

Os motivos cruéis de meu tormento.

Ali vejo o lugar, onde cantando
Ensinei tantas vezes às florestas
Teu nome a repetir, Ninfa querida:
Ali vejo também inda as giestas,
Por entre cujas flores escutando
Estavas teus louvores escondida.
A hera, que ao olmo unida,
Ao amor, que nossas almas enlaçava,
De amor exemplo dava,
Inda em seus verdes ramos enrolada
Cresce viçosa; e a faia levantada,
Que ouviu tantos suspiros namorados,
inda tem nossos nomes entalhados.

Tudo contemplo, e tudo sem mudança
Meus saudosos olhos estão vendo:
E logo contemplando em meu estado,
Nele tudo mudado compreendo.
Vejo cortada em flor minha esperança,
Quando o fruto esperava sazonado:
Vejo em terra lançado
De minha alegre vida o fundamento:
Sem glória o pensamento
Da cara vida ao gosto tão perdidos
Tão triste, tão contrário do que hei sido,
Que se atento qualquer me considera,
Uma sombra só vê do que antes era.

Talvez por enganar minha saudade
Do surrão, onde sempre anda guardado,
Tiro de entre outras prendas, que me deste,
Aquele lindo laço delicado,
Que para sempre atar-me a liberdade
De teus longos cabelos desprendeste.
Mas que pouco dura este
Pequeno refrigerio a meu tormento!
Pois logo o pensamento
À lembrança me traz o infausto dia
De meus males, de tua ausência impia;
E quando em seu rigor cuido, e discorro,
Sem de todo morrer mil vezes morro.⁸⁴

Aquela triste, e acerba madrugada
Da tua infausta, a súbita partida,
Cuja dor vence todo o sofrimento,

⁸⁴ Variante:

Morrer me sinto, e por meu mal não morro.

Enquanto conservar a infeliz vida
Na memória terei sempre pintada:
Entregue toda a noite a meu tormento,
O sono um só momento
Meus desgraçados olhos não gostaram;
E apenas assomaram
Da Aurora os claros raios no Oriente,
Já eu te vigiava impaciente;
E enquanto Efire as tranças te enfeitava,
Oh que tristes suspiros, que exalava!

Ali banhada em pranto, e mais formosa
Que o resplendor do Sol, que então nascia,
A janela chegaste, e suspirando,
Que outro bem nos negou a sorte impia,
Os tristes olhos triste, e saudosa
Sobre os meus inda mais tristes lançando,
No peito foste atando
O laço, que te dei, e assim partiste.
Ai cruel lembrança triste
O bárbaro mil vezes fero Elpino,
De ver o Sol, de respirar indino!
Pois um tão duro coração tiveste
Para a veres partir, e não morreste!

Largo espaço segui tuas pisadas,
Té que de entre umas penhas escondido
Com meus olhos sem cor, e sem alento
Ultimo adeus te dei: então partido
De dor o peito, as faces descoradas
Em pranto vi banhar-se, e num momento
Da morte o cm tormento
Sem morrer provei: ah se ali morrera
Menor pena sofrera.
Ánio, e Lídio, que sempre me seguiram.
E minha dor, e meu trespasso viram,
Quiseram, mas em vão, alívio dar-me,
Que sem ti nada pode consolar-me.

Oh! e quem me dissera a vez primeira,
Que de meu mal te fiz participante,
Que tão cedo traria a desventura
O sem ventura aborrecido instante
De tua ausência! ah glória lisonjeira,
Que depressa voaste! ah sorte dura
Porque minha fé pura,
Meu limpo amor persegues rigorosa?
E tu, Ninfa formosa,
Como um triste Pastor desamparaste,
A quem tão fina, tão constante amaste;

Que mil vezes juraste enternecida
De não deixá-lo, até deixar-te a vida?

Onde estão, bela Aglaia, os lindos olhos,
Que só com sua luz serena, e pura
O verde prado enchiam de alegria?⁸⁵
Onde está a celeste formosura
Que convertia em flores os abrolhos?
A tua voz tão cheia de harmonia,
Que de prazer me enchia
Com as doces palavras, onde soa?
Onde seu eco voa?
Porque, formosa Aglaia, me deixaste?
Para onde tão ligeira te ausentaste?
Por que selvas trocaste, por que praia
Os largos campos do aprazível Caia?

Invejosos de nossa pura glória
Os Fados contra nós se conjugaram
A malvada Corisca, e o vil Serrano
Ambos com feias cores debuxaram
De nosso doce amor a limpa história.
Pode mais que a verdade o falso engano,
Causa do fero dano
Por quem morrer me sinto! Pastor bruto,
Nunca de pranto enxuto
O teu rosto se veja: atassalhado
Te morra de cervais lobos o gado,
Pois a feia traição manhoso armaste,
Com que a vida do peito me arrancaste!

Ai formosa Pastora, se em amar-te
O fiel coração cometeu erro,
Eu só mereço a pena, eu o tormento
De tão injusto, bárbaro desterro.
Toma, Aglaia gentil, toma a lograr-te
Desta floresta, toma ao antigo assento,
Onde com triste acento
As tuas companheiras, que inda te amam,
Por ti sem cessar chamam.
Que eu por não perturbar-te a paz serena,
Fugirei deste campo, e praia amena,
E a serra buscarei mais desabrida,
Onde em pranto consuma a amarga vida.

Assim o Pastor triste se queixava
Tão absorto em seu mal, que a noite escura

⁸⁵ Variante:

Enchiam de alegria o verde prado?

De parda sombra o bosque já cobria:
E em queixar-se de sua desventura
Entre pranto, e soluços não cessava.
Aglaia, ah linda Aglaia! repetia,
Que fera tirania
De mim teu doce rosto esconde?... Quando
Pelas covas cantando
Corta o nocturno grilo o seu desgosto,
Pois erguendo ao som triste o triste rosto,
De escura treva viu a selva cheia,
E se foi suspirando para a Aldeia.

XXIII

Idílio. Filondas, Elpino.

Foi frito por ocasião de haver o Conde de Schaumbourg Lippe, mandado de Alemanha, onde então se achava, uma medalha aberta em honra sua, ao Autor, em reconhecimento da Ode Pindárica, que este lhe oferecera. Do presente Idílio, que falta na primeira, e segunda Colecção, vimos um manuscrito bastante antigo, que não era original: na terceira Colecção o achámos depois não só escrito por letra do Autor, mas também muito mais correcto, e acrescentado; apesar de que na terceira fala de Filondas, preferimos antes a primeira lição, e desta tirámos os versos, que se imprimiram em Nota.

FILONDAS

Que fazes, meu Elpino, aqui sozinho
Entre estes sincerais? que coisa é essa
Que estás tão de siso contemplando?
Ela pelo brilhar parece de ouro.

ELPINO

Não te enganas, Filondas; de ouro é puro,
Vale mais que um rebanho: chega, e atenta
Quão bem talhada está essa cabeça;
Repara na viveza, e majestade,
Que neste rosto brilha: se fé deres
Aos olhos, jurarás que está falando.

FILONDAS

Tens, Elpino, razão: o destro Alcandro
Que em lavar para o leite os grandes tarros
Entre nós é de todos o primeiro,
Com tal viveza levantar não sabe
As figuras, que neles subtis corta.
Porém de quem será a grande frente,
Que tanta majestade de si lança?
Que é de Apolo umas vezes me parece,
Outras de Marte ser se me figura:
Sim, de Marte é, que de outro ser não pode
A brava majestosa continência.

ELPINO

Enganas-te, Pastor, esta cabeça
Nem Marte, nem Apoio, representa,
Mas é só de um mortal fiel retrato:
Mas que mortal! mortal quase divino;

Mortal, que no saber Apolo vence,
E excede no valor o próprio Marte.
Não te lembrás, Pastor, daquele ilustre,
E famoso Guerreiro, que chamado
De longes terras foi para guiar-nos,
Quando o famoso Ibero entrando ousado
Pelos nossos apriscos descuidados
Com o pesado jugo ameaçava
A indómita cerviz da Lusa gente?

FILONDAS

Bem me lembra, e também que ele manhoso
Dos contrários assim enfreia a fúria,
Como nós, quando erguendo um novo açude,
Com ramos, e com pedras, que lhe opomos,
A corrente do rio represamos.

ELPINO

Pois esse o próprio é, que estás olhando.

FILONDAS

Mas onde achaste tu tão rica peça?
Foi acaso nas cercas de Serralvo,
Onde, segundo conta a nossa Gorgo,
Por fero encanto de maligna Fada
Está grande tesouro soterrado?

ELPINO

Não, amigo Pastor, o Varão grande,
Deixando os nossos campos, onde eternos
O seu Nome deixou, e sua fama,
De lá ma remeteu de seus pascigos,
Querendo premiar uns novos versos,
Que aqui cantar me ouviu em honra sua.⁸⁶

FILONDAS

Venturoso Pastor, que lá tão longe

⁸⁶ Já eu da sua boca tinha ouvido,
Quando no Tejo me falou benigno,
Estas palavras, que no peito guardo:
Enquanto o Céu te dá pouco rebanho,
Canta, sábio Pastor, que a tua lira
De cantar grandes coisas só é digna.

Achar o prêmio foste de teus versos!
Prêmio, que de glória encher te deve,
E tão raro entre nós faz a desgraça!
Olha o que sucedeu ao nosso Alcino,⁸⁷
E em tempos mais atrás àquele grande,⁸⁸
Cuja lira sublime e sonora
Mais afamada foi, do que ditosa.⁸⁹
Desprezos, e pobreza só houveram
(Lembrá-lo sem horror, sem dó não posso!)
Em galardão de haver a Pátria, a Língua
Com seus versos honrado, e enriquecido.
Mas deixando lembranças, que injuriam,
E injúria farão sempre à Lusa gente:
Essas letras, que em tomo à grande efigie
Recortadas estão, que dizer querem,
Elpino venturoso, se é que o sabes?

ELPINO

Palavras são de Sábios; são talhadas
Em linguagem, que nós não entendemos:
Méris, o sábio Méris, que das pedras
E das plantas conhece a força oculta,
E que delas usando se transforma
Umás vezes em lobo, outras em urso;
Que o ar delgado corta tras mudado
Ou em águia caudal, ou triste mocho;
Que das aves entende os vários cantos,
Os ladridos dos cães, e das raposas
O rouco regougar, uma por uma
Todas mas declarou. Estas, que em torno
Entalhadas se vêem da face augusta,
Guilherme a dizer vem de Lippe Conde,
E de Schaumbourg na ilustre antiga casa
Príncipe Soberano. Da outra parte⁹⁰

⁸⁷ Domingos dos Reis Quita, que por isso mesmo que a sua fortuna e educação puseram num lugar bem distante do Parnaso, a que ele com tanto afinco, e glória se endereçou, devia ser protegido e animado; foi pelo contrário perseguido, e atacado com críticas, e invectivas, que até o insultavam pela sua pouca ventura: críticas mais ditadas pela inveja, que pela razão. (Nota do Autor).

⁸⁸ Camões.

⁸⁹ Alusão ao que o mesmo Camões diz de si no Cant. 10 dos *Lusíad*. Est. 128. (Nota do Autor).

⁹⁰ *Lia-se no primeiro manuscrito:*

Estas, que em torno estão de grande vulto,
Guilherme dizem só Conde de Lippe,
E de outra terra mais, que não acerta
A língua proferir, por mais que teime:
As que em roda se lêem da outra parte, etc.

As que em roda se lêem, das Lusas Tropas
Por supremo caudilho o apregoam:
Estoutras, que debaixo dessa c'roa
Abertas aparecem, significam
Que este prémio será somente dado
Do engenho às grandes forças.

FILONDAS

Que não pode,
Elpino, da Cidade a esperta gente!
Ela até faz falar metais, e pedras.
E verdade que nós também cortamos
Das árvores nos troncos, e nas penhas
De Sílvio, ou de Dorinda os caros nomes.
Mas quão diferentes são nossos labores
Dos que ela tecer sabe! além da graça,
E do tom brando, e grave das palavras,
Que proferir nós outros não podemos;
Ela de mão em mão, e de ano em ano
Aos nossos netos fielmente envia
Com seus nomes o gesto, e a figura
Dos Cidadãos, que eternizar pretende:
Enquanto nossas rústicas memórias
Facilmente por terra lança, e prostra
Robusta mão, ou bravo pé de vento;
Ou pó subtil, e tenro musgo apaga.
Mas volvamos, Elpino, ao nosso conto:
E estas letras, que aqui estão debaixo
Umás com outras todas enredadas
(Lembrar da fonte os plátanos me fazem,
Onde as sestras passamos, cujos ramos
Entre si estão todos enlaçados.)
Que vêm a declarar?

ELPINO

Estas, Filondas,
Se a memória quiçá me não engana,
Mostrando o tempo estão, em que lavrada
Tão bela peça foi, o qual diz Méris
Que fora o da colheita já passada.

FILONDAS

Está bem: porém tu, Elpino amigo,
Que pretendes fazer de haver tão raro?
Tu com ele comprar, se não me engano,
Bem podes de Dorilo todo o gado,
Ou de Alceu o cerrado regadio.

ELPINO

Ah rústico Filondas! quanto ignoras
O preço, que se deve dar às coisas!
Eu o não largarei, em que por ele
Deste campo me ofereçam todo o gado
Ou todas as riquezas de Turino.
Atento o guardarei, enquanto vivo,
Não só pelo valor, mas pela glória
Por ser um dom de Príncipe tão grande;
E quando a fria Parca os mortais olhos
Em densas me cerrar eternas trevas,
De Condão será, ou do meu Tirse,
Se a cara vida os Fados lhe deixarem.

FILONDAS

Ora pois, meu Pastor, em paz a goza,
Apesar de pastores invejosos:
E agora, que segundo a fresca tarde
As brandas auras vêm, deste ribeiro
Que por entre alvos seixos escumando
Docemente murmura, e docemente
A prazer, e descanso nos convida,
Na margem, nos sentemos, Eu entanto
A lira tangerei, e tu Elpino,
Ao som de suas vozes cantar podes
Do grão Guerreiro em honra alguns dos versos,
Que te ouvimos cantar nesta ribeira,
E com que os grandes homens eternizas.
Em prémio não te ofereço um dom tão rico,
E que causar-te possa tanta glória,
Como o que ele te deu, e que hoje logras;
Pois Príncipe não sou, e não possuo
Mais que um pobre rebanho, e pobre choça;
Mas este meu cajado, que de mirto,
Segundo o que parece, foi cortado:
Nele do bom Crisfal a triste história,
Crisfal do cego amor tão maltratado,
Lavrada a vivo está: de antigo mestre
Obra por certo em tudo muito prima.

ELPINO

Estás doído, Filondas? imaginas
Tu por ventura que os famosos feitos
Deste grande Varão cantar se devem
Como os rigores da infiel Treseia,
Ou de Jolas, Anfrizo, e de Tirinto

As namoradas queixas? seus louvores
Querem mais arte, e tempo, e mais estudo.
E pois de todo o Sol já pouco, e pouco
Transmontando se vai, e das Aldeias
Começam a fumar as cumieiras,
A carear nos vamos nossos gados.

FILONDAS

Vamos, Elpino, pois. Tu se quiseres
Poderás esta noite em minha choça
Ao fogo repousar. Ali teremos
A fresca coalhada, os moles queijos;
Nem faltarão medronhos, e castanhas,
Nem da conchada pinha os duros frutos,
Com que a travessa Cloé tanto folga.

XXIV

EPITALÂMIO

Às felizes bodas do Ilustríssimo e Excelentíssimo Manuel Bernardo de Melo de Castro, depois Visconde de Lourinhã, e da Ilustríssimo e Excelentíssimo D. Domingos de Noronha.

Idílio. Dáfnis, e Dorilo

DÁFNIS

Porque (pois ambos juntos nos achamos,
Eu a cantar, tu a cantar disposto)
Porque, Dorilo, um pouco não cantamos?

A Lua vem mostrando o branco rosto
Por detrás desse outeiro: da ribeira
Na margem nos sentemos, se é teu gosto.

DORILO

Antes debaixo aqui desta parreira,
Que enrolada nos ramos do alto ulmeiro
Tremendo encrespa a viração ligeira,

Nos sentemos, meu Dáfnis: tu primeiro
A cantar principia, eu sou mais moço,
E devo ser no canto o derradeiro.

DÁFNIS

E quem se atreverá no monte nosso,
Onde cantas, cantar, se o teme Umbrano?
Mas farei, pois tu queres, quanto posso.

Os versos, que compus, há ele um ano,
Ao grande Mélio, que entre estranha gente
Eterno fez o nome Lusitano,

Cantarei; se a memória me não mente,
Estes por certo são; escuta atento:
«Porque observas, Lamon, tão fixamente

«Dos Planetas o antigo nascimento?
«Eis uma nova estrela se levanta
«De benigna influência, e luzimento:

«Já sua clara luz a Terra espanta,

«E em seu justo louvor, cheia de gozo,
«Esta ribeira novos hinos canta.
«Um verde altar...»

DORILO

Que tens, Pastor gracioso,
Que a cantiga suspendes começada,
Que escutando te estava tão gostoso?

Ah Dáfnis! assim negra trovoadas,
Que arrojando coriscos, e centelhas
Espalha pelos montes a manada,

Nunca faça abortar tuas ovelhas:
Assim achem no estio sempre o prado
Coberto de alecrim tuas abelhas,

Que no canto prossigas começado.

DÁFNIS

Falta-me a voz, falta-me alento
Para assunto cantar tão levantado:

O verso não é vil, é alto o acento;
Mas a voz rouca, e baixa, e ao repeti-lo
Não o posso ajustar, por mais que o intento:

Tu porém, suavíssimo Dorilo,
Já que contigo as Musas repartiram
Uma sonora voz, um brando estilo,

Canta ora os doces versos, que te ouviram
Nas bodas de Damon os guardadores,
Que depois tanto tempo repetiram.

DORILO

Não, amigo pastor, outros melhores
Te cantarei: se não me engana a ideia,
A bodas não são feitos de pastores.

As Tágides gentis na solta areia
Uns repetiam, outros os saltantes
Faunos ao brando som da clara veia.

Os álamos, as faias circunstantes
Para ouvi-lo corriam; não batia
Fresco Zéfiro as asas sussurrantes.

E eu que a banhar levava na água fria
Do Tejo as louras vacas, suspenso
Largo espaço fiquei com a melodia:

'Té que cobrando o espírito perdido
O canto, que lhe ouvi, fui escrevendo
No tronco de um sicómoro florido.

DÁFNIS

Pois canta, meu Pastor, que eu já te atendo.

TÁGIDES

Há maior tirania! uma Donzela
Tão tenra, tão honesta, e tão mimosa,
Ao coro de Diana consagrada,
Mais branca que jasmim, e mais formosa

Que na manhã de Abril rosada, e bela
A matutina estrela;
Muito mais pura, muito mais guardada
Que em cercado vergel flor delicada,
A um Guerreiro se entrega,
Bem que a seus pés prostrado,
Em ardentes desejos abrasado,
E à nossa companhia se nos nega!
Ah! que mais o inimigo executara,
Se estas nossas ribeiras assolara?

FAUNOS

Que coisa pode haver mais ajustada,
Que dar a Esposa ao Esposo, que a merece,
Que conhece seus dotes, e que os ama?
Ele ao galhardo Marte se parece;
A Mãe de Amor, das Graças rodeada,
A Ninfa delicada:
Um pelo outro em suave ardor se inflama,
Doces suspiros, doces ais derrama.
Leve pois em fausta hora
A tímida Donzela
O marcial Herói, e a Ninfa bela
Siga contente, quem contente a adora;
Que do casto Himeneu o nó sagrado
Inda almas mais iguais não tem ligado.

TÁGIDES

Ah cruel Himeneu, que tirania
Pode a tua igualar? Tu do regaço
Da mãe saudosa a filha delicada
Arrancas inumano, e em duro laço
A triste prendes, cheia de agonia:
Os jogos, a alegria
Da tenra idade, idade suspirada
Por ti deixa de lágrimas banhada;
E tu sem ter piedade
De seus mimosos anos,
Com esperanças vãs, doces enganos
Lhe roubas a inocente liberdade,
E em dourada prisão fazes que viva
De Esposa com o título cativa.

FAUNOS

Ó suave Himeneu! os teus favores
Que coisa igualar pode! tu a Esposa
Com mil ânsias, e sustos pretendida
Ao terno Esposo dás, e em paz ditosa
Sem fadiga lhe fazes, sem temores
Lograr os seus amores:
Tu na pura prisão apeteçada
De duas almas formas uma vida:
Tu enches de alegria, Tu aumentas a graça
A nova Esposa, e fazes que renasça
Nos filhinhos gentis, que em companhia
Viva do Esposo, que rendido a adora,
De Esposa com o título Senhora.

TÁGIDES

Qual em fresco jardim purpúrea rosa,
De vigilante Ninfa cultivada
Para enastrar-lhe as tranças, feliz crece
A branda luz do Sol, da água regada;
Sempre mais bela, sempre mais cheirosa;
Mas se mão cobiçosa
Lasciva a toca, logo se entristece,
Logo perde a beleza, e desfalece:
Assim a moça bela
Na doce companhia
Das outras moças cheia de alegria,
Cheia de graças é quando donzela;
Mas depois que casou, na prisão dura
Perde a alegria, perde a formosura.

FAUNOS

Qual de Idumeia a palma celebrada,
Se em largo campo solitária existe,
Nem verdes ramos lança, nem floresce
Antes sempre infecunda, sempre triste,
Qual se de raio fosse já tocada,
Murcha está, e mirrada:
Mas se outra junto dela brota, e crece
Logo se alegra, logo reverdece;
E erguendo aos Céus a rama,
A Ninfas, e Pastores
A que cantem ali os seus amores
Na ardente sesta com as sombras chama,
Deste modo a Dama é, triste em Donzela,
Mas depois de casada, alegre, e bela.

TÁGIDES

Tristes de nós! da nossa companhia
Roubar querem a Ninfa mais formosa,
Que até hoje pisou nossas areias;
E qual ao verde prado o lírio, a rosa,
De esmalte, e de coroa nos servia.
Quem de hoje em diante guia
Será em nossos bailes, e coreias?
Quem nos ensinará nas subtis teias
Com os fios de ouro fino
A retratar os prados,
De violas, e jacintos marchetados!
Ou quem com tom tão raro, e peregrino
Entre nossas tarefas, e labores
A casta Deusa cantará louvores?

FAUNOS

Felizes nós, feliz esta espessura,
Onde em breve contentes esperamos
Ver dos Castros o ramo florecente
Em novos florescer virentes ramos!
O Fado nos promete esta ventura,
Talásio a assegura.⁹¹
Eis nasce o suspirado descendente;
Eis já cresce em virtudes excelente:
E os dois Tios seguindo⁹²

⁹¹ Nome que os poetas invocavam em seus Epitalâmios. *Catul., in Epithal. Et Mar.* Alguns querem que seja o mesmo Himeneu, e que os Romanos lhe dessem esse nome por causa do lanifício, que em grego se chama *ταλάσια*, a que as mulheres romanas só se obrigavam casando, conforme Plutarco. Outros pretendem que fosse um certo Talásio, a quem coube por sorte uma das Sabinas roubadas, e com quem viveu muitos anos em boa harmonia. (Nota do Autor).

Pela estrada da Glória,
Ei-lo nas grandes asas da Vitória
Ferozes inimigos destruindo:⁹³
Ei-lo com cem algemas prende à guerra,
E a paz ditosa faz tomar à terra.⁹⁴

TÁGIDES

Ah! já te levam! tristes, que faremos?
Vai em paz, bela Ninfa, e os Céus te guiem:
Horas serenas, horas venturosas
A teus dias as Parcas sempre fiem.
Nós à nossa ribeira tomaremos,
Ali te formaremos
De roxos lírios, de encarnadas rosas
Frescas capelas tristes, e saudosas.
Os ramos de um loureiro
Ornaremos com elas;
Subirão os seus ramos às estreias,
As estrelas levando este letreiro:
«Árvore sou a Fílis consagrada,
«De gado nem pastor seja tocada.»

FAUNOS

Vem Ninfa, vem depressa, onde te aguarda
Teu Esposo, que há tanto por ti chama:
Ah! não queiras mais tempo desdenhosa
Que aquele coração, que ansioso te ama,
Se consuma em desejos, e em vão arda.
Vê, Ninfa, que já tarda
A tua compaixão: entra animosa,
Triste no parecer, na alma gostosa,
Onde o Leito dourado
De mil cheirosas flores,
C'os prazeres, c'os jogos, c'os amores
Te tem a bela Juno recamado.
Ah! entra: não dilates na tardança,
Da progénie imortal a alta esperança.

TÁGIDES E FAUNOS

⁹² O Ilustríssimo e Excelentíssimo Dinis de Melo e Castro, primeiro Conde das Galveias, e o Ilustríssimo e Excelentíssimo Martinho de Melo e Castro, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Ultramarinos. (Nota do Autor).

⁹³ Alusão às grandes vitórias do primeiro Conde de Galveias, tanto nas guerras da Aclamação, como na da Grande Aliança. (Nota do Autor).

⁹⁴ Alusão à paz de Paris, em que o Ilustríssimo e Excelentíssimo Martinho de Melo foi um dos Plenipotenciários (Nota do Autor).

Largos anos vivei, gentis Esposos,
Em doce paz, em doce companhia;
Sempre ateando estém vossos ardores
Pura fé, casto amor, tema alegria.
Torne Ilítia em breve venturosos⁹⁵
Estes campos famosos:
Nasçam em breve os grandes sucessores,
Que igualando em virtude seus maiores,
Façam sempre temido
O nome Lusitano;
Que outra vez pague ao Tejo o Oceano
O antigo feudo, e seja conhecido
Desde a gelada Tule ao adusto Egipto
De Castro, e de Noronha o Nome invito.

DÁFNIS

Qual em cerrado bosque a fonte fria
Ao cervo sequioso, e encalmado,
Tal me foi de teu canto a melodia.

Este copo de faia, em que entalhado
Dessas bodas está todo o sucesso,
Das frutas pastoris tão celebrado,

Por prémio, meu Dono, hoje te ofereço:
Ainda em folha está, e a escultura,
Por ser do destro Alcandro, não tem preço.

E pois já escondeu a face pura
A branca Lua, e em triste sombra grossa
Envolta nos deixou a espessura,
Vamos a descansar na minha choça.

⁹⁵ Divindade, que (segundo a Fábula) preside aos partos: alguns querem que fosse Juno, fundados na passagem de Terenc. *in Andr. Act. III. Scen. 1. Juno Lucina fer opem; serva me obsecro*: outros pretendem que seja Diana, com as autoridades de Virgílio na *Écloga 4*, verso 10. *Casta faue Lucina: tuus iam regnat Apollo*: de Calímaco, *Himn. in Dian. vers. 21* e de Orfeu no Hino à mesma Diana.

Ωδινον έπαζωγε και ώδίνων όμώμητε

Homero porém no Livro V, verso 270 da *Iliada*, fala de Ilithya, como de muitas Divindades, e as faz filhas de Juno. Neste mesmo conceito diz o Oráculo das Sibilas: *Post haec Ilithyas placato puerperas hostiis*. Mas os antigos, quando falavam por este modo, entendiam por Ilithyas as muitas Deusas, que presidiam aos partos; e ora as chamavam Ilithyas, ora Lucinas, ora Genetyllides: porém dizendo simplesmente Ilithya, entendiam uma Deusa filha de Juno, e irmã de Hebe, cujo officio era proteger as mulheres, que pariam, e a ela faziam as mesmas Sacrificios. Esta Ilithya tinha em Roma um Templo, no qual pagavam certa moeda todos os que nasciam, e morriam: instituição de Sêrvio Túlio, para saber o número dos moradores de Roma. Nas medalhas, e antigas inscrições se lê o nome de Elithya, que se deriva do Grego ελεύθειν. (Nota do Autor).

XXV

Idílio. Cidrália e Perino.

CIDRÁLIO

Solta, Perino, as águas, que é Sol posto,
E tempo de regar as laranjeiras.
Ah bela Limosina! por onde andas,
Que a ver inda não vens o teu Cidrália?

PERINO

Já tens aberto o tanque, as frescas águas
Ligeiras vão correndo; os regos abre:
No que convém cuidar, cuidemos ora,
E deixa Limosina, e seus enganos.

CIDRÁLIO

Queres tu que cantemos entretanto!
Que o cantar alivia aos que trabalham.

PERINO

Eu por mim estou prestes: cantar podes,
Que eu te responderei quando for tempo.

CIDRÁLIO

Formosa Limosina, inda mais branca
Que a flor da laranjeira, mais corada
Que os corados damascos: teus cabelos
Dos dourados limões a cor excedem.
E tua linda boca é mais vermelha
Que os bagos da romã no ramo aberta.
E tua doce voz muito mais doce
Que as uvas moscatéis, que os figos lampos.⁹⁶
Mas tantas perfeições, Ninfa, que importam,
Se tua condição inda é mais dura
Que as duras sorvas, que os marmelos duros;
E são tuas palavras mais azedas
Que os azedos limões, que as uvas verdes?
Um palmito de rosas, e de ginjas

⁹⁶ Variante:

Na serena manhã inda orvalhados.

(*Colecção I*).

Com tal arte teci para oferecer-te,
Que nele poderás ler enlaçado
Com teu nome meu nome; as grandes letras
Pela vermelha fruta são formadas.
Mas tu a meti amor não tens respeito,
Nem aos mimosos dons, com que te aguardo.
Ah doida Limosina! que não olhas
Quem desprezas: quão rico, e abundante
De viçosos pomares, e de fruta,
Ou já de espinho seja, ou de caroço.
No Inverno, e no Verão em meus cercados
Nunca a fruta faltou, sempre anda a rodo.
As amarelas cidras, as amoras,
As raiadas maçãs, as azerolas,
Pêras, figos, melões, romãs, laranjas,
Tudo será teu, tudo te ofereço,
Com outras muitas mais, que não repito,
Contanto que uma vez a ver-me venhas.
Ah vem, travessa Ninfa, onde te chamo:
Onde outras Ninfas vêm, onde voando
Por entre os densos ramos, semelhante
A um leve perdigão, Amor te espera:
Ele com mil prazeres te convida.
Aqui de Maio nas saudosas tardes
Sentada à sombra de uma laranjeira
De frutos, e de flores carregada,
Que com doce fragrância o ar perfuma,
Verás como se queixa a casta rola
Ausente da parceira; e noutro tempo
Gemer o torcaz pombo, que não sabe
Que voraz para ti no mato engorda.
Eu, Ninfa, o colherei com a negaça,
E preso de um cordão de fina seda
A teus pés o porei, se o tu quiseres.
Aqui virão as Dríades trazer-te,
Tão ledas de te ver, quão invejosas,
Em brancos cabazinhos de seus ramos
A fruta mais madura entre mil flores:
Uma o viloso pêssego, outra os figos,
Outra a sucosa lima, as pêras outra.
Entretanto a teus pés o teu Cidrário,
Abrasado em amor, e palpitando,
Ao vento espalhará mil doces cantos,
Cantos mais maviosos, que os que espalha
Na calada floresta o solitário.
Mas tu, fragueira Ninfa, não conheces
As doçuras de amor, nem seus encantos;
E de Amor, e de mim andas zombando.
Dize, tirano Amor, como consentes
Que a cruel Limosina te escarneça?

Eu para te adornar a tua estátua
Todos os dias ao romper da Aurora
Das orvalhadas flores as mais finas,
Que brota o meu pomar, teço uma c'roa;
Eu ponho em teus altares de meus frutos
As gostosas primícias, ora as uvas,
Ora a gostosa pêra, ora as ameixas,
E os morangãos, que nascem pela terra;
E tu de meu amor, cruel, não curas!
Oh duro Amor de dura mãe nascido!
De dura mãe? de um áspero rochedo,
Duma dura azinheira, duma fera:
Eu te sirvo fiel, e tu não ouves
Meus fêrvidos suspiros, nem meus votos.
Limosina cruel, que do Amor zombas,
Olha como me paga este tirano,
Como trata cruel a quem o serve,
E submisso o venera; e verás logo
Quanto deve temer quem o despreza.

Assim cantou Cidrálío: vós, ó Musas,
Dizei o que cantou Perino agora.

PERINO

Quem quer em seu pomar ter boa fruta
Das frescas águas lhe não seja avaro,
Ou quando assoma no Oriente a Aurora,
Ou quando no horizonte o Sol se esconde.
Boa almácega tenha, donde possa
Na tenra infância as árvores criando,
As anosas, cansadas, e sem forças
A tempo revezar; que a tenra planta,
No mesmo ar criada, e mesma terra,
A nova habitação não estranhando,
Cresce com mais vigor. Cuidado tenha
Que a sação seja própria a transplantá-la,
Que seja enxuto, e bonançoso o dia;
Nem jamais na viçosa Primavera,
Se fatal precisão o não obriga,
A terra a encomende: corte, e limpe
As raízes mirradas, e já podres,
As confusas, e inúteis: isto feito,
Na nova cama o rebentão disponha,
Sem que muito trabalhe em soterrá-lo;
Porque as fibras, que o suco lhe ministram,
Melhor à superfície se alimentam,
Onde a terra é melhor; melhor resistem
Ao humor, que em excesso as apodrece.
Ali do quente Sol mais se aproveitam,

Ali do orvalho, e das serenas chuvas,
Que no Verão benigno o Céu derrama,
Bebem a seu prazer; e em pouco tempo
Desenvolvendo os vegetantes braços
A nova planta, pagam largamente
Ao activo cultor sua fadiga:
Da calejada mão cair não deixe
O buído podão, a dura enxada;
Cave, e decote sem cessar no dia.
Não consinta nas árvores viçosas
A comprida vergôntea, que se mirra,
Porque o suco vital a desampara.
Decepe as que sem ordem espalhadas
Cá, e lá pelo erguido tronco brotam;
Nem ao pé da raiz deixe ir crescendo
Os tenros filhos, que fecunda lança
Em tomo à verde mãe com o muito vício.
Se as árvores formosas se envelhecem,
Artes não faltam para remoçá-las;
Tudo o duro trabalho, tudo vence:
Quiçá convém cavando ao redor delas
'Té a grossa raiz sem ofendê-la,
Tirar a velha terra, e na alta cova
De podre estrume de tardias vacas
Alguns cestos deitar, e algumas vezes,
Se seco o Inverno for, lançar-lhe água.
Depois no mês segundo do ano novo
'Té ao vivo se corte o duro tronco,
Que a seu tempo robustas, e viçosas
Aos Céus levantarão a verde copa.
Talvez útil será despir o tronco,
E os grandes braços da cortiça grossa,
Que de em tomo as aperta, e embaraça
Que o suco radical, de que se animam,
Livramento circule; mas primeiro
Em roda se lhes tire a antiga terra,
E em seu lugar se meta algum sarmento,
E depois com estrume e terra nova
Se tape muito bem a cova toda.
Na árvore, que é bravia, e pouco útil,
Porque a fruta produz de ruim gosto,
Outra deve enxertar mais proveitosa,
E verá ao brotar dos tenros olhos
Como se admira, e folga o tronco antigo
De em seus garfos criar folhas estranhas.
Entre tantos cuidados não se esqueça
De alçar no meio dos pendentes ramos
Com o grato peso dos mimosos frutos
O Nume vigilante de Helesponto,
Que as formigueiras mãos, vorazes aves

Com a comprida cana aterra, e enxota.
Com a miúda cinza abraça, e cerque
Das árvores o pé; porque a subi-las
A daninha formiga não se atreva,
E voraz na sação a fruta estrague.
Mas se o negro esquadrão tiver passado,
E em bandos infestar os ramos todos,
Tomando posse dos maduros pomos,
Com enxofre as perfume, e verá logo
Como em chuveiro cai cobrindo a terra
O inimigo cruel das altas folhas.
Outras espécies há de sevandijas,
Que em enxames se lançam sobre as plantas,
Devorando cruéis em pouco tempo
Não só as tenras flores, tenros frutos,
Mas inda as mesmas árvores robustas,
Esperança quiçá de longos anos.
Deve pois o prudente Pomareiro
De altas sebes cobrir os seus pomares
Contra o vento, que sopra do Oriente,
E que a maligna praga traz consigo.
Nem com isto sossegue, junto delas
De húmida palha, e de nocivas ervas
Ateie sem cessar grandes fogueiras;
Porque o fumo ao passar a voraz hoste,
Remoinhando a afogue, e à terra lance;
Mas se nada bastar, e o cruel bando
As barreiras vencendo entrar triunfante
No viçoso pomar, então decote
Os ramos atacados sem piedade.

Estas coisas, e outras semelhantes
Devem cantar, Cidrálí, os pomareiros,
E não de um vão amor vão desvarios.

CIDRÁLÍO

Falas, Perino, assim, porque não sentes
Seu veneno cruel dentro das veias;
Se ele tuas entranhas abrasara,
De outra sorte talvez me aconselharas.

PERINO

A planta, que é ruim, triste Cidrálí,
Com a raiz se arranca; faze o mesmo
A cruel afeição, que tens no peito.

CIDRÁLÍO

Mil vezes, mas em vão, tentado o tenho,
Que é seu poder maior que minhas forças.

PERINO

De ócio nasce o amor, de ócio se ceva,
Se tu queres domá-lo, cava, e planta,
Cultiva o teu pomar, e de ai não cures.

CIDRÁLIO

Cavarei, plantarei, Perino amigo,
E o Céu queira que seja como dizes.

FIM DO TOMO II

Transcrição de Deolinda Rodrigues Cabrera baseada na edição de Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato (*Poesias de António Dinis da Cruz e Silva. Na Arcádia de Lisboa Elpino Nonacriense*, Tomo II, Lisboa, Tipografia Lacerdina, 1807).

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>
